



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
FACULDADE DE LETRAS (FL)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA (PPGLL)

RAFAEL DOS REIS FARIAS

**Super-Heróis de Histórias em Quadrinhos:**  
material didático para produção de textos.

GOIÂNIA,  
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE  
TESES**

**E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

☒ Dissertação    ☐ Tese

**2. Nome completo do autor**

**Rafael dos Reis Farias**

**3. Título do trabalho**

**"SUPER-HERÓIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: MATERIAL DIDÁTICO PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS"**

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM    ☐ NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **RAFAEL DOS REIS FARIAS**, Discente, em 18/02/2022, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Eliane Marquez da Fonseca Fernandes**, Usuário Externo, em 18/02/2022, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

file:///C:/Users/rapha/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps\_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/SQV1/Attachments/Ter... 1/2



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2707951** e o código CRC **46F993C3**.

RAFAEL DOS REIS FARIAS

**Super-Heróis de Histórias em Quadrinhos:**  
material didático para produção de textos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa 07: Língua, texto e discurso

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes

GOIÂNIA,

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Farias, Rafael dos Reis  
Super-Heróis de Histórias em Quadrinhos [manuscrito] : Material  
Didático para Produção de Textos / Rafael dos Reis Farias. - 2022.  
CLI, 151 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e  
Linguística, Goiânia, 2022.

Bibliografia.

Inclui siglas, lista de figuras.

1. Super-Herói; Bakhtin; Multiletramentos; Dialogismo; HQ. I.  
Fernandes, Eliane Marquez da Fonseca, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº **01** da sessão de Defesa de Dissertação de **Rafael dos Reis Farias** que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos **dezessete** dias do mês de **fevereiro** do ano de **dois mil e vinte e dois**, a partir das quatorze horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada **"SUPER-HERÓIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: MATERIAL DIDÁTICO PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS"**. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, Profa. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: Profa. Dra. Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira (PPGLL/FL/UFG) - membro titular interno e Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima (PPG-IELT/UEG) - membro titular externo. Durante a arguição, os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Profa. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **dezessete** dias do mês de **fevereiro** do ano de **dois mil e vinte e dois**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sostenes Cezar de Lima**, Usuário Externo, em 18/02/2022, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Marquez da Fonseca Fernandes**, Usuário Externo, em 18/02/2022, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira**, Professor do Magistério Superior, em 22/02/2022, às 11:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2707938** e o código CRC **1B984585**.

Referência: Processo nº 23070.006910/2022-91

SEI nº 2707938

Dedico, infinitamente, esta dissertação à minha MÃE!!!

Ela é o ser humano que mais me fez entender o conceito de Herói durante toda a minha vida, não só por ser a melhor Mãe do Mundo, mas por ser Heroína em um mundo de mediocridades em que os Heróis é que reinam!

Agradeço imensamente aos desafios que a vida me deu para chegar a esse estágio!

Agradeço a todos os Heróis que formaram minha visão de mundo!

Agradeço à minha família, em especial à minha Mãe (Gasparina), ao Meu Pai (Júlio) e à minha irmã (Luanna)... Eles me incentivaram sempre a prosseguir!

Agradeço infinitamente aos meus amigos, meus grandes parceiros... Antônio Henrique, Gladys, Alexandre, Kátia, a todos do Sesc!

Agradeço imensamente à professora Eliane Marquez, minha orientadora, que me fez me apaixonar pelas teorias do texto, do discurso, do enunciado desde a graduação e, com isso, me fez povoar a mente com sonhos de construir estudos que contribuíssem para os demais da mesma forma que ela contribuiu para o meu aprendizado!!!

Agradeço imensamente ao pessoal da Pós-Graduação da Faculdade de Letras - UFG, que tanto me auxiliou em todos os sentidos, desde a mais básica à mais complexa necessidade! Meu reconhecimento em especial aos técnicos administrativos, que me respondem e-mails, muitas vezes, às 23h54... Parabéns pela dedicação e pelo exemplo de profissionalismo!

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para este texto!

## **RESUMO:**

A presente dissertação tematiza a heroicidade. Os heróis penetram a humanidade em várias dimensões, sejam históricas, sociais, geográficas e/ ou culturais, e conseguem, por meio de ações honrosas, a promoção didática de valores, princípios para o convívio harmônico (CARLYLE, 1956, e ECO, 2008). Por isso, tematizamos como os super-heróis das histórias em quadrinhos podem construir um trajeto para compreender a teoria de Bakhtin (1997, 2006, 2010, 2013) no ensino brasileiro e também como isso pode ser útil para a disseminação da Pedagogia dos Multiletramentos, proposta por Rojo (2012, 2016) e a BNCC (2017). Nessa via, nosso objetivo é avaliar como os super-heróis conseguem preencher de sentido a existência humana (MOSÉ, 2018), dando conta dos mitos (HARARI, 2019) que estruturam, ao longo de sua jornada literária (CAMPBELL, 1990, VOGLER, 1998, IRWIN, 2009), também a mentalidade do homem. Para isso, temos como objetivo geral de pesquisa analisar a constituição discursiva do herói ao super-herói no gênero História em Quadrinhos, em correlação com os impactos possíveis ao leitor. Nossos objetivos específicos situam-se sobre as dimensões filosóficas e literárias que conceituam o super-herói, além das absorções de características de modais digitais de manifestação, bem como a discussão sobre Multiletramentos nos documentos oficiais de educação em articulação com os Direitos Humanos. O primeiro e mais fundamental passo de nosso projeto é a proposição de uma atividade de produção textual para os estudantes da primeira série do Ensino Médio, que represente as perspectivas de super-heroicidade, as dimensões de ensino bakhtinianas e a Pedagogia dos Multiletramentos, a partir de uma proposta didático-metodológica de ensino. Nossa proposição visa envolver discentes na criação de histórias em quadrinhos em ambientes virtuais, discutindo tematicamente intervenções sociais às mazelas da nação brasileira. Metodologicamente, nos valem, a princípio, da percepção bibliográfica, e sequencialmente de uma análise qualitativa dos levantamentos, consoante Assis (2009), sob a égide de contribuições teóricas também de pesquisadores como Silva (2013), Weschenfelder et al (2015), Paiva (2016), Shimazaki et al (2018), Lisboa e Oliveira (2020), Andraus (2013) e Xavier (2017). Em nosso embasamento, o super-herói, existente a partir da sustentação que lhe dá a língua, acena para a Linguagem Humana e contribui, juntamente com a manutenção de seus discursos (FOUCAULT, 2000, 2008, 2009), para o viés dialógico que explica Bakhtin (1997, 2006, 2010, 2013). Em sequência, nossa abordagem também se estende à dimensão pedagógica dos documentos oficiais de Educação Nacional, aos PCN (1998), aos PCN+ (2002) e à BNCC (2017), todos situando esforços quanto ao emprego do gênero História em Quadrinhos em sala de aula e quanto aos estudos direcionados ao ENEM. Ao final, apresentamos um material didático que embasa nossas proposições por meio de sete (7) aulas estratégicas que procuram suscitar os pontos linguístico-dialógicos que discutimos ao longo da dissertação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Super-Herói; Bakhtin; Multiletramentos; Dialogismo; HQ.

## ABSTRACT

The present dissertation thematizes heroicity. Heroes penetrate humanity in several dimensions, whether historical, social, geographic and/or cultural, and manage, through honorable actions, the didactic promotion of values, principles for harmonious coexistence (CARLYLE, 1956, and ECO, 2008) . Therefore, we thematize how comic book superheroes can build a path to understand Bakhtin's theory (1997, 2006, 2010, 2013) in Brazilian teaching and also how this can be useful for the dissemination of the Pedagogy of Multiliteracies, proposed by Rojo (2012, 2016) and BNCC (2017). In this way, our objective is to evaluate how superheroes manage to fill human existence with meaning (MOSE, 2018), taking into account the myths (HARARI, 2019) that they structure throughout their literary journey (CAMPBELL, 1990, VOGLER, 1998, IRWIN, 2009), also the mentality of man. For this, we have as a general research objective to analyze the discursive constitution of the hero to the superhero in the comic book genre, in correlation with the possible impacts on the reader. Our specific objectives are situated on the philosophical and literary dimensions that conceptualize the superhero, in addition to the absorptions of characteristics of digital modes of manifestation, as well as the discussion on Multiliteracies in official education documents in conjunction with Human Rights. The first and most fundamental step of our project is the proposition of a textual production activity for the students of the first year of High School, which represents the perspectives of super-heroicity, the Bakhtinian teaching dimensions and the Pedagogy of Multiliteracies, based on of a didactic-methodological teaching proposal. Our proposal aims to involve students in the creation of comics in virtual environments, thematically discussing social interventions to the ills of the Brazilian nation. Methodologically, we use, at first, the bibliographic perception, and subsequently a qualitative analysis of the surveys, according to Assis (2009), under the aegis of theoretical contributions also from researchers such as Silva (2013), Weschenfelder et al (2015), Paiva (2016), Shimazaki et al (2018), Lisbon and Oliveira (2020), Andraus (2013) and Xavier (2017). In our basement, the superhero, existing from the support that the language gives him, beckons to the Human Language and contributes, together with the maintenance of his speeches (FOUCAULT, 2000, 2008, 2009), to the dialogic bias that explains Bakhtin (1997, 2006, 2010, 2013). In sequence, our approach also extends to the pedagogical dimension of the official documents of National Education, to the PCN (1998), to the PCN+ (2002) and to the BNCC (2017), all placing efforts regarding the use of the comic strip genre in the classroom. class and as for the studies directed to ENEM. At the end, we present a didactic material that supports our propositions through seven (7) strategic classes that seek to raise the linguistic-dialogical points that we discussed throughout the dissertation.

**KEYWORDS:** Super Hero; Bakhtin; Multiliteracies; Dialogism; Hero In Comics.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**BNCC** Base Nacional Comum Curricular

**CEP/UFG** Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás

**ENEM** Exame Nacional do Ensino Médio

**GNL** Grupo de Nova Londres

**HQ** História em Quadrinhos

**LDB** Lei de Diretrizes e Bases

**MEC** Ministério da Educação

**PCN** Parâmetros Curriculares Nacionais

**PCN+** Parâmetros Curriculares Nacionais Mais

**TICs** Tecnologias de Informação e Comunicação

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1:</b> “Batman e Robin em: O mistério da máscara ameaçadora” (DC COMICS, 2000)                                                            | 27 |
| <b>Figura 2:</b> “Batman e Robin em: O mistério da máscara ameaçadora” (DC COMICS, 2000) – Foco na face de Bruce Wayne e Dick.....                  | 33 |
| <b>Figura 3:</b> HQ “Superman: Son of Kal-El”, página 09 do capítulo 01. (DC COMICS, 2021).                                                         | 35 |
| <b>Figura 4:</b> HQ “Superman: Son of Kal-El”, página 10 do capítulo 01. (DC COMICS, 2021).                                                         | 37 |
| <b>Figura 5:</b> meme de circulação livre na internet, extraído do site do Correio Brasiliense.....                                                 | 68 |
| <b>Figura 6:</b> Página inicial da primeira HQ de Super-Herói, do Superman, de 1938, publicada pela Action Comics. ....                             | 71 |
| <b>Figura 7:</b> Página 04 da revista em quadrinhos Amazing Fantasy, apresentando: Homem Aranha, de 15 de agosto de 1962 (MARVEL COMICS, 1962)..... | 75 |
| <b>Figura 8:</b> Trecho da revista “Os vingadores”, de 1970, edição de número 072. (MARVEL COMICS).....                                             | 78 |
| <b>Figura 9:</b> HQ “Superman: Son of Kal-El”, página 22 do capítulo 05. (DC COMICS, 2021).                                                         | 80 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                            |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>RESUMO:</b> .....                                                                                       | <b>8</b>  |
| <b>ABSTRACT</b> .....                                                                                      | <b>9</b>  |
| <b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....                                                                | <b>10</b> |
| <b>LISTA DE FIGURAS</b> .....                                                                              | <b>11</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS: EU POR MIM E PELOS MEUS SUPER-HERÓIS</b> ..                                     | <b>14</b> |
| <b>CAPÍTULO 01</b> .....                                                                                   | <b>26</b> |
| <b>GÊNERO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS</b> .....                                                               | <b>26</b> |
| 1.1 OS CONCEITOS DE LÍNGUA E LINGUAGEM E COMO ELES FUNDAMENTAM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....             | 26        |
| 1.1.1 O conceito de Discurso e como isso fundamenta o herói .....                                          | 35        |
| 1.1.2 O Conceito de Dialogismo e como isso fundamenta o herói .....                                        | 40        |
| 1.1.3 Os conceitos de enunciado e enunciação e como eles fundamentam o herói.....                          | 42        |
| 1.2 DO SURGIMENTO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO HOJE .....                                                | 45        |
| 1.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A LIGAÇÃO COM O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE SEUS AUTORES .....                 | 48        |
| 1.4 O GÊNERO DO DISCURSO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.....                           | 52        |
| <b>CAPÍTULO 02</b> .....                                                                                   | <b>56</b> |
| <b>A CONCEPÇÃO DE SUPER-HERÓI</b> .....                                                                    | <b>56</b> |
| 2.1 DO CONCEITO DE HERÓI AO SUPER-HERÓI DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....                                  | 56        |
| 2.2 A JORNADA DO HERÓI E SUA REPRESENTAÇÃO NO ENREDO.....                                                  | 57        |
| 2.3 A REPRESENTAÇÃO DO SUPER-HERÓI NOS QUADRINHOS .....                                                    | 60        |
| 2.4 A IMPORTÂNCIA DO SUPER-HERÓI DOS QUADRINHOS: VALORES SOCIAIS, PARA A POPULAÇÃO ESTUDANTIL/ JOVEM.....  | 63        |
| 2.5 DO HERÓI AO SUPER-HERÓI: ANÁLISE DE UM MEME .....                                                      | 66        |
| 2.6 HISTÓRICO DOS SUPER-HERÓIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....                                            | 70        |
| <b>CAPÍTULO 03</b> .....                                                                                   | <b>83</b> |
| <b>O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS:</b> .....                                                              | <b>83</b> |
| <b>PCN, BNCC E MULTILETRAMENTOS</b> .....                                                                  | <b>83</b> |
| 3.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO E O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA ESCOLA ..... | 83        |

|                                                                                                     |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 3.2 O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA ESCOLA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....               | 87         |
| 3.3 A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS E A RELAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM HERÓI EM QUADRINHOS..... | 91         |
| <b>CAPÍTULO 04 .....</b>                                                                            | <b>98</b>  |
| <b>A PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM HERÓI EM QUADRINHOS ...</b>                                 | <b>98</b>  |
| 4.1 A PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM SUPER-HERÓI EM QUADRINHOS.                                 | 103        |
| <b>4.1.1 Discutindo os passos da aplicação da proposta na 1ª aula .....</b>                         | <b>113</b> |
| <b>4.1.2 Discutindo os passos da aplicação da proposta na 6ª aula .....</b>                         | <b>117</b> |
| 4.2 OS OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS DA PRODUÇÃO DE UM HERÓI EM QUADRINHOS .....                    | 123        |
| <b>4.2.1 – Discutindo o Objetivo Geral .....</b>                                                    | <b>123</b> |
| <b>4.2.2 Discutindo os Objetivos Específicos: .....</b>                                             | <b>124</b> |
| 4.3 A RELAÇÃO DA PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL EM QUADRINHOS COM O ENEM.....                         | 135        |
| 4.4 A RELEVÂNCIA DAS ABORDAGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS ESCOLAS.....                        | 138        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                    | <b>142</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                             | <b>145</b> |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS: EU POR MIM E PELOS MEUS SUPER-HERÓIS

*A literatura é a maneira que um verdadeiro mentiroso tem para se fazer aceitar socialmente. [...] A grande diferença entre as ditaduras e as democracias está em que no primeiro sistema existe apenas uma verdade, a verdade imposta pelo poder, ao passo que nos países livres cada pessoa tem o direito de defender a sua própria versão dos acontecimentos. A verdade é [...] uma superstição.*

*A realidade é dolorosa e imperfeita [...] é essa a sua natureza e por isso a distinguimos dos sonhos. A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho. Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo que realmente existe. Entre a vida e os livros [...], escolhe os livros. A felicidade é quase sempre uma irresponsabilidade. Somos felizes durante os breves instantes em que fechamos os olhos (AGUALUSA, 2005, p. 102)*

O princípio desta dissertação se fez com tantas verdades para mim que me deixou atônito. Durante o trajeto em que pensava sobre a escrita, descobri que isso era natural a todos os que se lançavam a um desafio similar, durante a convivência com os amigos e com a minha orientadora. Então pensei em tantos temas, em tantos assuntos, em tantas problematizações que cheguei a um momento ápice em que não sabia mais por onde começar, nem sobre o que tratar, dada a infinitude de veios temáticos que me foram aparecendo durante as aulas e leituras.

Foi aí que pensei que, se tinha que escrever, deveria ser sobre algo que tivesse me marcado desde sempre e que representasse, para todos os futuros leitores, um pouco das essências que se imiscuem dentro de mim. Então, cheguei a várias linhas teóricas e lembrei do quanto os super-heróis marcaram meus procedimentos morais, éticos, comportamentais, culturais... Foi assim que me lembrei que, por intermédio das “mentiras” da literatura, eu me formei humanamente.

O trecho inicial, do romance *O Vendedor de Passados*, do escritor Agualusa (2005), me marcou profundamente, aos 15 anos, quando o li pela primeira vez. Assim, eu me via alguém que podia fugir para um mundo de descobertas que tanto a minha família quanto a escola me impediam de fazer. Com essa obra, fugia para um mundo onde eu conseguisse ser aceito socialmente, nem que fosse por mim mesmo e pelos meus maiores sonhos. Então, entendi a importância da projeção heroica na minha vida e na de todos que me cercavam.

Em busca de ser herói ou super-herói de mim mesmo, porque queria uma vida melhor que a que meus pais tiveram e me deram, vi em mim, no meu corpo, na minha vida, as impressões ditatoriais de um contexto de vida limitado e limitante, e também fui construindo vias democráticas para que eu pudesse me livrar disso. Vivente de um contexto de exclusão social, marginal, limítrofe, financeiramente insuficiente, entendi que ler poderia transformar a minha realidade. E foi assim, lendo, que fui me alimentando de sonhos e enxergando que os super-heróis que encontrava nas leituras, que eu pegava na biblioteca da escola pública estadual,

onde eu estudava, viviam realidades similares às minhas, mas acreditavam que poderiam vencer e assim transformar suas vidas e as de outros ao seu redor.

Depois de descobrir o importante trabalho da leitura em mim, não foi fácil assumir para todos que eu queria ser professor. A princípio, esse meu desejo, surgido aos sete anos de idade, e que guardei comigo depois de externá-lo à minha mãe e ser duramente repreendido, vinha de uma vontade de contar as histórias que li para o maior número de pessoas que eu pudesse, e eu achava que sendo professor conseguiria contar para muitas gerações. Foi assustador o espanto que todos os meus familiares tiveram quando eu disse que queria ser professor. “Você vai passar fome”; “Um menino tão estudioso, vai ser médico!”; “Professor não ganha nada, você é burro demais!”; “Como pode estudar tanto para querer ser professor?”. Era uma “verdade” tantas vezes repetida que já faz parte da memória discursiva de uma sociedade.

O mais curioso em tudo que já me disseram é que ninguém na minha família tinha graduação, ninguém na minha família tinha sido professor, ninguém da minha família tinha hábito de leitura, ninguém da minha família queria que eu fosse algo que eles jamais foram... Foi aí que entendi o que Agualusa disse no seu romance “A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho” (2005, p. 102). Como poderiam me indicar um caminho aqueles que não trilharam nada semelhante? Como acreditar que aquele não era o rumo certo que eu devesse tomar? Quem lhes contou isso? Quem mostrou a eles essa realidade de professor? Eu amava minha professora de Língua Portuguesa e sempre a considerava uma pessoa tão feliz, tão realizada...Já ia eu contra os discursos sociais.

Hoje, quando essa circunstância me vem à mente, penso diretamente em Chimamanda Ngozi Adichie e em seu *O Perigo de uma História Única* (2019). Para a escritora:

[...] é assim, pois, que se cria uma única história: mostre a um povo uma coisa, somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo [...] nkali. É um substantivo, que livremente se traduz: “ser maior do que o outro.” Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. [...] Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (2019, p. 13).

Qual seria o poder que àquela altura de minha vida tinha decidido o que seria contado aos meus familiares sobre ser professor? Não sei (ou melhor, sei, mas é melhor evitar aqui porque daria mais uma dissertação), mas a vida me deu a oportunidade de contar-lhes uma nova

história e de, acima de tudo isso, me fazer super-herói da minha trajetória. Foi com essa percepção que cheguei ao professorado e nela me mantenho até hoje, sob a via propositiva de levar aos meus alunos as melhores narrativas, as melhores reflexões que eu puder ter, povoando-os dos sonhos que um dia eu tive e ajudando-os a construir outros.

Nessa trajetória, sempre organizo as aulas, tentando contar um pouco da grandiosidade de cada super-herói que existe dentro dos meus alunos, tentando fazer com que suas “mentiras” sejam as verdades que os tornem aceitos socialmente, porque assim ocorre com os grandes heróis. É levando-os a verem suas fraquezas, suas limitações, como eu vi um dia, que consigo apresentar aos meus estudantes o melhor do Ensino de Língua Portuguesa, em suas correlações com narrativas de outros idiomas e culturas. Sempre que isso se faz possível, começo ressaltando os feitos que realizam para chegar onde estão, enfatizo a importância de acreditarem que as batalhas da vida são naturais e que se pode alcançar o sucesso quando se tem confiança em si. Da realidade para a ficção, há um todo preenchido de sentido...

E foi esse sentido que eu consegui descobrir no trabalho com os super-heróis, a princípio dentro de minha própria biografia, e depois na docência. Os heróis foram importantes para mim, são e ainda serão... porque sempre me ensinam a aprender. Esse aprendizado é o que quero direcionar aos meus alunos. Por isso, construí esse projeto, para que possa levar a relevância que os super-heróis tiveram em minha aprendizagem pessoal e profissional a mais pessoas. A construção dessa dissertação e, sobretudo, a crença de que esse trabalho poderia ser aceito e reconhecido por todos dentro da universidade, já era e é, para mim, um desafio heroico, entretanto mais dificuldades foram aparecendo. Assim, mais uma vez, os super-heróis me ensinaram. Lembrei-me de uma das frases mais lindas do Super-Homem: “o incrível só pode ser criado se enfrentarmos risco, medo e falha durante o processo” (WELDON, 2016).

O risco? O insucesso! O medo? A Pandemia de Covid-19! A falha? Os impedimentos de contato com os alunos, responsáveis, diretores e as infinitas burocracias do Comitê de Ética! Cito isso como falha porque jamais imaginaria a odisseia que seria fazer pesquisa presencial nesse momento pandêmico... Explico melhor: meu projeto inicial envolvia o contato direto com os alunos. No entanto, a pandemia afastou os estudantes das escolas e tornou inviável o recolhimento de assinaturas e autorizações, tanto dos alunos quanto de pais, de diretores e de responsáveis outros alinhados às exigências burocráticas do Comitê de Ética, já que houve necessidade de afastamento e de isolamento social em 2020, devido à disseminação da pandemia de Covid-19. Circunstância compreensível, afinal pandemia traz um “panmedo” e devemos primar pela vida acima de tudo. Por conta disso, este trabalho foca na sugestão de uma proposta de atividades, nos moldes daquilo que eu outrora idealizara para execução. Contento-

me com a sugestão agora, mas demovo-me na perspectiva de implementação dessa atividade e proponho a exposição disso em dimensão futura. Os super-heróis me ensinaram a lidar com as adversidades com paciência, porque as coisas se encaminham a seu tempo e hora. Curiosamente, aprendi isso tanto com os heróis fictícios quanto com os reais...

E quanto ao herói fictício ou super-heróis dos quadrinhos e filmes, como personagens, lembremos: toda personagem está envolvida em um enredo, sequenciado de tempo, de espaço, quase sempre também adjungido a um narrador. Essa é uma síntese básica para contar qualquer história: personagens, espaço, tempo, enredo e narrador. No entanto, o herói não é “qualquer personagem”, pois é dele, por ele, para ele que ocorrem as ações, é a favor e contra ele que convergem todas as dimensões narradas (BAKHTIN, 1997). Isso significa que o herói ficcional ou o super-herói é o elemento basilar da trama, que assim consegue transmitir, à vida real, simbologias importantíssimas e aprendizados.

Nesse entendimento, a etimologia aponta que o vocábulo grego “ἥρως”, além de “heros”, em latim, são as bases da palavra herói e super-herói tais como as conhecemos hoje. E esse conhecimento vislumbra um ser que precisa vencer obstáculos até cumprir uma jornada que efetive sua honra. O herói é a figura social que se sobressai e promove a ética ao meio social. É a partir dele que valores são questionados e postos à prova.

Se o herói, a princípio, estava vinculado às obras épicas, aqui relembremos *Odisseia* e *Ilíada*, de Homero (2015), por exemplo, contemporaneamente, pode ser encontrado nas mais diversas áreas da arte e da vida real. Na realidade social é difícil enxergarmos seres mais heroicos e motivos de orgulho. Essa frequente comparação entre seres fictícios e seres humanos reais é a resposta mais próxima: ambas se valem uma da outra. É a partir disso que Campbell (1990) reporta que

[...] o herói é aquele que deu sua vida física em troca de alguma espécie de realização dessa verdade. A ideia de amar seu próximo é pôr você em sintonia com esse fato. Mas, quer ame ou não o seu próximo, quando a realização o pega, você pode arriscar a própria vida. [...] em proporções reduzidas, você vê isso acontecer todos os dias, o tempo todo, movendo a vida na terra – pessoas tendo gestos desprendidos em relação a outras pessoas. (p. 125)

O herói ou o super-herói é elemento disseminador dos bons exemplos sociais, que convergem para o aprendizado e inspiração humana para ações positivas. Da realidade para a ficção, os heróis em quadrinhos têm muito a ensinar aos nossos estudantes. É nessa premissa que esta dissertação se funda, a partir da necessidade de expressar a relevância da construção de valores, de princípios que façam com que o estudante se coloque ativamente quanto ao processo de reflexão acerca dos principais problemas que envolvem sua sociedade. Assim,

nosso objetivo principal neste trabalho é a elaboração de atividades, nas aulas de Língua Portuguesa, em que o estudante da primeira série do Ensino Médio seja orientado a criar um super-herói de história em quadrinhos, em ambiente virtual, que promova ações que combatam algum problema percebido em seu âmbito de vivência.

Por isso, partimos do pressuposto de que os super-heróis de histórias em quadrinhos podem nos auxiliar no desenvolvimento de uma análise dialógica, conforme propõe Bakhtin (1997, 2006, 2010, 2013). Além dessa perspectiva dialógica, destacamos o papel formativo em relação à pedagogia dos Multiletramentos (BNCC, 2017 e ROJO, 2012, 2016). Nesse plano, a perspectiva de levar o aluno a debater um problema social nos chegou a partir da quinta competência da Matriz de Referência Enem (INEP, 2021, p. 01), que solicita ao candidato que “Elabore proposta de Intervenção para o problema abordado, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural”.

No Enem, a missão de apresentar proposta de solução para o problema em discussão é exigida do candidato em um texto do gênero dissertativo-argumentativo, com todas as suas peculiaridades. Meu objetivo, ao trazer um trabalho no gênero história em quadrinho (doravante HQ), é que os alunos se furem ao gênero dissertativo-argumentativo. Solicitar-lhes que escrevam uma história em quadrinhos, em espaço on-line, é justificável, a princípio, pela construção de um olhar mais próximo de suas realidades leitoras até o início do Ensino Médio e depois dele (SILVESTRE, 2015). E, em segundo plano, atrelar essa atividade com o que comungam os pressupostos dos Multiletramentos exigidos pela Base Nacional Comum Curricular (ROJO, 2012), o que consideramos possível dentro da premissa de uma validação dialógica do trabalho de produção de texto em língua materna (BAKHTIN, 1997, 2006, 2010).

Sob outra ótica de análise, o propósito de realização dessa atividade logo ao início da primeira série do Ensino Médio serve, ainda, como uma espécie de treino para as possíveis *Propostas de Intervenção* que o aluno recorrentemente desenvolve ao longo de sua formação escolar em nível básico, uma vez que essa é uma proposta para o alcance das competências e habilidades no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Além disso, a produção de *Propostas de Intervenção* em um gênero discursivo, como a narrativa em HQ, contribui para a prática em ambiente virtual. Isso porque é interessante propiciar ao estudante um vislumbre sobre soluções exequíveis ou não em relação às dissidências sociais, em uma possibilidade textual diferente do usual no Ensino Médio, que tem sido a dissertação-argumentativa.

Assim, o desenvolvimento de nosso trabalho toma como ponto de partida outras pesquisas anteriores. Weschenfelder et al. (2015) realizaram uma investigação que resultou em uma comparação das relações entre as adversidades da biografia de personagens super-heróis e

aquelas experimentadas na vida real de muitas crianças psicossocialmente desfavorecidas. Esses pesquisadores identificaram que os super-heróis passaram por dificuldades semelhantes às dos grupos de alunos em condição de risco como: o abandono da família, a violência doméstica e até mesmo o *bullying*. Suas conclusões verificaram possibilidades positivas de intervenções psicoeducacionais na relação entre os super-heróis e as vidas dos jovens.

Paiva (2016) discutiu, em sua tese de Doutorado, como se dá o uso das histórias em quadrinhos na educação brasileira, em um estudo analítico sobre memórias, resultados e dados. Em seu trabalho, o pesquisador evidenciou a importância das iniciativas dos educadores e, também, dos documentos oficiais de educação, que reconhecem as HQ como importante estratégia didático-pedagógica, isto é, como um importante gênero. Shimazaki et al. (2018) estabeleceram um panorama avaliativo quanto ao trabalho com o gênero textual história em quadrinhos com alunos que apresentam Deficiência Intelectual. Em sua abordagem, os estudiosos reconheceram a instituição escolar como espaço socialmente estabelecido para a mediação de conhecimentos científicos que deem condições ao entendimento da forma como o mundo se organiza. Nesse ponto, o gênero HQ é uma das estratégias para desenvolver no estudante com deficiência intelectual a apropriação de conhecimentos científicos necessários para sua atuação social crítica.

Lisboa e Oliveira (2020) questionaram, em um artigo, a aplicabilidade da linguagem dos quadrinhos no Ensino Médio, a serviço de uma modalidade facilitadora para a apreensão da literatura brasileira, sob o propósito de se evidenciar uma experiência didática inusitada. Para os analistas, a união entre o popular, as HQ, e o clássico, a obra canônica, atua na configuração de uma metodologia ativa, oportunizando aos alunos possibilidades mais acessíveis de apreensão de suas leituras.

Há uma boa quantidade de artigos, bem como de dissertações e teses acerca desse gênero como estratégia pedagógica, como vimos nos trabalhos anteriores. As HQ foram comparadas a especificidades como relações biográficas entre alunos e super-heróis, proposta didática inusitada. Há estudos científicos com deficientes intelectuais e planos de linguagem facilitadora para estudantes. Diante disso, é possível considerar que ainda há oportunidades para novos estudos acerca do ensino de produção textual com o uso de HQ. Nesse viés, reforçamos aqui a relevância de nossa pesquisa, que se volta para a via dialógica bakhtiniana consubstanciada à pedagogia dos Multiletramentos, conforme prevê a BNCC de Linguagens do Ensino Médio (2017), no tratamento dado à criação de uma história em quadrinhos, virtualmente, pelos estudantes, com um herói que se preocupe com o combate dos principais problemas sociais.

Mediante o exposto, retomamos o objetivo central de nossa pesquisa, a partir do passo mais importante que daremos:

- Preparar um conjunto de atividades didático-metodológicas que levem o aluno do 1º ano do Ensino Médio a criar uma história em quadrinhos em que um super-herói combate um problema social percebido em sua comunidade.

Como objetivos secundários, temos:

- Discutir com os alunos os conceitos de super-herói, tendo em vista a análise discursiva do herói em narrativas de HQ;
- Explicar aos alunos a constituição composicional das HQ como gênero e como atividade virtual;
- Debater com os alunos problemas sociais, mais destacados por eles, e as propostas de solução possíveis ou não, dentro de uma perspectiva ética dos Direitos humanos.

Para cumprir esses objetivos, queremos responder às seguintes questões:

- Quais as principais atividades didático-metodológicas que podem levar o aluno do 1º ano do Ensino Médio a criar uma história em quadrinhos em que um super-herói combate um problema social percebido em sua comunidade?
- Que textos e atividades levariam aos alunos os conceitos de super-herói, tendo em vista a análise discursiva do herói em narrativas de HQ?
- Que ações didáticas trariam aos alunos o conhecimento da constituição composicional das HQ como gênero e como atividade virtual?
- Que estratégias levariam o docente a debater com os alunos problemas sociais, mais destacados por eles, e as propostas de solução possíveis ou não, dentro de uma perspectiva ética dos Direitos humanos?

Nossa pesquisa pretende contribuir para uma visão mais holística da formação escolar, em que os alunos estejam em contato com as realidades vivenciadas em suas vidas digitais, desenvolvendo aportes intelectuais que lhes condicionem o convívio harmônico em suas relações interpessoais e profissionais tanto físicas quanto em rede. O estudante, desafiado à construção de uma atividade como essa, tem aprendizados que vão além da sala de aula, visto que aqui o colocamos frente à esteira dialógica bakhtiniana (1997, 2006, 2010), recebendo uma formação educacional em contato direto com as demandas do mundo, dando materialidade aos Multi ou Novos Letramentos (ROJO, 2012). Cremos nessa compreensão pois, conforme

destaca a BNCC de Linguagens (2017), é premissa para a progressão de suas competências que o aluno seja levado a

[...] valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2017, p. 09)

Assim, ao acionarmos as teorias bakhtinianas para fundamentar a produção textual sugerida, estamos oportunizando aos discentes estudos dialógicos da língua, concebida como um processo dinâmico, interativo, que recorre aos diversos discursos, ou ainda, aos diversos Gêneros dos Discurso, para materializar suas proposições, uma vez que

[...] a língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente [...]. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...]. Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). (BAKHTIN, 1997, p. 302)

Mediante o exposto, consideramos que o trabalho com o dialogismo de Bakhtin (1997, 2006, 2010) entra em concordância com a formação pretendida para os Multi ou Novos Letramentos na BNCC (2017). O documento regente de ensino ainda propõe ao estudante o caminho para:

[...] exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. [...] 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, p. 09)

Nesse entendimento, a resolução de problemas e o exercício autônomo do estudante podem ser alcançados quando esse toma consciência do procedimento dialógico da língua. É nessa compreensão que Silva (2013) esclarece que,

[...] o termo dialogismo remete a diálogo, evidentemente. Isso não significa que apenas o diálogo face a face seja dialógico. Na teoria de Bakhtin, ou análise dialógica do discurso, a ideia de dialogismo está ligada à própria concepção de língua como interação verbal. Afinal, não existe enunciado concreto sem interlocutores. O próprio fato de um autor levar em consideração seu interlocutor direto ou indireto quando produz um enunciado já confere à língua esse caráter dialógico. (p. 52)

Nesse entendimento, propor aos estudantes que criem um herói em quadrinhos, em sites e/ou aplicativos on-line, que tenha como missão o combate, ou pelo menos, intervenção, quanto aos problemas mais emergentes de seu meio social, figura como uma ação de reflexão, de validação de seus conhecimentos pessoais, considerando sua formação interpessoal. Afinal, sabemos que, muitas vezes, o aluno chega já com conhecimento prévio sobre determinado assunto e isso é pouco ou jamais valorizado pela escola. Com essa atividade, também se reforça o papel de transformação da instituição escolar quanto ao pensamento. Ao fazê-la, o estudante escolhe seu interlocutor e se condiciona autor de discursos cotejados para sua enunciação, esse procedimento singular, único e concreto que viabiliza os atos de fala (BAKHTIN, 2010).

Para além dessa premissa, a proposta de produção textual em questão figura como motivação quanto ao envolvimento dos alunos nos novos letramentos, de teor digital, solicitando que suas histórias sejam criadas em sites e/ou aplicativos on-line. Faz-se necessário que, frente à atuação da vida humana nos meios virtuais de expressão, os estudantes se conduzam de forma adequada e responsável frente às Tecnologias de Informação e Comunicação, posto que essa é uma das principais necessidades para a vivência em rede. É nessa percepção que Rojo (2016) entende a relevância dos Novos Letramentos, reforçando ainda mais a justificativa para a proposição que apresentamos ao longo de nossa dissertação. A pesquisadora acredita que

[...] esses (os novos letramentos) alteram profundamente certos valores e condutas do letramento convencional: a autoria individual, a raridade, o ineditismo, o controle da distribuição dos textos. Se, no letramento convencional, a autoria individual é um valor precioso, a ponto de gerar processos por plágio, nos novos letramentos, o valor é a colaboração, a participação contínua, a relação em rede. Se, no letramento convencional, a raridade e o ineditismo dos textos era um valor importante, determinante de cânones intocáveis, nos novos letramentos, ao contrário, o valor é a distribuição mais ampla possível desses textos [...] e a apreciação que deles se faz em rede [...]. Se, no letramento convencional, a distribuição dos textos era controlada por casas publicadoras, por editores e livrarias, por direitos de autor, nos novos letramentos, a apropriação, avaliação e reelaboração (remix) dos textos em circulação é o principal modo de funcionamento. (ROJO, 2016, p. 127 e 128)

Assim, a nossa proposta de conduzir os alunos à elaboração de uma trama em quadrinhos em ambiente virtual, vislumbrando o procedimento dialógico da língua (BAKHTIN, 1997, 2006, 2010), em adjunção aos Multi ou Novos Letramentos digitais (ROJO,

2012), está em total acordo com as necessidades aclamadas pela Base Nacional Comum Curricular de Linguagens para o Ensino Médio (2017) e o que demanda o mundo interpessoal e profissional acerca da formação do estudante.

Com vistas a um esclarecimento que também julgamos caro ao nosso projeto, expliquemos a nossa enunciação em primeira pessoa do plural (nós) e suas implicações à nossa proposição. Sobral (2009), quando percorre as bases do dialogismo bakhtiniano, ilustra que “somos povoados pelo outro, e nossas relações com o outro fazem de nós e deles os elementos constituintes da sociedade” (p. 48). É assim que depreendemos que não há fala solitária, ninguém, em absoluto, consegue falar sozinho (BAKHTIN, 2006). Por isso, reforçamos nosso comprometimento dialógico também na maneira como enunciamos a nosso interlocutor, seja ele professor, aluno ou qualquer outro interessado em nossa pesquisa.

Sendo, então, nós, os proponentes desta dissertação, esclareçamos: sugerimos, ao fim deste texto, uma atividade em que os estudantes da primeira série do ensino médio, seja da rede pública ou privada de ensino, criem um super-herói em quadrinhos. Esse super-herói deve se voltar para a intervenção imediata dos problemas sociais que os estudantes identificarem no corpo social. Nesse propósito, metodologicamente, temos 07 (sete aulas), distribuídas em momentos estratégicos em que os alunos, na maior parte, desenvolverão atividades a partir de Metodologias ativas de Ensino-Aprendizagem.

Assim, detalhemos: Na aula 01 - o professor deve apresentar os 12 passos da jornada do herói (VOGLER, 1998), com foco na história em quadrinhos do Super-Homem de 1938, a primeira da trajetória, atrelada à Era de Ouro. É muito importante que os alunos falem, que reconheçam nas histórias que leram o Monomito (CAMPBELL, 1990); Na 2ª aula, os alunos deverão ser orientados a levar revistas em quadrinhos à escola. Eles serão divididos em dois grupos, um que ficará com a incumbência de HQ em formato físico e outro com revistas virtuais. Os alunos, divididos nesses dois grupos, deverão ler e explicar suas compreensões aos demais durante as aulas 02 e 03, sendo o primeiro grupo responsável pelas análises das leituras físicas e o segundo incumbido das virtuais. Ao fim da terceira aula, todos devem produzir um relatório em que apresentem as suas compreensões. Na 4ª aula, o professor deve recolher o relatório aos alunos e avaliar se há ou não necessidade de alinhar pontos estratégicos sobre a leitura e interpretação das revistas em quadrinhos, sobretudo pelo enfoque nos problemas sociais e também na jornada do super-herói. Na sequência, deverá dividir a turma em pares - uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem - para responderem à pergunta "Por que a sociedade humana precisa de super-heróis?". Após a resposta, em 10 minutos, deve-se iniciar

uma discussão que circule pela sala, para que as duplas interajam com os demais alunos e assim se formulem raciocínios coesos e eficientes.

Na 5ª aula, o professor deve devolver os relatórios e apresentar considerações sobre as produções textuais. Em seguida, o docente precisará dividir a turma em, no mínimo, 5 grupos. Eles deverão retomar as revistas em quadrinhos lidas outrora e separar, no mínimo, 3 problemas sociais encontrados nos textos. A partir daí, deverão se lançar à Aprendizagem Baseada em Problemas, divididos em 3 fases que deverão percorrer buscas por soluções às dificuldades encontradas. Essa aula também deve render anotações. Na aula 06, o docente apresentará a proposta de atividade, a criação de um super-herói em quadrinhos que resolva ou que, pelo menos, intervenha, visando a melhoria dos problemas sociais da nação brasileira que o estudante reconhecer. Esse momento também deve ser seguido da apresentação de aplicativos on-line aos alunos, evitando detalhes sobre como usá-los, pois isso faz parte dos conhecimentos que devem, por sua vez, ser analisados se o estudante tem ou não, além de, ao final da aula, apresentar a grade de correção da atividade. No último momento, a 7ª aula, por meio de Rotação por Estações, os alunos deverão ler os textos produzidos por e entre eles e, ao final, elegerem a narrativa que melhor se enquadra nos critérios de correção apresentados na aula 06. Sugere-se que a escola organize uma premiação, interna ou externa, à turma ou ao vencedor.

Cabe lembrar que esta dissertação, de cunho qualitativo, recorre a conteúdo bibliográfico para análise, e foi organizada de modo que, em seu capítulo um, estruturamos nossas principais fundamentações teóricas para a existência linguística, discursiva, dialógica e enunciativa do super-herói, percorrendo autores que concordam ou discordam de nosso vislumbre e encerrando as projeções em torno de como os Gêneros do Discurso (BAKHTIN, 1997) se articulam às nossas discussões.

No capítulo dois, nos desdobramos sob análises que percorressem a História – com H maiúsculo pelo viés arqueológico dos acontecimentos - em suas correlações com o herói e, também, as premissas mais proeminentes da história do herói, isto é, como se constroem os veios enredísticos mais comuns a essa composição textual. Devido ao pressuposto desta dissertação com o campo das histórias em quadrinhos, procuramos discutir também como essas representações adquirem eixos ideológicos, sociais e comportamentais, focando enfaticamente no público jovem, vindouro ao futuro, situando nossas abordagens na ideia de Super-Herói.

Em nosso terceiro capítulo, dissertamos sobre a relação entre a proposta textual de um super-herói em quadrinhos com os documentos de educação norteadores do ensino no Brasil, como Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), com a Pedagogia dos Multiletramentos. Em nosso quarto e último

capítulo, consideramos importante discutir sobre a relevância das histórias em quadrinhos na e para a formação escolar. Em seguida, apresentamos uma proposta de produção textual acerca do herói em quadrinhos, comungando dos estudos norteados pela Base Nacional Comum Curricular e, também, da Pedagogia dos Multiletramentos. Além disso, apresentamos nesse capítulo também os objetivos da produção de um herói, dos compressíveis - materiais - aos incompressíveis – imateriais – (CÂNDIDO, 2011), bem como estabelecemos a relação da proposta de produção textual em quadrinhos com o Enem, em sua matriz de referência, que orienta o aluno à elaboração de ações interventivas para um problema de grande aporte gregário, isto é, social.

Em nosso momento finalizador, apresentamos as Considerações Finais e as Referências das quais nos valem para estruturar esta dissertação.

## **CAPÍTULO 01**

### **GÊNERO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Neste capítulo, avaliamos como os conceitos de língua e linguagem (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, 2013), dialogismo e de enunciado e enunciação (BAKHTIN, 1997, 1988, 2006, 2013 e FOUCAULT, 2000, 2008, 2009) bem como de Discurso (FOUCAULT, 2000, 2008, 2009), de fundamentam a perspectiva teórica de nosso trabalho. Nosso foco parte desses conceitos para alcançar a materialização dos super-heróis de histórias em quadrinhos.

Também promovemos discussões sobre o surgimento das histórias em quadrinhos e o contexto sociocultural de seus autores, o que consideramos válido para o trajeto de compreensão tanto discursiva (FOUCAULT, 2000, 2008, 2009) quanto dialógica (BAKHTIN, 1997, 1988, 2006, 2013) da relevância do gênero à humanidade. Ao fim, enquadraremos essas vias conceituais na performance dos Gêneros do Discurso (BAKHTIN, 1997) em dimensão voltada às histórias em quadrinhos (MOYA, 1986) no ensino.

#### **1.1 OS CONCEITOS DE LÍNGUA E LINGUAGEM E COMO ELES FUNDAMENTAM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Consideramos que a língua é uma forma de expressão dos seres humanos que está fundamentalmente ligada ao seu contexto sócio-histórico-cultural. Assim, o espaço teórico a partir do qual iniciamos nossa abordagem tem apoio nas percepções de Bakhtin/ Volochínov (2006) e em sua visão de que a comunicação social se realiza em condições de uso. Por isso, o ser humano, para se comunicar, materializa uma linguagem, isto é, uma das formas de se expressar dentro de um campo de signos e construir sentidos. Nessa condição, cada um de nós estabelece interações (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006).

Nesse âmbito, também consideramos que a língua é viva, dinâmica e submissa a alterações históricas quando lançada à comunicação verbal concreta (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006, p. 128), por isso entendemos com Grillo (2006) que,

Bakhtin coloca, em primeiro lugar, a questão dos dados reais da linguística, da natureza real dos fatos da língua. A língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Mas, ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (GRILLO, 2006, p. 15)

Com vistas à aplicação pragmática do que Bakhtin (2006) nos informa, apresentamos o trecho abaixo, da história em quadrinhos “Batman e Robin em: O mistério da máscara ameaçadora” (DC COMICS, 2000):

**Figura 01** – Batman e Robin em: O mistério da máscara ameaçadora.



“Batman e Robin em: O mistério da máscara ameaçadora” (DC COMICS, 2000. HQ disponível em: <https://zonafantasmanet.wordpress.com/>)

No trecho, os dois personagens, andam pela cidade, mas o narrador apresenta duas formas de se encarar o espaço. São duas agremiações com visões voltadas para um presente de crime a combater e um posicionamento de preservação ambiental urbano. A língua promove um movimento de ideologias ou valores diferenciados e em oposição. Com isso, percebemos a língua em constante movimento nas relações sociais, de que trata Bakhtin. Nessa linha, quando o narrador apresenta ao interlocutor/leitor, por exemplo, o trecho “No meio da moderna **Gotham City** existe um **anacronismo**, uma relíquia do passado! Alguns consideram o antigo **Gotham Village** uma pústula que fere o coração da agitada metrópole! Outros a chamam de marco histórico e valioso centro cultural! Quem tem razão?”, expressa o caráter dialógico e coletivo da língua, pautado sob a nuance da interação linguística, evidenciando como um escritor, aqui dado pela ótica do narrador, pode relacionar os espaços sociais a partir da percepção de que há um acordo entre o real e o que é representado no plano fictício estabelecido pela HQ. Isso, ilustra o viés dialógico de conexão de ideias sobre o local, mas também realça o poder interativo da língua. Para Bakhtin, a língua estabelece uma movimentação plural que condiciona a polissemia de sentidos, de significados, afinal o contraste entre o que pensam os denominados “alguns” e “outros” coloca aberturas a interpretações por parte do leitor.

Mais adiante, na mesma página da HQ, também se expressa a postura do círculo bakhtiniano (2006, p. 15) a respeito da língua, quando se lê os excertos “Ambos os lados têm fortes partidários! Por exemplo, Andrew Willis, líder da comunicação anti-crime da cidade...” e “Porém, ouçam Roland Meacham, presidente do comitê de preservação de Gotham Village...”, que demonstram a condição de seleção que o falante – aqui também uma espécie tênue entre narrador e autor - exerce quando está se valendo da língua, afinal é ele quem escolhe a abordagem conforme o efeito semântico pretendido. As composições organizacionais da fala, sobretudo quando preconizadas estruturalmente pela gramática, jamais podem ser estudadas sem que se considere seu significado estilístico. É por isso que o falante pode ‘dobrar’ e ‘desdobrar’ a língua, fazendo com ela flexões inomináveis, em prol de seu objetivo comunicacional. Desse modo, também o leitor procede a escolhas interpretativas em busca dos sentidos.

Quando o narrador se expressa, procura prenunciar as visões alheias, tentando parecer neutro da circunstância caótica em que pretende inserir as personagens e o leitor, o que também explica como pode exercer mudanças semânticas a partir do domínio do modal linguístico que adquiriu. O termo “fortes partidários” exemplifica essa explanação. Logo, está atrelado à via compreensiva bakhtiniana, para quem “[...] toda forma de representação gramatical, linguística, é, ao mesmo tempo, um meio de representação [...] (BAKHTIN, 2013, p. 24).

Nesse viés, assim que o narrador diz “Dois visitantes perspicazes passeiam pela controversa região”, coaduna com a noção de língua para Bakhtin (2013), quanto à perspectiva polissêmica de sentidos – frisemos aqui a incerta adjetivação “perspicazes” a “visitantes” - e também da inovação, a serviço do que o falante necessita para seu processo interativo. A composição inovadora no plano da língua é interessante porque se fundamenta na premissa de que o processo interativo que se dá pelos falantes e entre eles produz efeitos de sentido quando inseridos em uma relação social, ou seja, quando os sujeitos interagem, quando se evocam de um lado e de outro. A língua acontece e se materializa, por exemplo, a partir dos dedos apontados aos dois, seguidos logo acima dos balões com acusações de ódio por parte de um dos coadjuvantes.

Nessa concepção, a fala “Você... Você é Bruce Wayne... E eu te odeio!”, resulta da pressuposição de um personagem que anseia por mudança de um cenário de sua vivência – algo tão comum à vida real - e que faz apelos acerca disso por meio do emprego da língua, que lhe possibilita a expressão de seu sentimento, já que notadamente se vê ameaçado. Mais uma vez, renunciemos a via linguística bakhtiniana (2013), para quem a língua, quando colocada sob um propósito comunicativo, se materializa sob vicissitudes quanto ao teor ideológico. À medida em que fala, isto é, quando emprega a língua, o indivíduo o faz a serviço de seus valores, para se comunicar. Daí, condicionalmente, pode-se assimilar que

[...] se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2013, p. 15).

Todo falante, então, está implicado em noções ideológicas ou em valores axiológicos quando se expressa. Para esses autores, os valores ideológicos incluem posicionamento político, seguido de todo um conjunto de valores cotidianos relacionados ao que é bom ou mau, justo ou injusto. Assim, para Bakhtin/Volochínov (2013, p. 17), a linguagem vai preenchendo o ser humano a partir do momento em que esse entra em interação com o meio, sobretudo no contato com o outro. Essa interação vai levando ao indivíduo as informações e os valores que vão lhe possibilitando a formação de uma consciência. Essa, por sua vez, jamais se perfaz de forma neutra, pelo contrário, se consolida pela ótica axiológica dos diversos eixos que são

apresentados e adotados pelo indivíduo, que passa, portanto, a compor sua organicidade linguística a partir de todos os outros que o povoam (SOBRAL, 2009).

Nessa percepção, a língua, para Bakhtin (2013), “tem ainda uma influência poderosa sobre o pensamento daquele que está falando (BAKHTIN, 2013, p. 42)”, pois

[...] a língua, como uma bola, pula de geração para geração. Entretanto, a língua é inseparável desse fluxo e avança juntamente com ele. Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2013, p. 109).

Se a língua é responsável por fundamentar a consciência do indivíduo, é na expressão dela que se encontra a linguagem, isto é, a forma de que o ser conseguiu se valer para transmitir sua mensagem. Aqui nos auxilia Brandão (2004), para quem a linguagem “não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, em que o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade” (BRANDÃO, 2004, p. 09). A partir dessa consideração, quando o personagem favorável ao desmonte da vila, na HQ, diz: “Gotham Village tem que ser demolida até o chão! Enquanto ela existir, ela é um refúgio para criminosos que usam suas ruas tortas e becos estreitos para despistar a polícia!” e se lê o redarguir lateral de outro que refuta: “Se Gotham Village ser destruída, milhares de pessoas ficariam sem casa! Além do mais, nossa vizinhança é diversificada, pitoresca e histórica! Gotham Village tem que ser preservada”, nota-se a polarização, histórica e socialmente construída, de dois eixos que permeiam a maioria das narrativas, o confronto entre os que são “bons” e os que se colocam ou são colocados como “maus”. Essa percepção ideológica de que aqui tratamos está sob a égide do enunciado como um todo, mas é especialmente amparada pela linguagem por adjetivos como “criminosos” em contraste com “milhares de pessoas ficariam sem casa”.

Foucault (2009) também nos apoia no entendimento da linguagem como elemento constitutivo a partir do encontro com o outro, realçando o enunciado. Para ele:

através de tudo o que se move e se entrecruza, há, no entanto, alguma coisa que se passa entre os observadores, alguma coisa que é a própria comunicação [...]. O denominador comum de qualquer linguagem é que ela se passa entre dois falantes, e é isso mesmo, novamente, que a analogia artística busca cernir. [...] creio que se poderia dizer: aí está o movimento permanente no qual estamos todos envolvidos. (FOUCAULT, 2009, p. 178)

Se a linguagem é expressa minimamente por dois sujeitos, então temos aqui a via interativa/ dialógica bakhtiniana (2013). Foucault (2000, p. 72) ainda nos alerta para o fato de que a linguagem não pode ser vista como posse do homem, porque, em realidade, ela mais nos escapa do que nós conseguimos controlá-la. O pesquisador nos adverte que “[...] suas fronteiras (as da linguagem) se desmoronam e seu calmo universo entra em fusão; se estamos submersos nela não é tanto por seu rigor intemporal, mas pelo movimento atual de sua onda [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 72).

Tomamos a língua como processo que integra e constitui o ser humano (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2013), e a linguagem como uma das maneiras como esse ser se expressa (FOUCAULT, 2000, 2009). Desse modo, é possível alcançar a lógica teórica para o estabelecimento dos super-heróis das histórias em quadrinhos. Se pela língua é possível tomar consciência da dimensão ideológica que circunda no corpo social e pela linguagem essa ideologia é posta em confronto, o herói, e também o super-herói, serve aqui como mais uma das confabulações linguísticas das quais o homem se vale para realizar suas noções sociais.

É a língua que dá base para que o super-herói em quadrinhos exista, pois fundamenta nele o seu propósito valorativo e a linguagem – a forma como se toma a expressão no gênero – o torna possível ao leitor. Lembremos que essa constatação fundamenta um dos nossos objetivos da pesquisa, que acena para a constituição do discurso do herói, de modo a analisar a construção discursiva desse personagem central em narrativas de histórias em quadrinhos. Assim, no excerto da HQ acima, Batman deixa claro que a luta contra os problemas do local não será simples, que precisará de uma projeção mais estratégica, ou seja, o super-herói, por meio da linguagem, deixa subentendido que age em prol do bem maior, sem que os demais saibam ou entendam. Isso torna plausível a compreensão de que o leitor espera que o super-herói em quadrinhos salve os demais personagens, que resgate os demais convivas durante sua jornada, que resolva todos os problemas. Mas, sabemos que não há super-herói que resolva tudo e é preciso levar essa compreensão ao aluno, para que compreenda a importância de lutarmos contra obstáculos poderosos, sem perder de vista que são batalhas periódicas.

Aqui pensamos tanto na jornada de leitura quanto na própria trajetória do monomito - composição arquetípica de doze passos pela qual o herói estabelece seu enredo e prova sua heroicidade (VOGLER, 1998) - executada pelo protagonista da narrativa. Por isso, é válido reverberar que

[...] nos quadrinhos se observa a utilização de dois códigos: o linguístico e o das imagens. Estes podem ser analiticamente separados mas são complementares para a leitura dos quadrinhos. Entretanto, em alguns momentos pode haver predominância de uma ou outra linguagem. [...] a relevância na linguagem das histórias em quadrinhos se encontra nas imagens; como, por exemplo, nas cores, as ambiências criadas pelas sombras, pelos enquadramentos, que nos informam sobre as características das personagens e do desenvolvimento da ação (SILVA, 2001, p. 02).

Portanto, as linguagens imagética e verbal, em diálogo intenso, dão forma e sequência lógica e inteligível à narrativa, para que o leitor consiga compreender os sentidos pretendidos pela leitura. Mais uma vez, estamos diante do uso da linguagem que pode ser considerada um modo de ação social em diálogo, em que a significação pode se efetivar, pautando toda sua complexidade (BRANDÃO, 2004). Nessa percepção,

[...] o que dá a marca da linguagem dos quadrinhos são os balões, o espaço onde a fala ou pensamentos dos personagens são inseridos. O uso dos balões delimita a diferença entre quadrinhos e qualquer outra forma de narrativa. Ao lado disso, algumas ferramentas linguísticas são criadas para superar limitações específicas tais como a falta de som [...] por exemplo, como o tamanho das letras e tipos de balões que indicam a intensidade da voz. Isto permite que os leitores possam ‘escutar’ sem que nenhum som seja emitido. Outro traço característico são as onomatopeias: palavras, letras, sinais e desenhos que procuram reproduzir os sons, os ruídos, as ideias etc. Qualquer elemento da realidade que encontre dificuldade de ser expresso sucinta e precisamente, como a linguagem dos quadrinhos exige, pode ser representado pelas onomatopeias (SILVA, 2001, p. 02).

Todas essas delimitações que marcam linguisticamente os quadrinhos materializam os enunciados. Aqui reforçamos nosso segundo objetivo da pesquisa, cujo recorte teórico enquadra a constituição discursiva da HQ como gênero, sob o propósito de analisar a estrutura genérica da HQ. Por isso, ainda para conceber com a devida pontualidade a linha distintiva entre enunciados para Bakhtin e Foucault, concordamos com Santos (2010), que pondera sobre:

[...] O caráter mais pragmático da concepção de enunciado dada por Bakhtin, uma vez que se leva em conta o contexto de enunciação e os interlocutores envolvidos (para Bakhtin, todo enunciado tem prioritariamente um dono); Ao contrário, o caráter mais epistemológico da concepção de enunciado dada por Foucault, já que são priorizadas as propriedades enunciativas que apontam para uma ordem de saberes postos em circulação; A relação entre o enunciado e uma memória que lhe é constitutiva: para Bakhtin essa memória está inscrita nos outros enunciados aos quais o enunciado responde, já para Foucault essa memória é dada por condições históricas a priori; E as preocupações que atravessaram os teóricos quando da conceituação de enunciado: Bakhtin queria um corte epistemológico em relação a duas concepções correntes de pensamento filosófico e linguístico e Foucault tentava empreender uma arqueologia dos saberes que constituem os objetos na sociedade ao longo da história (SANTOS, 2010, p. 13).

Dentre os personagens das histórias em quadrinhos, o super-herói, protagonista da narrativa, se destaca pela composição equilibrada ou não de sua personalidade. Essa percepção também é ideológica, pois o trabalho com mais ou menos conflitos interpessoais, sociais e/ ou

culturais é parte do projeto enunciativo do autor da obra. Por isso, faz-se relevante compreender, também, como a execução dos planos de destaque projetam no leitor maior ou menor expressividade quanto ao que se intenciona acerca do herói, formulando, linguisticamente, uma noção interpretativa junto ao interlocutor. Sendo assim,

[...] a utilização de um deles (dos planos) por parte do desenhista depende do que pretende comunicar no momento. Neste sentido, observa-se que enquanto o plano geral dá pouca informação sobre a personalidade da personagem, o primeiro plano permite que se preste atenção às suas expressões faciais. Dessa forma, o predomínio ou não de determinado plano indicaria preferência do autor por um tratamento mais intimista ou não em relação às personagens (SILVA, 2001, p. 03).

Vejamos como o enfoque dado às faces de Batman e Dick (reproduzido em destaque a seguir, mas trecho ainda da figura 01) abaixo expressam a percepção dada por Silva (2001):

**Figura 02** – Batman e Robin, com mais foco nas expressões faciais



“Batman e Robin em: O mistério da máscara ameaçadora” (DC COMICS, 2000. HQ disponível em: <https://zonafantasmanet.wordpress.com/>) – Close-up na face de Bruce Wayne e Dick, mesclado ao plano médio.

Notamos que, no enunciado, dialogam imagens, cores e dizeres, o que se materializa pela perspectiva da face preocupada de Bruce, marcada por linhas tracejadas na testa, logo acima da sobrancelha e também pela posição da boca, meio aberta, postura sequencialmente expressa também por Dick. Constrói-se a cena com o fundo em vermelho, cor que sugere a emergência, a urgência, o impacto desesperador diante da possibilidade enunciada. Além disso, seus trajes amarelos também colaboram para a construção de uma atmosfera de tensão, o que enfatiza ainda mais a dificuldade que se instala no plano do enredo. Todos esses aspectos atuam em diálogo para enunciar, desse modo o leitor precisa saber interpretar o conjunto de informações, bem como o autor precisa levar o narrador a construir essa combinação no processo de criação dos HQ.

Do lado direito da imagem, uma mão, com uma luva branca, aponta para Bruce, com o dedo indicador, o que pode ser lido em sequência de uma fala titubeante – interpretação possível pelas reticências, marcas linguísticas grafadas – e acusatória quanto a Bruce Wayne ser objeto de ódio por parte da personagem. Reflitamos que à mão se segue um antebraço com uma blusa

verde, cor comumente associada à esperança no imaginário social. Além disso, curiosamente, a personagem que esboça ódio não apareceu na imagem, pelo contrário, é apresentada de modo lateral apenas com enunciados verbais para manter um mistério. Essa é uma técnica linguística que sugere a universalidade da circunstância, o que significa que qualquer personagem poderia estar naquela condição, mas especialmente estaria ali alguém sob ameaça de perder seu lugar de vida, sua casa, sua cultura, o que se compreende pelo contexto da narrativa. Nessa percepção, as histórias em quadrinhos têm muito a oferecer para reflexões que partem do literário ficcional à realidade ou vice-versa. Esses detalhes visuais e verbais são importantes para a construção da expectativa no leitor e devem ser informados ao aluno, para que, em suas análises posteriores individuais, em seus momentos de leitura, perceba a pormenorização da narrativa nas HQ.

Logo, compreendemos que o autor aplica em sua narrativa seu objetivo enunciativo e essa previsão faz parte da criação. Isso implica, no leitor, uma recepção interpretativa viabilizada, ainda, pelo conjunto da narrativa, no eixo do enredo, que afinal não tem a menor preocupação com a proximidade ou distância da abordagem da trama em relação ao receptor. Para Silva (2001, p. 06)

[...] neste ponto, deve-se enfatizar que não há qualquer oposição fixa entre quadrinhos que mostram mundos fantásticos e aqueles que se aproximam da realidade cotidiana. O ponto principal é o que e como os temas estão sendo mostrados. O simples fato de que os quadrinhos criam uma realidade de ficção não implica que não possa se relacionar às experiências dos leitores. Por outro lado, uma história em quadrinhos que se diz realista pode se apresentar bastante distante da realidade (SILVA, 2001, p. 06).

Em suma, portanto, a língua estrutura a própria condição de tratar de si mesma conforme o contexto sócio-histórico (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006, 2013), o que se vê, por exemplo, em histórias em quadrinhos como a supramencionada. Além disso, também dá condições para a dimensão axiológica, quando materializada sob uma ou outra nuance, o que se evidencia como linguagem (BAKHTIN, 2013), e gera os efeitos que esse trecho da narrativa em questão nos apresenta (FOUCAULT, 2000, 2009). Logo, língua e linguagem nas HQ empreendem não só mecanismos linguísticos em si, mas também extralinguísticos, quando possibilitam, dentro da compreensão humana, um tipo de personagem, o herói das histórias em quadrinhos, ladrilhado por um arsenal de possibilidades enunciativas que os autores foram desenvolvendo, para explicar sua necessidade de fantasia e preencher seus vazios entre o nascer e o morrer (MOSÉ, 2019).

### 1.1.1 O conceito de Discurso e como isso fundamenta o herói

Leiamos, abaixo, um trecho da HQ “Superman: Son of Kal-El” (DC COMICS, 2021), nossa figura de número 03, para que possamos avaliar a formulação dos discursos em torno do herói:

**Figura 03 – Superman: o filho de Kal-El**



HQ “Superman: Son of Kal-El”, página 09 do capítulo 01. (DC COMICS, 2021. HQ disponível em: [https://hqdragon.com/leitor/Superman:\\_Filho\\_de\\_Kal-El\\_\(2021\)/01](https://hqdragon.com/leitor/Superman:_Filho_de_Kal-El_(2021)/01)).

O trecho acima narra o momento de um parto, o que por si só é incomum nas HQ, mas trata-se da inserção de fato cotidiano na narrativa, o que possibilita o diagnóstico de uma vertente heroica pela dimensão expressa pela voz tanto dos personagens considerados super-heróis - Superman e Diana - quanto de Lois Lane, a humana que carrega em seu ventre o filho do, até então, maior herói do universo. Outra ruptura aqui se estabelece em relação aos enredos originais de super-heróis, que têm uma imagem assexuada. Assim, temos um efeito de sentido construído no processo de interlocução, o que podemos chamar de Discurso relacionado ao contexto sócio-histórico (BRANDÃO, 2004, p. 89). Nessa apreensão, o discurso apresenta-se em oposição a uma concepção de língua e de narrativa como mera transmissão informativa, mas se estrutura de acordo com percepções possíveis, plausíveis e exequíveis no contexto sociocultural (BRANDÃO, 2004, p. 89), de modo a trazer para a vida do super-herói uma proximidade com o contexto dos humanos mortais. Sendo assim, quando Lois questiona o pai de seu filho sobre o seu atraso, mescla nele a condição de ser herói e a de ser humano, expressando o que vê no mundo, isto é, nos demonstra uma evidente conjuntura de textualidade, a relação dialógica do texto consigo e com a exterioridade, a circunstância de mundo.

“O discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para que se diz, em relação a outros discursos” (BRANDÃO, 2004, p. 89). Frente a isso, na fala de Diana "mas o nascimento desta criança é o maior evento ocorrendo agora. Seu filho pode ser o maior herói que esse mundo já viu", esboça-se o que a personagem tem percebido em seu mundo a respeito da heroicidade, e logicamente também quanto a outros acontecimentos. A declaração de Diana, certamente, não apresenta pontualmente ocorrências anteriores que julguem o nível do maior herói existente, mas consegue recuperar implicitamente uma nivelção mito e humanidade para isso. Com isso, a descendente de Themyscira expressa o que não está efetivamente dito para esclarecer o leitor da obra, agora livre para seu processo inferencial.

A afirmação de Diana é seguida da resposta irônica de Lois: "Podemos esperar até que ele respire fora de um saco amniótico antes de empurrar expectativas injustas sobre ele?". Com isso, também ‘se diz sobre o não dito’, ao se estabelecer o nascimento de um herói sempre com vislumbre relativo a uma percepção científica biológica, mas também se empreende uma ironia sobre as posturas críticas acerca da condição humana, à esperança, à renovação, à expectativa. O discurso de Lois expressa que, antes de qualquer possibilidade futura, a criança precisa nascer e ela precisará cumprir seu papel materno ao proteger seu filho das perspectivas que se impõem sobre ele. Temos aqui o diálogo entre os discursos humanos de nascimento biológico e os discursos sociais sobre a condição humana heroicizada.

Outro efeito implícito, ou seja, do que não foi dito, mas está percebido pelo discurso, encontra-se na ação do pai, logo na página seguinte à apresentada anteriormente (na figura 04). Vejamos:

**Figura 04** – O filho do Super-Homem como narrador.



HQ “Superman: Son of Kal-El”, página 10 do capítulo 01. (DC COMICS, 2021. HQ disponível em: [https://hqdragon.com/leitor/Superman:\\_Filho\\_de\\_Kal-El\\_\(2021\)/01](https://hqdragon.com/leitor/Superman:_Filho_de_Kal-El_(2021)/01)).

Em se tratando da postura do Superman, percebemos que ele responde a Lois com uma pergunta e que, em seguida, adota um posicionamento silencioso, mas demarcadamente gestual, através do olhar, o que também é identificado como um enunciado-resposta. É aí que encontramos novamente Bakhtin (2006), para quem toda ação linguística tem proposição

responsiva e aguarda, por sua vez, uma resposta. É isso que torna a língua dotada de significados, uma vez que

[...] a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos. (BAKHTIN, 2006, p. 135)

A materialização das significações produtoras dos sentidos se serve dos discursos axiológicos que atravessam os dizeres. É o discurso que dá conta da forma como enxergamos ou não determinado panorama social, como o dos três personagens acima, em que dois são super-heróis com poderes sobrenaturais e que os aplicam em atos altruístas e uma é humana, que comunga de seus ideais, que os admira e que os respeita. Todos, quanto ao discurso sobre ser herói, pautam-se nas impressões que têm do tema, situando-se sob um discurso que pouco separa o que compreendem da via negativa que coloca os homens como maus ou ruins, no plano comportamental, afinal o planeta está sendo ameaçado por uma invasão alienígena, e eles estão divididos sobre suas preocupações.

Nas histórias em quadrinhos, a personalidade do super-herói, quanto ao ângulo do discurso, é o que move a narrativa, configurando o pensamento do leitor para uma espécie de contrato (SILVA, 2001), o mesmo que um pacto (ECO, 1994), sob o qual ambos – autor e leitor – trilham seus discursos. Silva (2001) complementa essa percepção ao afirmar que o texto estabelece uma postura na qual o leitor se encaixa. Nesse viés,

[...] não existe um texto isolado com significados prontos para inculcar mensagens na mente dos leitores. O que se observa é a proposta de maneiras de ver a realidade dentro dos limites definidos pelo texto. [...] Deve-se observar como os textos criam espaços para os leitores através de artifícios textuais. O texto só se torna relevante para análise à medida em que é significativo para o leitor. Existem também certas expectativas tipificadas que fazem o leitor aprender o que esperar do texto. O 'contrato' envolve um acordo de que o texto vai falar para o leitor de uma maneira que seja reconhecida e que se refira a certos aspectos do cotidiano. [...] muitas vezes o leitor demanda um tipo diferente de histórias quando há uma lacuna entre o que o leitor espera e o que o texto traz. [...] O texto sugere um contrato em que regras de participação são dadas. Entretanto, o leitor não tem de aceitar significados fixos e se posicionar de uma maneira passiva: o leitor está preparado antes do encontro com o texto para trazer diversas experiências para este encontro. Isto implicaria que o texto deve ser reconstruído como um sistema de significados, muitas vezes semelhante à ideologia do texto (SILVA, 2001, p. 12 e 13).

Assim que o leitor leva para o texto suas percepções, e sequencialmente, dentro dele, as trabalha e dialoga com novas perspectivas, está, então, aplicando a compreensão bakhtiniana

de emprego da língua viva e dinâmica (BAKHTIN, 2006, 2013). Dessa forma, o leitor comunga do discurso e promove outros. Aqui, contamos com o auxílio de Fiorin (2008a), para quem o conteúdo descrito

[...] precisa unir-se a um plano de expressão para manifestar-se. Chamamos manifestação à união de um plano de conteúdo com um plano de expressão. Quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto. Discurso é uma unidade do plano de conteúdo, é o nível do percurso gerativo de sentido em que formas narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos. Quando um discurso é manifestado por um plano de expressão qualquer, temos um texto. Poder-se-ia perguntar por que diferenciar a imanência (plano do conteúdo) da manifestação (união do conteúdo com a expressão), se não existe conteúdo sem expressão e vice-versa. Essa distinção é metodológica e decorre do fato de que um mesmo conteúdo pode ser expresso por diferentes planos de expressão ‘e’ o discurso está totalmente materializado no conteúdo apresentado [...] (FIORIN, 2008a, p. 45)

Na história em quadrinhos, portanto, tem-se o plano discursivo por dois códigos, o visual (não-verbal) e o verbal, o que configura essa obra como mista quanto à constituição da linguagem. Por esse ângulo, os discursos se expressam sob óticas diversas, seja pelo não-verbal, ao se efetivar determinadas cores ou tracejar expressões dos personagens, seja pela escolha lexical que o autor faz para materializar as falas e, assim, apresentar os conflitos que movem a trama.

Nessa trilha, também concordamos com Foucault (2008), pois o estudioso explica que

[...] o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência. E se conseguir demonstrar [...] que a lei de tal série é precisamente [...] formação discursiva, se conseguir demonstrar que esta é o princípio de dispersão e de repartição, não das formulações, das frases, ou das proposições, mas dos enunciados (no sentido que dei à palavra), o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico. (FOUCAULT, 2008, p. 122)

Com foco em nosso objeto de estudo, a história em quadrinhos, entendemos que essa se enquadra em um gênero discursivo específico, com suas funcionalidades e peculiaridades estruturais (BAKHTIN, 1997), que é materializada pelos discursos diversos que a povoam e com ela estabelecem diálogo (SOBRAL, 2009). Nessa esteira, ainda, o discurso, para Foucault (2008), pode estabelecer uma relação sequencial que convencionou os enunciados que, por sua vez, fomentam a pluralidade de formações discursivas. Logo, vale (re)questionar: “[...] como ocorre que tal enunciado tenha surgido e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2000, p. 91).

Em alicerce nas indagações, como entender, então, que Superman, Mulher Maravilha e Lois tenham essa compreensão acerca do herói e não outra? E na dimensão da história em quadrinhos? Por qual motivo a formação discursiva de um herói simbólico é a que se materializa

e perdura ao longo do tempo? Quais outros discursos foram apagados para que esse, com essa construção ideológica (BAKHTIN, 2006) e formação discursiva (FOUCAULT, 2008), fossem expressos? Foucault (2000) nos diz que a exclusão de determinadas enunciações está diretamente vinculada às normas que regulam a organização discursiva e que, com isso, envolvem as delimitações do que é possível, dado como plausível, ou não de ser dito, o que, logicamente, está atrelado à dominação dos poderes dos discursos, bem como às maneiras de expressão, de circulação, além da própria percepção eletiva dos sujeitos que escolheram por este ou aquele veio discursivo.

Em síntese, o herói existe porque é possível dentro do discurso que governa a fala, agora contemporânea, da humanidade. Por conseguinte, “[...] a análise das condições que regem o surgimento, a existência, a conservação, o apagamento, a reativação, a circulação, as relações estabelecidas entre os discursos e o papel que esses exercem implica, em uma perspectiva foucaultiana, a consideração da dimensão histórica” (SEVERO, 2013, p. 148). Nessa apreensão, o herói em quadrinhos tem existência singular a esse momento histórico, o que o torna estratégico como nosso objeto de análise.

### **1.1.2 O Conceito de Dialogismo e como isso fundamenta o herói**

Materializado dentro de uma língua, isto é, pela via possível de comunicação que une os falantes (BAKHTIN, 2006, 2013), expresso por uma forma, por uma maneira de dizer, conforme a abordagem lexical selecionada pelo locutor (BAKHTIN, 2006), considerado dentro de um parâmetro histórico, que comporta discursos vinculados ao que se diz e ao que não se diz sobre ele (FOUCAULT, 2008), o super-herói dos quadrinhos é mais um objeto passível a avaliação. Assim, para se estruturar, ele precisa de um texto, que,

[...] do ponto de vista de sua apresentação empírica, é um objeto com começo, meio e fim, mas que, se o considerarmos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude. Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer) (ORLANDI, 2004, p. 54)

Enquanto texto de determinado gênero, uma história em quadrinhos é também dotada de unidade de sentido. Orlandi (2004), quanto à unidade de sentido que se constitui como texto, esclarece que essa se materializa completando-se com outros textos antecedentes e, simultaneamente, mostrando-se incompleta. Nesse caminho, quando, para exercer significado e produzir sentido, um texto precisa retomar outros textos em diálogo, outras mensagens e

informações que o precedem, estamos diante da máxima bakhtiniana (1988) do dialogismo, pois

[...] a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1988, p. 88)

É clássica a consideração de Bakhtin (1988), de que somente Adão, o primeiro homem, segundo o discurso bíblico (BÍBLIA, 2008), tenha enunciado a língua sem relação com outros saberes ou textos anteriores. Nessa percepção, para o pesquisador russo, a língua, no seu âmbito global, total, ou seja, sob sua ótica concreta, viva, em seu emprego material entre os falantes, tem a condição circunstancial de se fazer dialógica, isto é, comunga discursos anteriores que já foram ditos e que, assim, podem ser enunciados a serviço de novos propósitos (FIORIN, 2008b).

Por intermédio da visualização dialógica bakhtiniana (1988), podemos estruturar as semelhanças e/ou diferenças entre os super-heróis ao longo da história, atenuando ou intensificando suas abordagens conforme o momento histórico nos evidencia. Sendo assim, quando retomamos, por exemplo, o herói Ulisses, da epopeia de Homero, *A Odisseia* (2015), vemos que ele cumpre uma jornada, um ciclo narrativo, submetido a circunstâncias que provam sua heroicidade (CAMPBELL, 1990).

Nessa mesma linha de abordagem está o herói em quadrinhos, que também cumpre uma trajetória, a exemplo do que será mencionado aqui (capítulo 02), atuando a serviço de propósitos voltados a leitores desse momento histórico. As ações, na narrativa, têm relação direta, e o herói se altera conforme o pensamento da população a que ele representa também passar por mudanças (CAMPBELL, 1990), afinal, essas figuras dotadas de superpoderes se destacam por seu enfrentamento a “[...] muitas e importantes questões éticas [...]. Ter superpoderes não obriga uma pessoa a se tornar super-herói, mas, se tal indivíduo resolver adotar esse papel, há muitas responsabilidades que vêm com essa função” (IRWIN, 2009, p. 184). Assim, devemos levar o aluno leitor de HQ a compreender que as narrativas dialogam com o contexto sociocultural, e também com textos anteriores.

O dialogismo se materializa aqui, na analogia entre ambas as narrativas heroicas, no entanto avança bem mais. Segundo Fiorin (2008b),

[...] essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é

perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2008b, p. 18 e 19)

Cada herói, então, tem sua pressuposição dialógica com outros que o precederam. Isso é marcado por cada abordagem a seu modo. Em figuras heroicas como o Super-Homem, cuja primeira aparição data de 1938, por exemplo, um grande herói dos quadrinhos e, também, das telas do cinema, temos um diálogo narrativo estreito com o discurso cristão (WELDON, 2016). O Super-Homem, a exemplo de Cristo, também foi enviado à Terra, é externo a esse meio e transforma a vida de todos ao seu redor, pelo exemplo que dá com suas ações, com sua postura benevolente, levando o bem aonde quer que vá. Jesus Cristo foi adotado por José e concebido por Maria (BÍBLIA, 2008) e o Super-Homem, na Terra, também foi adotado por figuras de nomes próximos, como Joseph e Martha. Além disso, o nascimento de Cristo, segundo o discurso bíblico, foi em um celeiro... E o Super-Homem? Sua nave caiu também em um ambiente rural (WELDON, 2016). Fundamenta-se aqui um incrível diálogo entre as imagens de quem veio à Terra para salvar a alma dos pobres e salvar a democracia das injustiças sociais.

Diante disso, portanto, lembremos que “[...] toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras” (FIORIN, 2008b, p. 19). Sob esse viés, a compreensão do dialogismo é essencial aos estudantes, pois, reconhecendo-o, fazem-se cientes do contato necessário e plausível entre os textos e como isso pode enriquecê-los discursivamente. Logo, é preciso que, cientes da perspectiva de que não há discurso que não se faça entremeado da fala alheia, precisamos avaliar como fundamentar nosso ato de fala, a enunciação, dentro de um processo factível de construção que resulte no enunciado, o dito. Esses são os pontos que discutimos em sequência.

### **1.1.3 Os conceitos de enunciado e enunciação e como eles fundamentam o herói**

A convenção mínima de entendimento acerca dos conceitos de enunciado e enunciação expressam que o primeiro seja o produto do segundo. De fato, se o enunciado é o que foi dito acerca de determinado panorama, a enunciação é o exercício social, pautado na interação, ou seja, calcado na pressuposição de enunciador e de enunciatário (BAKHTIN, 1997). Nesse prisma, quando estamos falando sobre o herói, com foco estrito naquele que atua como personagem dos quadrinhos, estamos incidindo diretamente sobre o enunciado, sobre os dizeres verbais e imagéticos, isto é, no que circunda o dito sobre ele, pois

[...] a análise do campo discursivo [...] trata de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 2008, p. 31)

Quando se produz uma história em quadrinhos e nela se efetiva discursos, promovemos enunciados que precisam estar diretamente atrelados aos objetivos do autor. Nessa senda, é válido rememorar que existem diferenças entre as unidades da língua e os enunciados, pois “[...] aquelas não pertencem a ninguém, não têm autor. Com efeito, uma palavra como “água” está à disposição de todos para ser usada nos enunciados, ninguém pode reivindicar sua autoria” (FIORIN, 2008, p. 22). Nessa posição lexical de termo com significação disponível, a palavra água é neutra, desvinculada de ideologia, mas quando a inscrevemos dentro de um texto comunicativo, dotada de valor específico, torna-se signo discursivo que, tomado em um processo comunicativo, é um enunciado. Em conclusão, “[...] as relações entre as unidades da língua são relações semânticas ou lógicas [...]. Já os enunciados têm autor. Por isso, revelam uma posição [...]” (FIORIN, 2008b, p. 22).

Consoante Bakhtin (1997):

[...] todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 1997, p. 280)

Quando o aluno compreende que ao criar textos está compondo enunciados, torna-se mais atento ao redigir. No caso da história em quadrinhos, o que se enuncia sobre o herói efetua-se visualmente, pela incorporação das imagens e das falas, material verbal, em um plano estratégico elucidado pelo andamento do enredo. Sendo assim,

[...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Em linha estratégica de análise, entendamos, então, o conteúdo temático como a sequência lógica dos discursos que indicam problemas retratados acerca do tratamento dos saberes, da jornada do herói. Como esses elementos foram retratados, por esse ou aquele viés, ou seja, por esse ou aquele assunto, por seu campo mais ou menos significativo, por sua injunção argumentativa, temos valores inseridos. Isso se vê, em uma história em quadrinhos, quando se opta pela abordagem de um assunto de interesse do leitor e, logicamente, do autor, e até quando se perfaz o contrário disso. No eixo estilístico, vislumbra-se desde a seleção lexical de determinada forma gramatical à maneira como se encadeiam os organogramas pictóricos, materiais, composicionais da estrutura em que os quadrinhos foram concebidos, sejam eles delimitados pela estrutura composicional, que funcionam enunciativamente no formato revista, jornal ou outro.

A construção composicional é o todo formal do gênero da obra. Por isso, também se encadeia como relevante ao processo enunciativo, uma vez que se atrela às delimitações táticas que possibilitam a veiculação dos enunciados. Intentamos levar ao aluno o conhecimento desses aspectos, a fim de que possa trabalhar bem na criação de uma HQ. À medida que isso se deflagra, vemos o elucidar dos sentidos, das significações de cada campo a partir da leitura da narrativa, comprovando que

[...] o sentido não nasce da vontade repentina de um sujeito enunciador. O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. Essa repetição ou modificação não é necessariamente intencional, consciente, nem imediata [...]. Ao contrário, pode ser oculta ao sujeito enunciador. (MITTMANN, 1999, p. 272).

Por conseguinte, o enunciado figura como a real unidade de comunicação discursiva, enquanto essa, a seu viés, só pode configurar existência na maneira de enunciações concretas de determinados falantes, os sujeitos do discurso (BAKHTIN, 1997). Por isso, o dito, o enunciado, está delineado pela sequencial alternância entre os sujeitos do discurso, no caso da história em quadrinhos, ora o autor, ora o leitor. Como se pode perceber, então:

[...] todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso [...] (FIORIN, 2008b, p. 24).

Como exemplificação dessa perspectiva em nosso objeto de análise, o super-herói, lembremos da fala de Diana – Mulher Maravilha – no fragmento da HQ de que nos valem na figura 03. Nessa delineação, quando a Mulher Maravilha afirma "Mas o nascimento desta criança é o maior evento ocorrendo agora. Seu filho pode ser o maior herói que esse mundo já

viu", esse enunciado somente consegue inferência significativa, de sentido, porque se fundamenta discursivamente em postura opositiva a outros enunciados, que tornaram o herói um ser grandioso, atendendo ao vislumbre positivo, da justiça social. Essa pressuposição pode ter sido colhida no que a personagem cotejou a partir de sua vivência, de sua leitura de mundo, situando-se pelo discurso midiático ou por uma leitura mais ou menos concisa da dimensão heroica na sociedade.

Todo esse arsenal de significados, dados pela enunciação e resultantes no enunciado, só são possíveis porque a sociedade humana organiza a língua e, sequencialmente, a linguagem, para que isso seja passível à constituição. Citamos Foucault (2008) novamente, que nos alerta:

[...] por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Por fim, o super-herói da história em quadrinhos fundamenta os enunciados possíveis e plausíveis, voltados a um público leitor específico, conseguidos por meio do que os estudos de Fiorin (2008b), discutindo Bakhtin, chama de relação contratual entre leitor e autor. Os enunciados são, portanto, o lugar de embate entre as vozes gregárias, ou seja, sociais, o espaço em que se confrontam as contradições e, com isso, refletem e refratam posições entre autor e receptor, conforme a estrutura, o suporte em que o texto está sendo enunciado (FIORIN, 2008b). Assim, chegamos ao viés de que cada texto é único em sua dimensão, mas coaduna com os demais quanto a algumas formas, maneiras de expressão relativamente similares. Desse campo, precisamos nos debruçar, então, sobre os gêneros do discurso e entender como eles possibilitaram a estrutura basal do herói nas histórias em quadrinhos. Mas, antes, tratamos das origens das HQ e da relação sociocultural de sua produção com seus autores. Sigamos!

## 1.2 DO SURGIMENTO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO HOJE

Evidenciamos até aqui que os quadrinhos são possíveis porque a língua viabiliza a possibilidade comunicativa humana (BAKHTIN, 1997), e, com isso, enquadram-se sob determinadas escolhas lexicais e visuais estratégicas que fundamentam uma linguagem, ou seja, uma forma de manifestação interativa específica e estratégica. A partir dessa compreensão, é possível inferir que assim que o ser humano começa a se manifestar simbolicamente, vale-se da projeção imagética, o que nos remete a um provável prenúncio do que hoje reconhecemos

como histórias em quadrinhos a partir das construções pintadas pelos homens das cavernas, das pinturas rupestres, construídas pelos homens pré-históricos (XAVIER, 2017).

Sob esse viés, o texto que se considera a primeira história em quadrinhos conforme se percebe o mais próximo do que se lê nos dias atuais é “O Menino Amarelo”, de Richard F. Outcalt, publicado em 05 de maio de 1895, pelo Sunday New York Journal. Trata-se da primeira narrativa do gênero que teve formulação do enredo com continuidade, centrada em um personagem e com circulação semanal, aos domingos, de modo colorido (MOYA, 1986). A estrutura enunciativa nem de longe reproduzia os amplos arquétipos contemporâneos, e sua abordagem conteudística foi importantíssima para a denominação de um termo que marcaria as histórias desse modal, a expressão “jornalismo amarelo”, que no Brasil figura como “marrom”. Moya (1986, p. 23) esclarece que:

[...] Nesse dia histórico, o artista Richard Fenton Outcalt desenhou dois painéis (charges), um em cor, outro em preto e branco, sob o título *At the Circus in Hogan's Alley (No Circo no Beco de Hogan)*. Era um quadro a mais de crianças em favelas (becos). [...] Apesar de ganhar dinheiro, ele e a esposa se ressentiam dos ataques de grupos conservadores de “boas famílias”, que criticavam a imprensa sensacionalista praticada por Hearst e Pulitzer, chamando-a de “jornalismo amarelo”, exatamente por causa do menino pobre dos guetos nova-iorquinos ‘e da cor de sua roupa’. O caso na Justiça entre os dois *tycoons* (magnatas) da imprensa, colocando em litígio os direitos do personagem, mais a decisão “salomônica” da Corte dando razão aos dois foram a gota d’água. Outcalt deixou o Menino e Hearst, passando a trabalhar como *freelancer* (trabalhador autônomo). Tentou outras histórias, sem sucesso. O Menino continuava, com outros artistas ou *reprints*. Uma das reedições seria a ideia do que viriam a ser, no futuro, os gibis. (MOYA, 1996, p. 23 e 24)

Como Moya (1996) apresenta, o contexto de surgimento das histórias em quadrinhos é marcado por paroxismos entre alas conservadoras e grupos futuramente vistos como progressistas. Portanto, as histórias em quadrinhos polemizam pelo surgimento sob o desconforto de grupos tradicionalistas ao verem o destaque de uma figura marginalizada. Notadamente, essa manifestação pode ser demarcada como preconceituosa, afinal o preconceito

[...] permite, em casos especiais, que as pessoas convivam por algum tempo. [...] O preconceito não é empírico e, por não ser empírico, é quase sempre fruto de um senso comum. E o senso comum quase sempre é fruto de algo que nos defende de outra coisa. Para eu manter uma massa negra submetida em lugares em que os negros são maioria, e para que essa massa negra incorpore essa submissão, preciso ensinar que ele é inferior. (KARNAL, 2017, p. 55)

No caso em questão, perceber que uma sociedade possa ser ‘informada’ sobre a existência de grupos que ela sempre tentou esconder pode figurar como uma ameaça aos conservadores? Essa é uma pergunta retórica que incendeia o sequenciar da história dos quadrinhos, uma vez que rotineiramente esses textos foram marcados pelo olhar preconceituoso

e negativo em grande parte do século posterior ao seu surgimento (BAHIA, 2012). O incômodo a uma ala que não gostaria de ver um menino pobre, vivente em um espaço segregado, em um quadro que lhe construa, ainda que limitadamente, uma identidade, parece não ter sido ainda superado na atualidade. Essa percepção ética dos valores socioculturais construídos historicamente precisa ser levada aos alunos, para que possam construir narrativas de HQ que critiquem os problemas que vivemos cotidianamente.

Tendo ciência de que a luta contra injustiças sociais é perene, as HQ de Super-heróis surgem com notoriedade em 1938, com o lançamento de Superman na revista Action Comics. O termo herói já estava previamente estabelecido para a personagem que dividia suas atenções nas lutas pelo bem e contra o mal, dessa forma o prefixo ‘super’ foi inserido à perspectiva dos quadrinhos pela busca dos magnatas da imprensa por levar uma superaventura ao leitor, pela apresentação de uma super história, enfim, pela promoção de entretenimento que se dissociasse dos demais e que resultasse no então necessário aumento das vendas dos jornais americanos. (XAVIER, 2017).

Do ponto do sucesso em diante, as histórias em quadrinhos ganharam inúmeras adaptações e demonstraram seu potencial de correlação com outras artes, sobretudo impactando os enredos apresentados nos cinemas. Segundo Eisner (2010),

[...] Essa antiga forma artística, ou método de expressão, desenvolveu-se até resultar nas tiras e revistas de quadrinhos, amplamente lidas, que conquistaram uma posição inegável na cultura popular deste século [XX]. É interessante notar que apenas recentemente a Arte Sequencial emergiu como disciplina discernível ao lado da criação cinematográfica, da qual é verdadeiramente uma precursora (EISNER, 2010, p. 05).

Eisner argumenta ainda que as histórias em quadrinhos continuam em constante modificação em suas aplicabilidades e com isso, mais do que nunca, constituem-se como forma válida de leitura (EISNER, 2010). Sendo assim, entendemos que, desde o seu surgimento, as HQ têm construído uma trajetória de lutas relevantes às diversas sociedades, seja pelas suas formulações discursivas temáticas, seja pelas relações estilísticas, pelas relações composicionais que inspiram outras formas de arte. Por isso, é importante compreender que as histórias em quadrinhos também se formulam sob perspectivas projetivas autorais estratégicas e em correlação direta com o que seus criadores podem perceber no mundo. Tratamos disso a seguir!

### 1.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A LIGAÇÃO COM O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE SEUS AUTORES

Um autor é quem constrói um panorama, organiza e apresenta a seu modo, delimitando em sua construção a ação do narrador, a percepção única de sua formulação. No caso do autor de um texto, entendemos ser aquele que organiza os discursos de uma forma estratégica que revele seu potencial de expressão. Por essa compreensão,

[...] Constituem-se como elementos das condições reais de produção do gênero do enunciado o projeto discursivo do autor, as necessidades de uma temática (finalidade do objeto de sentido), a relação entre os participantes e o fundo aperceptivo que os participantes têm uns dos outros e da situação, todos envolvidos pelo elemento axiológico (valor). A orientação valorativa, na visão bakhtiniana, é o elemento preponderante na configuração de uma prática de linguagem, pois é ela que orienta o projeto discursivo do autor enquanto “acontecimento” único e irrepetível e que a atualiza sempre que é utilizado em uma situação de comunicação definida (MIGUEL, 2012, p. 216).

Para falar sobre as histórias em quadrinhos, é válido considerarmos as condições reais de produção por parte de seus autores. Como assevera Miguel (2021), todo texto é produzido sob um objetivo específico, mas existem condições sociais que interpelam as abordagens e que viabilizam o redirecionamento de seus propósitos. Uma possibilidade nesse sentido é a consolidação de uma indústria literária de massa que pode colocar a necessidade de venda acima da objetividade crítica de uma produção.

Em relação às histórias em quadrinhos com super-heróis, no âmbito americano, não foi e nem é diferente. As produções começaram a ser vendidas a partir de um projeto para aumento das vendas dos jornais aos fins de semana e podiam ser atrativas aos leitores menos experientes com a alfabetização, que também podiam se distrair com as sequências das imagens caso não conseguissem ler (XAVIER, 2017). Nesse sentido, muitos autores do gênero foram colocados sob pressão por vendagem e, ainda assim, é importante esclarecer que a maior parte das histórias em quadrinhos apresentaram temáticas críticas e importantíssimas, consideradas pelos especialistas à frente do tempo, por sua nobreza no tratamento e pela consolidação imagética de um super-herói que envolvesse, sobretudo por tantos momentos, tantas gerações (JONES, 2006).

Frente a essa percepção, faz-se relevante que lembremos que, segundo Foucault (2009), ao escrever, uma figura autora trata “da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer” (FOUCAULT, 2009, p. 268). Isso significa que existe uma linha tênue entre o que o autor projeta e o que a obra vai se tornar diante do leitor, mesmo que muitos dos objetivos para a produção tenham sido meticulosamente planejados, pois, a partir do momento em que toma ciência do texto, o leitor leva a ele suas impressões, suas visões de mundo. Pela

delineação esquemática que categoriza um autor, Foucault (2009) teoriza quatro pontos essenciais, destacados a partir de:

[...] 1 - O nome do autor: impossibilidade de tratá-lo como uma descrição definida; mas impossibilidade igualmente de tratá-lo como um nome próprio comum. 2 - A relação de apropriação: o autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles. Qual é a natureza do *speech act* (ato de fala) que permite dizer que há obra? 3 - A relação de atribuição: O autor é, sem dúvida, aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito. Mas a atribuição - mesmo quando se trata de um autor conhecido - é o resultado de operações críticas complexas e raramente justificadas. As incertezas do opus. 4 - A posição do autor: Posição do autor no livro (uso dos desencadeadores; funções dos prefácios; simulacros do copista, do narrador, do confidente, do memorialista). Posição do autor nos diferentes tipos de discurso (no discurso filosófico, por exemplo). Posição do autor em um campo discursivo (O que é o fundador de uma disciplina? O que pode significar o "retorno a..." como momento decisivo na transformação de um campo discursivo?) (FOUCAULT, 2009, p. 265).

As narrativas em quadrinhos têm como autor primário o grandioso Richard Outcault, alguém que, já a seu tempo, padeceu com a delimitação efetiva da autoria de seu trabalho, como já mencionamos outrora. Além disso, seus construtos passaram antes, durante e depois pelas relações de apropriação, o que tornou o autor digno de desconfiança quanto à autoria original, não sendo nem produtor e nem inventor efetivo de sua enunciação. A ele foi atribuído o que foi dito e escrito, mas não se pode negar que o autor, como pessoa, foi resultado das diversas vozes que se cruzaram pelas suas vivências de mundo, de maneira que conseguiu orquestrar os atos de fala, obtendo assim uma posição. Essa é uma limitada contextualização que tenta, pragmaticamente, relacionar a procedência autoral à percepção teorizada por Foucault (2009).

Para além dessa colocação, Jones (2006) esclarece que nem sempre os autores dos quadrinhos se viram sob reconhecimento. Pelo contrário,

[...] A história dos homens que criaram as histórias em quadrinho americanas e aquela entidade tão singular, hoje conhecida como super-heróis, ficou por quase 30 anos sem ser contada. Esses homens estavam sempre correndo, dia após dia e mês após mês, enchendo as páginas com suas incríveis tintas sem nunca parar para ver que o que tinham feito e vivenciado era digno de reflexão. Quem por fim juntou as histórias foram os fãs, que compilavam dados para fanzines que não tinham nenhum propósito a não ser entender melhor os quadrinhos que já estavam ficando amarelados no armário. Jerry Siegel foi o primeiro a trazer a história ao conhecimento do público, mas não foi o único a contá-la. (JONES, 2006, p. 19)

Os autores das Histórias em Quadrinhos são, portanto, fruto de uma sociedade célere, que produz em massa e que, nem sempre, está em condições de refletir sobre os seus efeitos. No entanto, ainda assim, muitos escritores, embora cientes de seu não reconhecimento, esforçaram-se para as produções com a criticidade devida (EISNER, 2010). Embora o primeiro momento das Histórias em Quadrinhos seja chamado de Era de Ouro, muitas produções

surgiram, dando ao gênero a definição dos super-heróis e também estabelecendo um formato intitulado ‘comic book’ (JONES, 2006). Diferentemente das vitórias consecutivas de seus super-heróis nas narrativas, os autores das HQ percebiam que

[...] A história é escrita pelos vencedores – mas nem sempre. Há histórias escritas pelos perdedores. A das histórias em quadrinhos foi escrita pelos que foram trapaceados e os que simpatizavam com eles. Os homens que fizeram fortuna ficaram calados. Os que fundaram empresas, compraram os personagens e criaram o império de marketing e multimídia guardaram suas versões para si mesmos e deixaram os escritores e desenhistas escrever a história. (JONES, 2006, p. 19)

No âmbito sociocultural, então, os autores das histórias em quadrinhos sentiam nitidamente os desajustes sobre sua autoria, seja pelo que as editoras faziam com eles, seja pelo que os próprios leitores diziam sobre suas obras (JONES, 2006). Portanto, a origem dos quadrinhos está marcada pela dificuldade - naquele momento histórico e por que não dizer desde aquele momento histórico? – quanto à justiça social, sobretudo pelos lucros. Notadamente, a maioria dos enredos se disponibiliza ao trabalho com esse viés. Superman é criado por uma família rural, sendo frequentemente lembrado de que não pertence ao Planeta Terra; o Homem-Aranha é alguém que salva a vizinhança, mas que é visto como bandido pelo discurso midiático constantemente, e vive às escondidas; até mesmo Batman, do ápice da riqueza de Bruce Wayne, tem seus planos anti-heroicos construídos a partir do assassinato injusto de seus pais por um ladrão que objetivava o roubo a joias na saída de uma exposição.

Esses são alguns exemplos pontuais, mas para os autores das histórias em quadrinhos, tanto os de antes quanto os de hoje, tudo ia/ vai muito além. Segundo EISNER (2006), no tipo textual que ele chama de Arte Sequencial,

[...] A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes. O sucesso ou fracasso desse método de comunicação depende da facilidade com que o leitor reconhece o significado e o impacto emocional da imagem. Portanto, a competência da representação e a universalidade da forma escolhida são cruciais. O estilo e a adequação da técnica são acessórios da imagem e do que ela está tentando dizer. (EISNER, 2006, p. 13)

Está mais que compreendido que o autor das HQ comunga com um pressuposto socialmente construído, socialmente ideológico, com seus leitores. Afinal, todos os seus esforços, ainda que mínimos, coadunam para um texto que seduza o leitor, de forma consciente ou inconsciente. Consideramos que, nos preparativos de nossa proposta de produção de texto em HQ, os alunos devem ser levados a considerar a importância de se alcançar a atenção do

leitor. Por isso, em sua *Pragmática do discurso literário*, Maingueneau (1996) explica que “[...] de um modo geral, qualquer comunicação escrita é frágil, pois o receptor não partilha a situação de enunciação do locutor [...]” (MAINGUENEAU, 1996, p. 31). Em relação à afirmada fragilidade apontada acima, os primeiros autores das HQ

[...] Jerry Siegel, Jack Liebowitz, Joe Shuster, Harry Donenfeld, Charlie Ginsberg, Bob Kahn, Stanley Lieber, Jake Kurtzberg, Mort Weisinger: ‘eram’ todos da mesma geração, conhecidos entre si, todos garotos judeus, filhos de imigrantes, muito à margem de suas próprias comunidades. Embora mantidos à parte do *mainstream* (Tendência dominante) americano, estavam mais em sintonia com os desejos e angústias desse *mainstream* do que as pessoas que faziam parte dele. Em busca de trocados fáceis, uma novidade espetacular e um pouco de alívio para seus anseios solitários, inventaram uma forma de cultura que foi como uma revelação para crianças de todas as classes e etnias e iria evoluir a ponto de se tornar parte da fantasia de adolescentes e adultos. Essa cultura sobreviveria por mais de 60 anos após o estouro inicial e estabeleceria a norma de entretenimento numa época muito diferente daquela em que foi criada. (JONES, 2006, p. 21)

Não é à toa que a marginalidade é discutida sobre inúmeras nuances nas histórias em quadrinhos. Essa circunstância também é/foi a vivenciada pelos seus autores. Nessa premissa, “[...] as vozes são socioideológicas, pois sempre trazem um ponto de vista apreciativo constituído em determinado lugar sócio-histórico. Elas habitam o sujeito e se manifestam de forma dialógica em seus discursos passados, presentes e futuros e eles a elas respondem” (MIGUEL, 2012, p. 217). Muitas vezes, essa resposta pode se dar de forma inconsciente, mas ainda assim figura como uma posição dada axiologicamente e que retorna em provável reflexão cíclica, dialógica, nos leitores. Jones (2006) destaca, ainda sobre os escritores das HQ em seu período de surgimento, que

[...] Muitos desses jovens não tinham pais, seja no aspecto físico ou emocional. Muitos deles não tiveram a oportunidade de serem criados da forma mais apropriada e foram forçados a assumir o papel de adulto muito cedo ou então foram mantidos no mundo emocional infantil. Em alguns casos, as duas coisas ao mesmo tempo. Disputavam poder e independência como se fossem crescidos, ao mesmo tempo em que alimentavam fantasias de jardim-de-infância. [...] As relações que mantinham com a masculinidade, a sexualidade, o poder, a individualidade, a violência, a autoridade e a moderna fluidez do indivíduo eram tão intrincadas e profundas que seu trabalho falava diretamente às ansiedades da vida moderna – e com um conhecimento de causa que jamais julgaram ter. À medida que o tempo passava, suas criações tornaram-se cada vez mais importantes. Eles previram e ajudaram a moldar a cultura *geek*, estabeleceram o padrão de franquia para entretenimento, criaram uma fantasia pronta para ser vendida à cultura do narcisismo de consumo. Provocaram o surgimento de subculturas artísticas. E tudo isso sem saber direito o que estavam fazendo. (JONES, 2006, p. 22)

É nítido que os autores das primeiras HQ de super-heróis legaram ao mundo um gênero riquíssimo, que foi se aprofundando com o texto e se ramificando de formas inimagináveis. Sob suas óticas socioculturais pairam a desordem do momento, em um mundo *pós-crack* da bolsa

de Nova Iorque (1929), desacreditado e onde se percebiam, não diferente de hoje, injustiças sociais, sobretudo de via econômica, muito densas. Essa condição de produção marcou profundamente a perspectiva autoral desses escritores, posto que os super-heróis vieram pela necessidade de fantasia exposta pela também necessidade do homem de fugir de sua realidade em propósito de um mundo melhor (CÂNDIDO, 2011). Nessa compreensão, lembremos, por fim, que “[...] a função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2009, p. 274). Com isso, consideramos que o aluno do Ensino Médio do século XXI é capaz de perceber os problemas sociais com os quais convive, sugestivamente dentro desse contexto de pandemia (2020-2022), em que muitas injustiças estão presentes e, com isso tem condições de criar uma narrativa em quadrinhos que o represente.

#### 1.4 O GÊNERO DO DISCURSO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A língua é a base da comunicação humana. Quando empregada de uma ou outra forma, temos então a linguagem (BAKHTIN, 2006). Daí, podemos dizer algo sobre determinado aspecto, excluindo outros dizeres, que resultam da seleção de certas formações discursivas, que se seguem como um produto, o enunciado, aquilo que foi dito sobre a abordagem (FOUCAULT, 2008). A partir do momento em que nos valem de uma maneira ou de outra para materializar tema, estilo e estrutura composicional, em um texto, empreendemos o gênero do discurso, isto é, “aquele que condiciona a atividade enunciativa” (MARCHUSCHI, 2008, p. 82).

Em se tratando da história em quadrinhos, temos uma concepção de como um gênero é condicionado, afinal para Bakhtin

[...] qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas) (BAKHTIN, 1997, p. 279 e 280).

Essa concepção de gênero como uma modalidade comunicativa preenchida de instabilidades está implicada na materialidade textual de uma produção textual que preserva

estrutura linguística, enunciativa, a partir da representação e da reprodução do verbal e do visual. Nesse caminho, Faraco (2009) reporta que

[...] a utilização do termo gênero para designar tipos de textos é uma extensão da noção de estirpe (linhagem) para o mundo dos objetivos literários e retóricos. Assim como as pessoas podem ser reunidas em linhagens de consanguinidade, o mesmo se pode fazer com os textos que têm certas características ou propriedades comuns. A noção de gênero serve, portanto, como uma unidade de classificação: reunir entes diferentes com base em traços comuns. (FARACO, 2009, p. 123).

Dessa premissa, uma questão se interpõe: quais seriam, então, os traços comuns que materializam o gênero história em quadrinhos? Trata-se, afinal, de uma narrativa, que envolve enredo, personagens, tempo e espaço em uma progressão, por vezes, cronológica, por vezes, psicológica. Vargas (2014) norteia a possível resposta, afirmando que

[...] não parece existir o escrito fundacional que fez dos quadrinhos uma arte narrativa. A atribuição de sua narratividade deu-se por um entendimento simples: os quadrinhos contam uma história por meio de imagens legíveis [...]. Assim, é neste entendimento sintético de que os quadrinhos são imagens (e às vezes também textos) que são transmutadas numa história por meio de um processo de conversão (leitura) que sua narratividade é pensada. Isto faz com que a investigação desta narratividade se dê na análise de competências das imagens que são ou não aptas para contar uma história. Como se supõe que uma imagem, solitária como uma palavra, não possui a qualidade necessária para contar histórias, a consagração narrativa só ocorreria na sequencialidade, no conjunto de palavras que compõem frases, de imagens que fazem quadrinhos. (VARGAS, 2015, p. 214).

Na sequência das imagens, os gêneros histórias em quadrinhos são produzidos por seus enunciadoreis tendo em vista um conjunto de noções estratégicas relativas a essa modalidade textual. A saber, no conjuntural imagético e no verbal, dos textos em quadrinhos, temos a arte e o acabamento (qualidade do tracejar, da linha, do desenho, harmonizando traço e espaço, com equilíbrio visual), a composição da cena (maneira como os fatos são desenhados, sobretudo com ênfase nos ângulos selecionados pelo desenhista), a diagramação (o uso do enquadramento conforme o projeto textual enunciativo), bem como a linha narrativa (a lógica do enredo e a continuidade dos acontecimentos em via passível à compreensão da parte receptora) (MOYA, 1986).

Temos, ainda, a qualidade dos diálogos, quando se avalia o roteiro e a forma como se encadearam os discursos para a promoção da crítica social – a serviço da literatura –, seguida do exercício da criatividade (o que se evoca pela junção – dialogismo (BAKHTIN, 2006) – de diversos dizeres anteriores à proposta do enunciador), da temática, dos ganchos (sequências compostas de clímax que encerram as páginas, os capítulos...) (MOYA, 1986).

Sob via de continuidade, XAVIER (2017) esclarece que

[...] as histórias em quadrinhos possuem linguagem autônoma e utilizam mecanismos próprios para representar os elementos narrativos; nos gêneros em quadrinhos predomina o modo de organização narrativo, mas os outros modos também podem ser

encontrados, tanto no texto verbal quanto no visual; a fala e o pensamento das personagens geralmente aparecem em balões, que simulam o discurso direto e a língua oral; as histórias normalmente giram em torno de um personagem, que pode ser fixo ou não, e que conduz a ação; as histórias são recheadas de “metáforas visuais”. (XAVIER, 2017, p. 11)

Temos, em nosso trabalho, a pretensão de usar textos de HQ exemplificativos, a fim de fazer o aluno compreender a importância do uso dos balões e das metáforas visuais, para construir seu texto. O gênero história em quadrinhos, portanto, é materializado por maneiras relativas de empreendimento pictórico e verbal. Essa materialização atua a serviço do vislumbre linguístico. Diante disso, reforçemos que a relevância do gênero é insofismável, já que nada no campo discursivo é neutro, ou seja, o enunciador se expressa linguisticamente com um propósito. Assim, em se tratando do conteúdo das histórias em quadrinhos, os super-heróis, levantados pelos enunciadores, são os responsáveis por fomentar valores sociais, compondo e recompondo, valendo-se ou não de outros gêneros que também o tenham como eixo principal. É o herói o promotor dos enunciados, dos discursos, do conteúdo a se retratar perante a narrativa, já que

[...] a variante analisadora do conteúdo só pode desenvolver-se de maneira razoavelmente ampla e substancial num contexto enunciativo suficientemente racional e dogmático, no qual, de qualquer forma, se manifesta um forte interesse pelo conteúdo semântico, e onde o autor afirma através de suas próprias palavras, com sua própria personalidade, uma posição de forte conteúdo semântico. Quando isso não ocorre, quando ou a própria linguagem do autor é ela mesma cheia de cor e individualizada, ou quando a fala é passada diretamente a algum narrador de mesma envergadura, essa variante terá apenas uma significação secundária e ocasional (BAKHTIN, 2006, p. 165).

Não nos esqueçamos de que a própria relatividade que forma o herói também compõe um gênero, com nuances que o condicionam a determinado formato pelo olhar social. Logicamente, nos referimos aqui aos quadrinhos com super-heróis, aqueles que constantemente apresentam uma missão social a um agente que deve cumpri-la por meio de uma jornada. Nesse aporte, o super-herói dos quadrinhos dissemina sua mensagem com base em concepções míticas, posto que

[...] os mitos formulam as coisas para você. Eles dizem, por exemplo, que você deve se tornar adulto, em determinada idade. Essa idade pode representar uma boa média para o evento em causa; mas, na verdade, na vida de cada indivíduo, a idade varia muito. Algumas pessoas desabroçam tarde e chegam a certos estágios em idade relativamente avançada. (CAMPBELL, 1990, p. 170)

Os mitos, como valores culturais, estão dentro dos gêneros e vice-versa, porque são possibilidades enunciativas complexas que perduram e que, ao ir e vir sob a ótica interpretativa, predizem saberes. Assim, sob via conclusiva, a língua figura como o elemento integrador da

vida por intermédio dos enunciados concretos que a materializam. Aconselha-nos, nesse prenúncio, Bakhtin (1997, p. 264), que “[...] a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise [...]” dos gêneros. Tendo em vista, então, que a linguagem é o elemento de união dos diversos eixos da atividade humana, infere-se que ela está efetivada pela multiplicidade da língua, por sua vez efetuada através de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos falantes, que, também por intermédio dos enunciados, expressam condições específicas, finalidades e estruturas composicionais ricas, diversas, heterogêneas e inesgotáveis, figurando, por fim, como correias de transmissão entre a história da sociedade e a linguagem (BAKHTIN, 1997).

## CAPÍTULO 02

### A CONCEPÇÃO DE SUPER-HERÓI

Tendo em vista que um de nossos objetivos é desenvolver nos alunos conhecimento filosófico e literário dos conceitos de herói, para que possam construir o seu próprio super-herói, neste capítulo, apresentamos uma síntese de como a história da humanidade foi construída (HARARI, 2018) e de que modo a ficção se fez presente no processo de criação do homem e dos personagens. Na sequência, discutimos que o ser humano precisa produzir sentidos para preencher sua vida (MOSÉ, 2019), o que o condiciona à criação do herói ou do super-herói, como produções míticas, fictícias, mais pontuais do *homo sapiens*.

Assim, exploramos também como as histórias dos heróis se fundamentaram, situando-nos sobretudo acerca de algumas das maneiras como o enredo parece ser conhecido e reconhecido, segundo certas padronizações narrativas que estrategicamente se repetem conforme se vê na construção dos personagens (CAMPBELL, 1990). Em sequência, justificamos a relevância da imagem heroica para a consolidação dos valores sociais, sobretudo visados na população que se projeta como a receptora do futuro, isto é, a juventude, a partir dos documentos nacionais e oficiais para a Educação. Nosso objetivo aqui se dá por abrir os desdobramentos para discutir as concepções de Multiletramentos como uso das mídias na construção da educação nacional. Mostramos, ainda, por que nosso material didático chama a atenção sobre as nuances dissociativas entre herói e super-herói, a partir da análise de um meme coletado na internet.

#### 2.1 DO CONCEITO DE HERÓI AO SUPER-HERÓI DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Sob o objetivo de que o aluno compreenda a importância do personagem que vai criar, vamos trazer, no material didático, exposição e debate sobre o conceito de super-herói nas HQ. Isso decorre da percepção que temos, de que a humanidade conta sua história antes mesmo de se ver estando nela. Muito antes de se fazer o discurso histórico tal qual o conhecemos hoje, muitas vezes materializada em sequências de ações narrativas, já existiam seres humanos que contavam e recontavam histórias. E, ao longo da história, o ser humano, ao progredir em âmbito cultural, o fez porque aprendeu a dominar e a usar a linguagem a serviço de suas necessidades.

Para Mosé (2019), o *homo sapiens* se estrutura efetivamente assim que toma consciência da morte. É ali que ele se formata na pressuposição de um pensamento organizado. Nesse ínterim, a direção da vida rumo à morte é que impulsiona o homem a escrever a sua história porque viver é criar, é estabelecer um hiato, uma separação, entre o nascer e o último instante

de vida. E, nesse precioso intervalo, o homem procura construir sentidos para sua estadia. É assim que o herói entra historicamente na humanidade. Ele representa os sentidos mais valorosos, os substratos psíquicos mais capciosos e figura como elemento de captação dos olhares do homem para uma direção valorativa ideologicamente marcada.

Nesse eixo, a capacidade inventiva do homem é o que faz com que sua história seja criada, contada, moldada, interpretada e levada adiante por inúmeras gerações. A habilidade imaginativa fictícia de que o ser humano é dotado faz com que os mitos, as projeções heroicas, sobretudo, cheguem a circuitos sociais inimagináveis e promovam alterações de valores. É preciso que a sociedade tenha um viés em que se espelhar na defesa coerente de princípios que julgue válidos para o seu próprio progresso.

Se, de um lado, o herói ou super-herói são criações narrativas dos humanos para sentirem-se imponentes e eternizados, de outro, o filósofo Carlyle (1956) esclarece que não se preocupa em distinguir a vertente humana da percepção histórica em torno do herói, pois para ele “[...] a história universal, a história daquilo que o homem tem realizado neste mundo, é no fundo a história dos grandes homens que aqui têm laborado [...]” (CARLYLE, 1956, p. 9). Por isso, o herói é tão importante para todas as sociedades ao longo da história, porque acompanha nossas apreensões e, mais que isso, nos mostra verdades ideológicas de nós mesmos, moldando nossas impressões, negando ou reforçando nossos mitos e corrigindo nossas ações, pois esse homem heroico “em toda parte, é inimigo nato das mentiras” (CARLYLE, 1956, p. 12).

Cultuar os heróis, então, é visto por Carlyle (1956) como cultura humana. Ainda para o estudioso, o herói serve para despertar no homem as verdades sobre seu autoconhecimento, pois, à medida que os meros mortais cultuam os heróis, recebem sabedoria e constroem e reconstróem valores, portanto, o herói é criado pelo homem para que ele mesmo o ame. Ao estudar o heroísmo, Campbell (1990) estrutura uma jornada que busca explicar a jornada dos heróis. Assim, o super-herói, a designação de heroicidade atrelada aos quadrinhos, cumpre também essa perspectiva, a seu tempo, a seu modo e sob seu propósito enunciativo. É disso que tratamos a seguir.

## 2.2 A JORNADA DO HERÓI E SUA REPRESENTAÇÃO NO ENREDO

Conceituar o herói é, inevitavelmente, entender um representante dos valores e das composições morais que servem de exemplo para os humanos, os meros indivíduos viventes sob testes dos quais nem sempre conseguem se sair bem. Nessa linha, é impossível pensar na

formulação conceitual de herói sem assimilar a via entendida por Campbell (1990), em *O herói de mil faces*, pois

[...] o herói é aquele que participa corajosa e decentemente da vida, no rumo da natureza e não em função do rancor, da frustração e da vingança pessoais. O âmbito de ação do herói não é o transcendente, mas o aqui e agora, na esfera do tempo, o âmbito do bem e do mal, dos pares de opostos. Sempre que alguém se afasta do transcendente, cai na esfera dos opostos [...]. Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo [...] (1990, p. 125).

Essa percepção do herói é muito idealizada como representante do bem e da justiça sem fraquejar, por isso parece um tanto distante do ser humano, principalmente de seres como nós, que vivemos no século XXI. Mas, para que os heróis de hoje obtenham sua heroicidade, é preciso que se inscrevam em contextos sócio-históricos próximos de nós e passem por uma procedência narrativa que lhes tornem críveis e, ao mesmo tempo, admiráveis, aos olhos do leitor, ouvinte ou espectador. É nesse entendimento que alcançamos o que Campbell (1990) denominou “jornada do herói”. Em suma, trata-se do estabelecimento de um padrão de ações pelas quais os heróis provam sua competência para a missão que lhe foi apresentada. Campbell (1990) esclarece que todos os heróis que mais miticamente representam a sociedade e que duram nela, por diversas gerações, passam por missões similares e estratégicas, que lhes condicionam o parâmetro da heroicidade. Queremos que os alunos compreendam a sequência de ações dos personagens, a fim de que possam ser mais críticos na leitura e produção de quadrinhos.

Assim, o jogo discursivo que os heróis dão aos seres humanos é um importante propulsor de comportamentos sociais, afinal eles acabam vencendo seus obstáculos pela sua própria atuação, novamente, exemplar. Queremos que o aluno compreenda que essa projeção do herói não é um emblema de enfrentamento individual sobre o mundo. Pelo contrário, entendemos que, se o estudante vai criar um super-herói, deve compreender que existe um coletivo que dele necessita, que anseia se apoiar nesse super-herói ou que, eticamente, se organize.

Além disso, Campbell (1990) analisa narrativas de diversas épocas e considera que os heróis vivenciam ciclos, pois, segundo ele,

[...] existe uma certa sequência de ações heroicas, típica, que pode ser detectada em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode-se até afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo, ele deve abandonar o velho e partir em busca da ideia semente, a ideia germinal que tenha

a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo. Os fundadores de todas as religiões se consagraram a buscas como essa. [...] Você pode também dizer que a fundação de uma vida – a sua vida ou a minha, desde que vivamos nossas próprias vidas, em vez de imitarmos a vida de alguém – provém igualmente do mesmo tipo de busca. (1990, p. 150)

Para Campbell (1990), cada herói em particular é reconhecido e admirado popularmente por realizar ações arquetípicas e por fundar valores de seu momento histórico. Sob essa ótica, é importante ressaltar que as ações sequenciadas pelos heróis podem ser enxergadas quando se avalia os enredos convencionais. Das figuras religiosas primitivas aos heróis dos cinemas contemporâneos, vemos a repetição de um ciclo de ações importantes que os fazem admiráveis aos leitores ou espectadores. É assim que Campbell (1990) marca sua compreensão, dando conta de que existe um herói com mil faces, posto que uma infinidade de representantes do heroísmo pode ser criada, seguindo-se a trajetória proposta. Nessa linha afirmativa, o autor entende que os atos do herói se tornam um importante panorama moral para a consciência humana, pois marcam um ritual que acompanha quase todos os atos do próprio homem comum, no corpo social.

Na busca humana, algumas estratégias são vislumbradas como espelho, construídas objetivamente para fazer com que o ser humano compreenda o herói como alguém que deve inspirá-lo a ações próximas. Esse é um dos objetivos de nosso trabalho, levar o aluno a perceber que não se cria um super-herói sem se estabelecer certas características que o ancoram como uma de nossas problematizações. Isso porque o herói em quadrinhos pode nos balizar valores ideológicos positivos.

Consideramos, em nosso trabalho, a abordagem de Campbell (1990) mais eficiente para as projeções a que nos voltamos. No entanto, também gostaríamos de destacar que, antes de Campbell (1990), Propp, linguista russo, havia levantado análises densas sobre a estrutura composicional das tramas, dos enredos, das narrativas de caráter popular, com vistas à identificação de seus elementos narrativos mais elementares. Em seu estudo, Propp diagnosticou que o herói percorre uma trajetória em que passa por sofrimentos que o levam à carência, ou à necessidade de repensar sua perspectiva de vida. A partir daí, o que Campbell (1990) entende como jornada do herói – ou monomito – Propp classifica como a tentativa de o herói recuperar ou de superar as carências em voga em seu enredo (LAFETÁ, 2004).

Os estudos de Campbell (1990) deram base para discussões e reavaliações posteriores que culminaram, dentre inúmeras prospecções, na obra *A Jornada do Escritor* (1998), de Christopher Vogler, que sintetizou os discursos de Campbell e construiu em doze atos estratégicos a composição do monomito ou herói. Vogler (1998) expõe as doze situações a que,

geralmente, um escritor submete sua personagem heroica: (1) o herói encontra-se no mundo comum; (2) ocorre uma circunstância que o condiciona à aventura, uma espécie de chamado; (3) o herói se entende incapaz do cumprimento daquela missão e se lança à recusa ao chamado; (4) encontro com uma figura importante da narrativa (o mentor), vinculada ao passado ou a uma profecia; (5) o herói é submetido a provas, destaca seus aliados e reconhece seus inimigos; (6) aproxima-se da localidade secreta; (7) o que se segue a nova provação; (8) recompensa pela busca que o herói empreendeu até ali; (9) o herói empreende o caminho de retorno; (10) encontra-se diante da ressurreição; (11) o regresso ao seu mundo comum com maturidade; (12) o herói recebe um prêmio (elemento material) ou uma compensação moral. (VOGLER, 1998).

No caso de nossa pesquisa, essas etapas contribuirão para fazer com que os alunos compreendam o encadeamento das ações nas narrativas e também suas próprias jornadas interpessoais, desenvolvendo respeito pelas suas histórias e pelas histórias dos demais. Assim, estamos promovendo uma abordagem em que os estudantes conduzam seus aprendizados pensando tanto no plano profissional – quando os incitarmos às intervenções de melhoria em problemas sociais por meio de uma figura heroica criada por eles – quanto no interpessoal, proposição já admitida pelos PCN (1998) e BNCC (2017).

Essas proposições ocorrerão a partir de nosso objetivo específico de desenvolver nos alunos a apreensão acerca de que as narrativas e produções textuais, escolares ou não, expressam conhecimento filosófico e literário que precisa ser condicionado com a devida relevância em assimilação às suas vidas. Isso será mostrado a partir das reflexões levantadas durante as aulas que propusemos, com vistas a que, em nosso penúltimo encontro – dos 7 previstos –, o estudante se veja em condições de criar um super-herói que intervenha nos problemas sociais mais imediatos de sua realidade e que, com isso, reflita sobre seu contexto de mundo.

### 2.3 A REPRESENTAÇÃO DO SUPER-HERÓI NOS QUADRINHOS

Em um panorama artístico, o super-herói das histórias em quadrinhos (HQ) figura como qualquer outro herói, mas com o diferencial do alinhamento imagético-verbal em sua exposição ao leitor, a partir da composição da pictografia do desenhista, seja ele editor de um grupo empresarial ou um indivíduo. Assim, o super-herói em quadrinhos é, também como os demais protagonistas, estabelecido em pacto com o leitor, conforme referenda Eco (1994), para quem existe uma normativa com vistas à fundamentação de uma conexão entre leitor e autor. Nesse diálogo, para o estudioso,

[...] a norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão da descrença”. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. De acordo com John Searle, o autor simplesmente finge dizer a verdade. Aceitamos o acordo ficcional e fingimos que o que é narrado de fato aconteceu. (ECO, 1994, p. 81)

Fixado, então, o acordo ficcional entre autor e leitor, o super-herói em quadrinhos pode seguir em sua projeção narrativa, dando conta dos efeitos que lhe são atribuídos a partir das prerrogativas que lhe cabem. Assim é que ganha cores se esse elemento pictórico for parte do projeto ou do processo de que pretende o autor da obra. Um dos passos importantes que pretendemos realizar é que o aluno perceba a importância de se fazer um projeto de escrita, posto que sabemos que a maioria dos alunos pouco trabalha na preparação do que vai redigir, muitas vezes, toma a folha em branco e “despeja” o que lhe vem à mente como uma produção automática. Por isso, planejamos que o estudante crie seu super-herói em quadrinhos com amplas cores, tanto em suas tintas convencionais quanto em suas pressuposições subjetivas. Em sequência, o aluno-autor do super-herói em quadrinhos precisa ter, em si, a distribuição equilibrada dos elementos subjetivos que imergem o seu leitor na narrativa e que, assim, o tornam íntimo da via receptora de seu enredo.

O super-herói em quadrinhos é uma personagem que, a exemplo de qualquer outro protagonista, tem as ações do enredo centralizadas em suas atitudes, posturas e, sobretudo, tomadas de decisões. É aqui que vamos compreender que a

[...] história em quadrinhos (ou HQ) é uma arte literário-imagética, permitindo uma atuação e entendimento que incide de forma diferenciada nos hemisférios cerebrais. A imagem recai no hemisfério direito do cérebro, enquanto que a informação escrita fonética racional atua no esquerdo. Tais aspectos auxiliam na educação dos valores humanos de forma sistêmica, integrativa, considerando-se a interdisciplinaridade no ensino. Além disso, a história em quadrinhos pode ser também autoral, distintamente daquela padronizada como fruto de uma equipe para finalidade estritamente comercial. Em ambos os casos, a história em quadrinhos deve receber o estatuto de arte, como quaisquer outras das expressões humanas que são assim classificadas, tais como as artes visuais, plásticas, cinema, literatura e outras. (ANDRAUS, 2013, p. 43)

Quando o autor premedita o leitor, promove a identificação com o super-herói, planeja elementos do enredo, dos acontecimentos, com os seus vislumbres cotidianos, estamos diante de uma evidência catártica, que dimensiona o leitor às impressões pessoais em contato com as narradas na obra ficcional (ARISTÓTELES, 2000). Assim é que, quando um leitor ou espectador encontra na história em quadrinhos ou na tela uma cena que desperta terror, piedade, compaixão ou qualquer outro sentimento, ele volta seu olhar para si, dialogicamente, numa

compensação espelhada e projetada de seus pensamentos, de seus atos. Por isso, Bakhtin (2006) nos alerta de que o eu pra mim lança-se em direção ao outro e promove autoconhecimento.

Assim, para a representação narrativa do super-herói em quadrinhos, sugerimos a demarcação estrutural que se espera dos heróis convencionais, aquela em que uma missão é apresentada ao personagem central e que, após essa revelação, é iniciada pelo protagonista. Acreditamos que o aluno em fase de aprendizado pode seguir a trajetória tradicional ou mesmo romper com ela, buscando novos caminhos. O super-herói em quadrinhos, então, passa por acontecimentos que provam sua heroicidade diante do leitor e, com isso, consegue provar sua capacidade heroica em relação à intervenção, seja ela por meio de uma solução completa ou, pelo menos, mediana, a um problema social. E esse é um de nossos objetivos, levar o aluno a compreender bem o status de um herói para, a partir disso, construir os seus próprios. Sob esse panorama, Vogler (1998) assimila que

[...] os padrões do mito podem ser usados para contar a história em quadrinhos mais simples do mundo ou o drama mais sofisticado. A Jornada do Herói cresce e amadurece à medida que se fazem novas experiências com sua estrutura. Mudar o sexo e as idades relativas dos arquétipos só faz com que fiquem mais interessantes, e permite que se desenrolem teias de compreensão muito mais complexas entre eles. As figuras básicas podem se combinar, ou cada uma pode se dividir em vários personagens, para mostrar diferentes aspectos da mesma ideia. A Jornada do Herói é infinitamente flexível, capaz de variações infinitas sem sacrificar nada de sua mágica, e vai sobreviver a nós todos. (VOGLER, 1998, p. 36).

Diante da assertiva de que os super-heróis em quadrinhos seguem os panoramas representativos das demais modalidades heroicas, vamos levar aos alunos, na proposta, um exemplo de narrativa em HQ, a fim de que possa observar como o autor ou o narrador construiu a personagem e suas possibilidades enunciativas. Isso, logicamente, contribui com o ensino, que deve pautar questões sociais ditas e não ditas e contemplar criticamente a aprendizagem estudantil dentro de um prospecto histórico lido adequadamente pelo aluno. No veio histórico, por exemplo, cabe lembrar que os super-heróis em quadrinhos, como se vê em representação contemporânea,

[...] são frutos do jornalismo moderno. No final do século XIX, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os “mais poderosos proprietários de cadeias de jornais nos Estados Unidos”, na disputa pela conquista de um público maior, criaram os suplementos dominicais com o intuito de atraírem os semianalfabetizados e os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês; grande parte deste material era formada por narrativas figuradas, no estilo europeu. Os quadrinhos ganharam, então, autonomia, criando uma expressão própria; os comics – como eram chamados inicialmente por serem quadrinhos de humor – alavancaram a venda de jornais. (XAVIER, 2017, p. 3 e 4).

Conicionados ao vínculo direto com a emergência noticiosa, os super-heróis em quadrinhos refletem um momento histórico e refratam possibilidades de variação dos conflitos sociais (MELO, 2010). A partir de então, alcançam a sua mais pontual linha de relevância enunciativa, afinal “qualquer noção que seja objeto de estudo não pode ser focalizada desvinculando-se do estudo de outras tantas noções (MELO, 2010). A compreensão desse parâmetro de importância é extremamente necessária para a enunciação dos valores sociais dos super-heróis em quadrinhos. E essa é a perspectiva discutida adiante.

#### 2.4 A IMPORTÂNCIA DO SUPER-HERÓI DOS QUADRINHOS: VALORES SOCIAIS, PARA A POPULAÇÃO ESTUDANTIL/ JOVEM

A compreensão dos textos é uma máxima importante para todo e qualquer produtor literário. E as narrativas em quadrinhos são textos literários, afinal explicitam-se como uma manifestação holística de representações enunciadas pelos seres humanos. Assim, Andraus (2013) especifica que

[...] as histórias em quadrinhos não servem apenas ao auxílio interdisciplinar ou às aulas de literatura, mas principalmente como agentes artísticos autossuficientes literário-imagéticos apresentados de uma maneira própria, independentemente. Isto se dá, sobretudo, devido à relação intrínseca das HQ como uma literatura imagética (ou panvisual) e a importância delas como imprescindível e necessário objeto de estruturação cultural aos povos: objeto este que auxilia em uma melhor interface dos dois hemisférios cerebrais: esquerdo: racional (fonético) e direito: intuitivo (imagético). (ANDRAUS, 2013, p. 44)

Desse modo, é responsabilidade da escola levar o aluno a desenvolver sua capacidade intelectual e estética na leitura e desenvolvimento de textos em quadrinhos. Nesse contexto, a proposição de nossa atividade de produção textual de um super-herói em quadrinhos, promove o envolvimento dos alunos nos Letramentos de caráter digital. Por isso, nossa sugestão aqui está ladeada também da apresentação do gênero história em quadrinhos por meio de estratégias digitais, além da discussão das concepções de Multiletramentos nos documentos de educação. Afirmamos que o trabalho do professor de língua é contribuir para a promoção de uma lógica progressiva acerca do desenvolvimento dos conhecimentos filosófico e literário em torno do conceito de herói, o que pode transformar o pensar, o agir, o sentir do estudante, tornando-o mais apto à reavaliação sincera e equânime dos problemas sociais.

Em coadunação com essa percepção, Xavier (2017) acrescenta ainda a importância do contato com os quadrinhos para o resgate imagético do indivíduo, uma vez que isso faz parte de nossas prospecções históricas mais primitivas, visto que

[...] a imagem sempre fascinou o homem. Desde o tempo das cavernas, ela está presente em nossas vidas, seja em forma de fotografias, pinturas, desenhos ou simples

rabiscos. As palavras podem ser lidas ou ouvidas; as imagens, por sua vez, são apreendidas de forma diferente da linguagem verbal, pois não são feitas do mesmo código, e são capazes de nos remeter diretamente à coisa representada por traços de semelhança. As imagens são portadoras de memórias, culturas e tradições. Elas podem transformar um instante em eternidade. Conjugando imagem à palavra, o potencial comunicativo de ambas é ainda ampliado, podendo uma reforçar o que diz a outra, dizer o que a outra não diz, ou mesmo desdizer o que é dito pela outra, criando diferentes efeitos de sentido (XAVIER, 2017, p. 2).

Ao estabelecerem a criação diversa quanto às finalidades de sentido, as imagens, em sua explanação mais ampla, aliadas aos enredos dos quadrinhos, perfazem-se auxílio a valores sociais que se deseja efetivar. Entender o conceito de valores sociais é um tanto quanto complexo, no entanto, frente a essa problemática, a melhor e mais simples construção que esclarece essa perspectiva é a de Campbell (1990), para quem “[...] os valores serão o resultado das condições que governam a vida” (1990, p. 115). Por isso, toda criação narrativa, sobretudo a que envolve a relativa condição ‘monomítica’ de que aqui estamos tratando, tem uma finalidade valorativa quanto aos seus prospectos finais. Logo, como resultado “[...] este é o segredo final do mito – ensiná-lo a penetrar no labirinto da vida de modo que os seus valores espirituais se manifestem” (CAMPBELL, 1990, p. 129).

Infelizmente, muitos procedimentos didáticos têm afastado os alunos da via prazerosa da leitura, e dos quadrinhos não menos que dos livros clássicos (PAIVA, 2016). Quando sob essa nuance, as escolas pouco ou precariamente demarcam aos seus aprendizes a sabedoria que o indivíduo deve ter para o pleno convívio harmônico no campo social. Nessa dissidência, o tratamento dado aos super-heróis em quadrinhos pode alinhar adequadamente o aprendizado do jovem, apresentando-lhe eficientes valores, afinal

[...] são histórias sobre a sabedoria de vida, realmente são. O que estamos aprendendo em nossas escolas não é sabedoria de vida. Estamos aprendendo tecnologias, estamos acumulando informações. Há uma curiosa relutância de parte da administração universitária em indicar os valores de vida de seus assuntos. (CAMPBELL, 1990, p. 22).

Reconhecemos que muito mudou da fala de Campbell aos dias de hoje. Nesse preceito, a crítica de Campbell (1990) ainda serve como subsídio para a compreensão da importância dos quadrinhos junto às sociedades. No caso do Brasil, vemos que houve atenção a esse panorama em documentos oficiais voltados à educação. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a Educação (1998), no foco apresentado às Linguagens, e também nas demais frentes de aprendizagem, verbalizam a intenção do trabalho com os quadrinhos para o estímulo ao contato com a leitura, sugerindo que o docente deve

[...] utilizar-se de materiais de estímulo à leitura, à produção escrita, ao trabalho áudio-oral e de incentivo à pesquisa e à busca do que se precisa aprender. Além dos recursos tecnológicos ligados à informática, dispomos de livros paradidáticos, jornais, revistas,

manuais, catálogos publicitários, outdoors, embalagens de produtos, quadrinhos, textos variados e outros materiais escritos. (BRASIL, 1998, p. 108).

A importância dada aos quadrinhos se mantém na Base Nacional Comum Curricular (2017), que explicita campos relativos às práticas de linguagem e, assim, evidencia que as histórias em quadrinhos estão diretamente articuladas aos planos artístico-literários. Trata-se, portanto, do direcionamento atrelado ao

[...] campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/ cartum, dentre outros. (BRASIL, 2017, p. 110)

Em resumo, o emprego dos quadrinhos e da forma como o super-herói, protagonista da narrativa, se constrói, se materializam como uma importante ferramenta didática para a composição do reconhecimento cultural no, do e para o estudante. Afinal, as histórias em quadrinhos, narrativas em que se funde o verbal e o visual sob o amparo imagético,

[...] são um meio de comunicação em massa e têm grande circulação popular no mundo inteiro. Quando a tecnologia digital ainda não fazia parte do cotidiano do ser humano, várias gerações cresceram lendo gibis. Heróis da DC Comics, Marvel e, notadamente no Brasil, as simpáticas personagens da Turma da Mônica encantavam e envolviam a imaginação de jovens e crianças que, muitas vezes, até mesmo aprendiam a ler neste tipo de material. Era uma leitura despreocupada, que dava prazer e trazia momentos de fruição. Antes uma leitura marginalizada pela escola, com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1997), sobretudo, as histórias em quadrinhos ganharam espaço também dentro na educação formal, já que tais diretrizes pedagógicas passaram a privilegiar um ensino de língua que trabalha com a mais variada gama de gêneros discursivos (XAVIER, 2017, p. 2).

Portanto, os super-heróis das histórias em quadrinhos são capazes de dimensionar perspectivas saudáveis, biologicamente comprovadas pelos efeitos positivos aos desenvolvimentos cerebral e mental (ANDRAUS, 2013), além de efetivar no sistema de ideias do corpo social, isto é, na disseminação cultural humana, valores positivos e estrategicamente plausíveis à fundamentação futura da sociedade. Essa premissa passou por diversos estágios ao longo da história, mas se reconheceu, sobretudo na via didática de aprendizagem e ensino brasileira, demonstrada como relevante até mesmo pelos documentos oficiais de educação, a importância das histórias em quadrinhos para a composição simbólica vantajosa ao progresso intelectual.

Por fim, é preciso considerar a estrutura socioeconômica que viabiliza a sustentação à ação do herói. Em geral, encontra-se o super-herói em atuação a partir de um contexto de violência, também frequentemente gerado pela desigualdade social. Nessa compreensão, o

super-herói, constantemente, figura como um agente que objetiva a coibição, a repressão e/ou a punição da violência ou ao cenário problematizado. Aqui, precisamos refletir profundamente sobre a violência praticada pelos vilões, quase sempre situada nas zonas espaciais urbanas e em possibilidades marginalizadas, onde o estado pouco ou precariamente atue. Será que é isso que torna o super-herói necessário? Será que a violência dos super-heróis também não estaria sendo validada?

Com vistas a essa consideração, é importante que, como docentes, sobretudo quando empreendemos uma atividade didático-metodológica como a que mencionamos nesta dissertação, questionemos a respeito do tipo de imagem (imaginário) que a juventude projeta no herói e sequencialmente no super-herói. Para isso, vale questionar: O super-herói será visto como um agente social que busca promover uma agenda de transformação social sistêmica? O super-herói será visto como um agente moral que repara/coíbe as injustiças praticadas contra sujeitos individuais? O super-herói será visto como uma super figura política que resolve, de forma mágica e instantânea, os problemas estruturais de uma sociedade em crise? Todos esses questionamentos precisam ser trabalhados pelo professor nas atividades de HQ com super-heróis.

## 2.5 DO HERÓI AO SUPER-HERÓI: ANÁLISE DE UM MEME

Se o herói é o ser a quem testes são impostos para comprovação de sua heroicidade, por meio de uma jornada (CAMPBELL, 1990), o super-herói, receptor de um prefixo indicativo de elevação, pouco se dissocia do primeiro, no âmbito do enredo. A principal dissociação está no fato de que o herói tem precedência de semideus, com prerrogativa de contato íntimo com deuses ou outros aliados de via divina, na execução de atos estratégicos excepcionais. Essa figura era mais encontrada no mundo antigo. Com o passar do tempo, o herói passou a ser visto também como super-herói, aquele que também executa atividades grandiosas e tem viabilidade comum ao cotidiano, de procedência reles e, muitas vezes, humilde, colhido na rotina do dia a dia, pouco eficiente para conceder-lhe brilho.

Nessa percepção,

[...] a diferença entre Herói e Super-herói é que este possui habilidades incomuns para os humanos, apesar de que, para muitos teóricos, um personagem não precisa necessariamente possuir poderes sobre-humanos para ser um super-herói. Esses dois termos podem ser considerados sinônimos que definem um personagem altruísta que dedica sua vida na defesa dos fracos e oprimidos, lutando pela paz e justiça do mundo. Sobre essa diferenciação, [...] o herói possui habilidades excepcionais, mas humanamente possíveis, enquanto o super-herói possui habilidades sobre-humanas (...) e só pode existir havendo um mundo habitado por esses superpoderosos (SILVA, 2011, p. 03).

A delineação mais pontual acerca do super-herói o condiciona diretamente às tramas em quadrinhos, aludindo à premissa prefixal 'super' apenas por estratégia de marketing, sob a proposição de maior encantamento do leitor ao tomar conhecimento da obra, induzindo-lhe à compra de uma manifestação artística que lhe ofertasse uma consequente superaventura. Sobre esse panorama, o sociólogo Nildo Viana, estudioso das histórias em quadrinhos e de seus impactos nos meios sociais, atrela a origem da designação 'super-herói' tanto aos primeiros quadrinhos norte-americanos quanto à mídia japonesa, desde 1930 (MOYA, 1986). Nessa percepção,

[...] o nascimento da definição “super-herói” se confunde com o lançamento das HQ do Superman, pois este foi o primeiro herói dotado de habilidades especiais como: super força, velocidade, visão de calor entre outros. Há rumores de que a palavra “super-herói” tenha sido derivada do próprio nome do personagem: super de Superman (SILVA, 2011, p. 03).

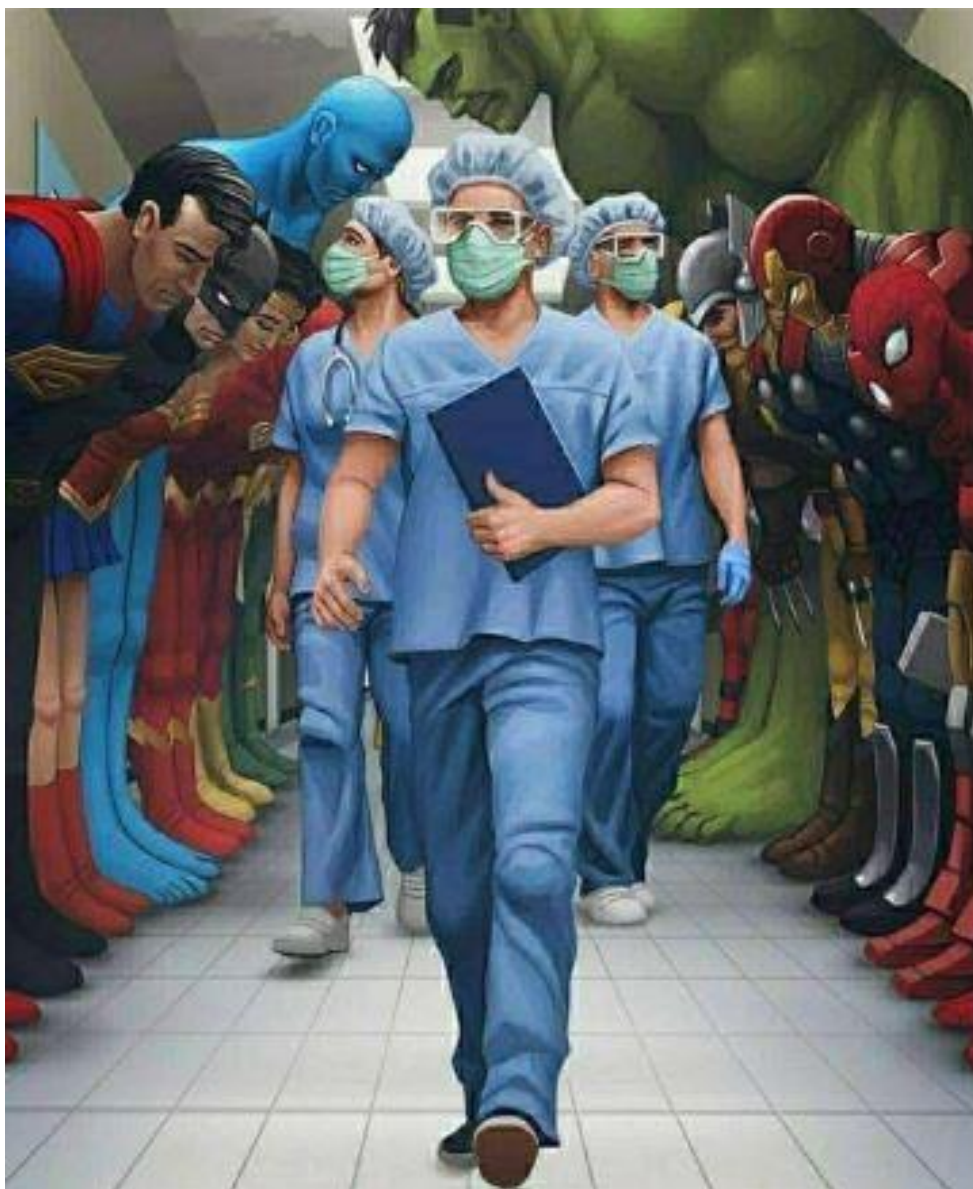
Para além desses entendimentos, temos também narrativas que exploram figuras que em nada teriam condições de exercer o papel de herói, por conta de inexpressivas características e de impossibilidades de superação de seus problemas. Essa figura também é enfaticamente explorada, tanto nos quadrinhos quanto nos demais âmbitos literários, e é em torno dela que o enredo progride. Diante disso, o

[...] anti-herói, por sua vez, é o termo que define aquele que contraria a concepção do herói tradicional. Ele até pode defender uma causa justa em favor de outros, mas suas intenções ou motivações não são nobres. Agem por motivos muitas vezes egoístas e não seguem um código de conduta. Alguns optam por matar seus inimigos intencionalmente, ao contrário dos heróis, que não matam. Para os anti-heróis justiça e vingança são palavras que se confundem. Vale ressaltar que anti-herói não é vilão, ele só não possui os mesmos atributos, principalmente éticos, que os heróis (SILVA, 2011, p. 03).

O anti-herói, portanto, não é o antagonista do herói e, nesta segunda década do século XXI, temos, nos meios cinematográficos, uma profusão de narrativas em que se destaca o anti-herói, como é o caso do “Coringa” (2019). No Brasil, é interessante notar que há uma ruptura dos limites rígidos entre as concepções de herói e anti-herói, o que caracteriza um movimento de resistência. Essa é mais uma assertividade com a qual problematizamos nosso trabalho. É importante que os estudantes dissociem as concepções filosóficas e literárias de um herói para construir com a devida parcimônia as ações que intervirão em relação aos problemas brasileiros, na proposta de atividade que estamos estabelecendo.

A serviço, então, de melhor análise dessa questão, ou até mesmo sob a proposição de apresentar mais indagações acerca disso, observemos o meme abaixo, colhido no Correio Brasiliense:

**Figura 05:** Super-Heróis cumprimentam equipe médica em razão da atuação contra a pandemia de COVID-19.



A imagem em questão circula livremente pelas redes sociais e foi cotejada no site do Correio Brasiliense. Disponível em: < <https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/tag/meioambientenobrasil/> >.

A imagem acima (figura 05) está em circulação livre pelas redes sociais da internet a partir de 2020 quando se desencadeou a Pandemia Covid-19. O site do qual a extraímos traz junto ao texto a seguinte legenda: “Bonita a foto que corre nas redes sociais onde os super-heróis se curvam para a passagem do corpo funcional hospitalar”. Estamos, então, diante de uma interessante linha digna de reflexão: a do eixo linguístico que torna as pressuposições enunciadas discursos possíveis e plausíveis no mundo, a respeito do super-herói.

Nessa linha de pensamento, o meme (figura 05) acima apresenta ao leitor um apanhado de diversos super-heróis dos quadrinhos e, conseqüentemente, também dos cinemas, que juntos

se curvam, em condição honorífica a uma equipe médica, aludida pelo traje usual de um grupo hospitalar. Vejamos como a enunciação foi conduzida, por intermédio de um texto que explora apenas a linguagem não-verbal. Entendamos como foi importante a observação detalhada dos olhares dos super-heróis para os seres humanos, indivíduos que estão em atuação frenética no âmbito profissional da saúde, em prol das pessoas contaminadas pela Covid-19.

Faz-se interessante, também, perceber que o enunciador alocou de um lado os super-heróis da produtora DC Comics, enquanto do outro vemos os integrantes da Marvel. As personagens são importantíssimas construções nos quadrinhos e nos cinemas, mas os leitores sabem que, em maior ou menor grau, disputam espaço no mercado. Essa contenda os torna ‘inimigos’ publicitários, o que, no meme acima, faz a mensagem ainda mais pontual. Todas as diferenças, sejam elas mercadológicas, sociais, psicossociais ou quaisquer outras, devem ser superadas pela admiração a profissionais que salvam milhares de vidas todos os dias, sendo exatamente quem são e agindo mesmo com tanto medo das adversidades relativas a essa doença que desafia até mesmo os cientistas mais estudiosos do mundo.

Houve, aqui, uma transformação estratégica dos super-heróis, curvados, reduzidos, admirados da força humana e de como sua atuação tem possibilitado mais do que, supostamente, eles fariam ou fizeram pela humanidade. Como todo enunciado está encadeado por uma prospecção discursiva, dizendo o que poderia nesse meio e não outra coisa em seu lugar (FOUCAULT, 2008), vejamos que, também no campo enunciativo-semântico, a figura autoral do meme – se é que se pode entender o produtor assim – desenhou indivíduos do sexo masculino na equipe médica. Esse indivíduo enunciador coloca os super-heróis curvando-se necessariamente para profissionais da saúde do sexo masculino. Também é de se questionar que outras formas de individualidade profissional essa escolha excluiu. Vale indagar ainda o motivo de, até mesmo entre os super-heróis, o número de figuras femininas ser tão reduzido. O que a sociedade enxerga como figura heroica, para que esse meme circule tão tranquilamente pelas redes sociais, sem causar estranhamento, é outra possível percepção questionável. Além disso, ao se olhar a equipe médica, percebe-se sua composição por seres do sexo masculino, todos de etnia branca, de prospecção europeia, padronizada... Sabemos que isso pode revelar muito sobre a visão de mundo do enunciador e também sobre os enunciatários.

Essas reflexões serão levadas aos alunos para discutir os conceitos de herói e super-herói, dialogismo e discurso no ensino de língua materna e o nosso trabalho sugere que os alunos criem um super-herói em quadrinhos que intervenha nos problemas da nação. Faz-se relevante que norteemos o cenário para compreender de que modo um super-herói pode agir social e politicamente e não apenas de modo individual, visto que não é interessante dar a

entender que uma única figura seja a responsável pela quebra de um quadro caótico materializado por toda uma conjuntura histórico-sociológica.

## 2.6 HISTÓRICO DOS SUPER-HERÓIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

É possível identificar que, da primeira história em quadrinhos, em 1938, aos dias de hoje, muito tenha mudado na forma de pensar e agir da sociedade. Embora muitos dos problemas sociais tenham permanecido, algumas discussões suscitadas pelas HQ foram e são ainda bastante pertinentes. É importante enfatizar aqui a percepção de que a formulação heroica acompanha a dimensão cultural da humanidade de seu tempo, seja para estabelecer com ele uma relação de avanço ou de progresso quanto à superação de desafios sociais.

Assim, sabemos que o super-herói é um importante objeto de análise do tempo em que foi produzido, afinal consegue elucidar às sociedades como um pensamento heroico é materializado. Diante disso, os atos, as formas de que o super-herói se vale para solucionar os problemas sociais aos quais se entrega constituem um panorama construtivo para o comportamento social. Isso decorre da percepção de que raramente existe alguma demarcação impositiva quanto a ser super-herói ao que tem superpoderes. Portanto, quando o super-herói toma a decisão de agir em prol de um grupo, precisa lidar com as adversidades que resultam de sua escolha, isto é, precisa conciliar os diversos interesses em conflito que surgem a partir das responsabilidades que assimila para si (IRWIN, 2009). Por isso,

[...] Além de combater o crime e ajudar aqueles em necessidade, nosso super guardião precisa também adotar os mesmos padrões que a polícia segue e aceitar a autoridade dela quando for apropriado. E tal indivíduo deve estar disposto a revelar a verdade àqueles que lhe são mais próximos (IRWIN, 2009, p. 184).

Para exemplificar a assertiva de que os super-heróis figuram como exemplos à humanidade, fazemos, a seguir, uma breve perquirição, sob a ótica da Análise Dialógica do Discurso, de linhagem bakhtiniana (1997, 2006, 2010, 2013), afinal para o pesquisador a noção de dialogismo está relacionada à própria ideia de língua como interação verbal, uma vez que não há condições possíveis e exequíveis de enunciado concreto sem a relação que se estabelece entre os interlocutores (SILVA, 2013). Em nossa Análise Dialógica do Discurso, passamos por pontos que julgamos relevantes para a compreensão de que os atos heroicos são dialógicos e discursivos conforme seu tempo histórico.

A fim de aproximar o aluno do texto, vamos trazer, nas aulas propostas, a leitura e interpretação de narrativas de super-heróis, visando discutir as características das personagens, além de mostrar a estrutura das narrativas e apontar para a configuração das imagens e informar

como aparecem os discursos e dialogismos. Empreendemos nossa análise inicial pela HQ Superman, de 1938, primeira revista em quadrinhos relevante para a jornada do Super-herói de que se tem notícia hoje. A página introdutória da narrativa a seguir:

**Figura 06** – Primeira página da primeira HQ do Super Homem, de 1938.



Página inicial da primeira HQ de Super-Herói, do Superman, de 1938, publicada pela Action Comics. HQ disponível em: [https://aminoapps.com/c/marvel-e-dc-amino/page/blog/primeira-hq-do-superman/lXGd\\_ngzCQuGQ1GvWdMBXD8rwGrggoZvonM](https://aminoapps.com/c/marvel-e-dc-amino/page/blog/primeira-hq-do-superman/lXGd_ngzCQuGQ1GvWdMBXD8rwGrggoZvonM)

Logo no primeiro quadrinho, vemos os destaques gráficos ao nome do Superman em vermelho, cor vinculada à emergência, à urgência da percepção conflituosa. Essa situação explicita a necessidade de agilidade de algo ou alguém, nesse caso, o super-herói, o Superman, ou super-homem, que pudesse extrair daquela sociedade os problemas mais emergenciais os quais ela vivenciava.

Tal circunstância é ainda mais notória se adotarmos uma abordagem que a vincule ao eixo histórico, afinal temos uma HQ lançada em 1938, com um mundo Pré Segunda-Guerra Mundial completamente abarcado por crises econômicas em virtude do pós-crack da bolsa de Nova York, o que consequentemente levava a desajustes em todos os ângulos. Isso viabilizou, logicamente que também em meio a outras necessidades – como a da alavancagem de vendas e lucros –, que o cenário mundial recuperasse a energia por uma via heroica. O Superman deu ao povo a fantasia que eles precisavam para lutar contra os avanços do autoritarismo na Europa, ainda que por pouco tempo, do caos assombroso por que passavam. Entre as condições históricas, é conhecido que o PIB dos EUA, por exemplo, tenha caído aproximadamente 50%, além de o desemprego ter disparado a índices absurdos de 27%, juntamente com a queda nas importações e exportações, respectivamente de 70 e 50%<sup>1</sup>. Esse quadro trouxe o aprofundamento de muitos problemas sociais, o que tornava a figura de um super-herói ainda mais simbólica.

Ainda no primeiro quadrinho da HQ, lê-se “Enquanto um planeta distante era destruído devido à sua idade avançada, um cientista colocou seu bebê dentro de uma espaçonave construída às pressas, lançando-a em direção à Terra!”. O início da frase com o marcador adverbial temporal “enquanto” sugere ao leitor a lógica em torno da simultaneidade dos acontecimentos ao mesmo tempo em que se narra e se lê, implicando no apagamento que separaria uma construção e outra do momento em que tudo acontece. Essa valoração de um ser semelhante ao humano, mas superior, pois veio de outro planeta, intensifica a lógica de que existe um aparato emergencial nos fatos.

O que se segue, com a destruição do planeta distante em virtude de sua idade avançada – como se o que fosse velho realmente tivesse que acabar - remete à finitude de um espaço e marca a perspectiva de que agora existe alguém de outro lugar dentro da Terra, um alienígena, alguém que é externo a essa localidade. O contraste entre velho e novo é o tom de um novo momento, que se quer, conscientemente ou não, efetivar junto ao interlocutor. Além disso, o

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis no site Brasil Escola. Link: < <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/crise29.htm>>.

fato de que o planeta distante seja “velho” e dotado de mais conhecimento torna plausível o fato de um ser vivo com capacidades superiores aos humanos.

O Bebê é encontrado dormindo assim que a nave pousa, por um motorista, que sequer tem o nome apresentado. A narrativa faz uma interrupção das ações para apresentar uma explicação científica que tornaria a história mais próxima de nossa realidade. Essa é uma estratégia do narrador para conseguir um pacto mais eficiente com os leitores.

Nas histórias futuras, sabemos que o Superman é adotado por esse homem que o encontra e que é criado por ele e sua esposa, Joseph e Martha Kent, com muito amor. A narrativa apresenta formas prodigiosas desse super-homem incomum: o bebê (terceiro quadrinho) levanta uma poltrona; o adulto carrega uma viga metálica ou dá um salto de 200m. Essas são estratégias descritivas que vão, gradualmente, construindo aos olhos do leitor situações de força e de poderes que serviriam muito positivamente aos homens da época. O próprio levantar da viga, em um ambiente de construção, é sugestivo à órbita de que havia algo a ser construído, o que possibilitaria mais empregos ao ramo civil, por exemplo, um dos mais afetados pela economia.

Em sequência, lê-se: “De início, Clark decidiu que deveria direcionar sua força titânica de forma a beneficiar a humanidade, e assim foi criado...”. Desse modo, o Superman se colocava a serviço da humanidade, portanto adotando um papel de proteção dos mais fracos. A sua narrativa ofertava críticas diretas: o mundo parecia não ter bom senso e ética e, por isso, precisava de proteção. Isso propiciava inúmeros incidentes físicos e morais à sociedade a que o super-herói acabara de chegar. Assim, é válido lembrar que “[...] Todo incidente levanta de maneira vívida a clássica pergunta filosófica: “Por que ser moral?”, “Para que fazer a coisa certa, principalmente em um mundo onde as outras pessoas não fazem?” (IRWIN, 2009, p. 186). Essas perguntas recebiam respostas retóricas nas ações do Superman, que passou as páginas seguintes lutando contra problemas de bairro, como bandidos que agrediam mulheres – Lois Laine como a principal vítima, – e também contra políticos corruptos.

Ao fim da página, o Superman aparece posicionado com uma roupa que enfatizava o vermelho e o azul – cores da bandeira norte-americana, além do fato de que essa última figura recorrentemente como a cor da serenidade, da tranquilidade, da confiança. Abaixo, a designação “campeão dos oprimidos, a maravilha física que jurou dedicar sua existência a ajudar os necessitados!” Esse enunciado dialoga com as expectativas dos leitores, que ansiavam por um defensor dos “oprimidos”. Estava aqui o compromisso ético de super-herói relacionado à justiça social. Esse é o aspecto mais evidente de heroísmo. Tal panorama estabelece uma conexão incisivamente ideológica em relação aos humanos e aos elementos da natureza ao lado. Os

pequenos seres são constantemente metáfora para os humanos inferiores, em relação à igualdade e fraternidade.

É curioso que os problemas mencionados na narrativa são construídos de modo que o Superman consiga uma conduta holística para a solução de conflitos sociais. É como se todas as dificuldades pudessem ser superadas porque agora a humanidade conta com um herói mítico, um salvador. Essa demarcação é ilusória, visto que as dissidências da humanidade são inúmeras e muito profundas e muitas não têm mesmo solução, podem até ser amenizadas ou solucionadas em parte. Vejamos aqui que o super-herói carrega essa pesada função de ser o salvador geral, o salvador universal, o que desloca da própria humanidade a responsabilidade por muitos de seus atos. O leitor aceita esse pacto fictício e ilusório, o que se mantém, inclusive, até hoje, como reflexo de uma ânsia de valores mais éticos entre os humanos. Nas décadas seguintes, outros super-heróis foram criados ou recuperados para cavar um filão de sucesso moral e econômico. O certo é que o Superman de 1938 iniciou a chamada *Era de Ouro dos Quadrinhos*, que se seguiria até 1955, com publicações numerosas e com o gênero demonstrando sua força junto aos leitores (MOYA, 1986).

A *Era de Ouro* dos quadrinhos americanos dá lugar à sequencial *Era de Prata*, a partir de 1955, período que se estende até 1970. Nesse grupo, as revistas em quadrinhos, já com comprovação efetiva de seu sucesso comercial, passam por progressos artísticos profundos na técnica de design gráfico. Essas alterações se deram pelo ângulo anatômico dos corpos (close-up), pelas jogadas mais pontuais de perspectivas dos gestos e saltos, pelas expressões faciais mais bem formuladas, além de mais realistas e por maior experimentalismo nas posições dos quadros. Para rebater a crítica de que esses heróis eram sempre os mesmos e distantes dos humanos, no plano do enredo, passaram a apresentar dramas pessoais, com mais foco em suas motivações e dificuldades íntimas de convivência (IRWIN, 2005).

A partir de 1950, com os desdobramentos posteriores à Segunda Guerra Mundial, as HQ passaram por problemas extremos em busca de novas lutas, como a busca de ligação dos seus conteúdos à delinquência, à marginalidade infanto-juvenil, por parte de conservadores (MOYA, 1986). Nessa época, são publicadas obras de super-heróis como Flash, Liga da Justiça, além dos personagens da Marvel Comics, como Quarteto Fantástico, Homem-Aranha e os Vingadores. Tomamos, aqui, uma revista de 1962, do Homem-Aranha, para discussão. Vejamos um trecho abaixo (figura 07):

Figura 07 – Homem Aranha sendo apresentado ao leitor



Página 04 da revista em quadrinhos *Amazing Fantasy*, apresentando: Homem Aranha, de 15 de agosto de 1962 (MARVEL COMICS, 1962. HQ disponível em: <https://downloaddehq.blogspot.com/2020/05/primeira-aparicao-do-homem-aranha-1962.html>)

Na revista em quadrinhos do Homem-Aranha (1962), é possível identificar mais cores, mais detalhes, mais coesão com as formulações expressivas dos personagens, técnicas de *design* aprimoradas, como já dissemos, a partir da chamada *Era de Prata* dos quadrinhos. Vejamos como se demarca que, em âmbito de enredo, o personagem é humano, vivente em uma família não tradicional, posto que é criado pelos seus tios, frequenta a escola, mas é distanciado

socialmente dos demais jovens. Além disso, Peter também não tem questionamentos sobre seus pais verdadeiros, tampouco figura com irregularidades comuns a adolescentes, já que é apresentado como um aluno brilhante e admirado pela seriedade com que leva seus estudos.

Ainda que Peter seja um adolescente que vivencie situações positivas quanto aos resultados de seus estudos, ele é apresentado também com postura tímida e é frequentemente rechaçado entre os demais estudantes por ser visto como *nerd* – pessoa que se destaca pela sabedoria com que exerce atividades acadêmicas. Essa circunstância é comumente direcionada ao isolamento e culmina, também não raramente, em *bullying* nos ambientes coletivos. Vejamos aqui que o Homem-Aranha não é alguém que tenha vindo de outro planeta, pelo contrário, é um ser humano que tem vivência cotidiana bem íntima dos demais terráqueos, mas mesmo assim é um super-herói também marcado pelo deslocamento. Assim como o Superman, o Homem-Aranha também é deslocado de sua sociedade, tem destaque em relação aos demais, mas padece pelo insucesso amoroso e outras circunstâncias de crueldade dos demais adolescentes de sua escola. Aproveitamos para traçar um paralelo dialógico entre os dois super-heróis, seus compromissos, seus valores ideológicos.

A conduta de ser alguém com postura humilde, que não recebe reconhecimento dos demais, é frequentemente associada aos super-heróis. Aqui, vemos o contraste do amor que Peter recebe de seus tios em contraponto ao desprezo com que é tratado fora de seu lar. Essa oposição é importante para a demarcação da personalidade do super-herói, pois reforça que somente aqueles que têm uma base familiar sólida, o que obviamente não precisa envolver o esquemático tradicional, é capaz de suportar as adversidades do mundo com a devida maestria, superando obstáculos criados pelas pessoas que não entendem a nobreza de seus atos.

Peter é tratado com muito amor por seu tio Ben e por sua tia May. Na escola, tem a admiração de seus professores. Curiosamente, os mais velhos são os admiradores de Peter, que se demonstra sábio e aplicado em suas atividades escolares, enquanto os adolescentes, aqueles de sua mesma idade, não se aproximam dele e fazem questão de humilhá-lo sempre que podem. Estamos, novamente, diante do deslocamento, uma vez que Peter não se integra ao espaço escolar jovem e tampouco às pessoas de sua idade. O super-herói traduz a sua dissociação dos demais convivas pelo que faz com o que sabe, o que o direciona aos estudos.

Por essa ótica, é interessante que avaliemos como o fragmento compensa negativamente a perspectiva de estudos em contraponto aos prazeres. É explícito que apelidos como “Traça-livros” e “Bobão” reforçam essa dimensão. Para os “fortões” da escola, estudar é o contrário da obtenção de prazer, o que não se efetiva para a figura heroica. Além disso, o trecho também traz uma crítica incisiva que fomenta o pensamento de milhares de gerações e que, se não lida

com a devida pontualidade, pode ser responsável por muitas de nossas dissidências sociais em relação às figuras femininas. Um dos fortões da escola diz: “Você fica com a ciência... a gente com as garotas!”. A fala, direcionada a Peter, explicita a relação com as mulheres como se elas estivessem a serviço do prazer dos rapazes, o que reforça sua postura de objeto junto aos leitores. Nossas propostas de aula têm a expectativa de levar aos alunos as seguintes questões críticas: Não estar com ou não ter mulheres é sinônimo de não ter prazeres? O que pensam as mulheres? Por que a sociedade parece valorizar aqueles que não brilham pela nobreza mental? Esses questionamentos ficam com os leitores da HQ...

Por fim, Peter afirma: “Um dia eles vão ver! Um dia vão se arrepender de terem zombado de mim...” e vai à feira de ciências. Dali em diante,

[...] Quando uma aranha geneticamente modificada pica o jovem acadêmico Peter Parker, ele adquire surpreendentes novos poderes da noite para o dia. Usando esses poderes, Peter derrota com facilidade o briguento da escola - o atlético Flash Thompson -, para o assombro de seus colegas. E quase imediatamente, ele é tentado a usar seus poderes para fins próprios. A fim de comprar um carro-esporte e impressionar sua Mary Jane, a garota de seus sonhos, Peter entra em um concurso de luta livre cujo prêmio é 3 mil dólares. Vence o concurso, mas o promotor das lutas paga só 100 dólares, alegando que ele ganhou rápido demais. Peter responde: “Mas eu preciso desse dinheiro”, ao que o promotor replica: “Não vejo isso como problema meu”. Peter vai embora frustrado e, dali a alguns momentos, um bandido armado rouba o promotor e, na fuga, passa pelo recém-poderoso rapaz. Peter percebe o que está acontecendo, mas não faz nada para impedir e o ladrão foge. O promotor fica furioso: “Você poderia ter acabado com aquele sujeito! Agora ele vai fugir com meu dinheiro”. Mas Peter calmamente saboreia a vingança, dizendo: “Não vejo isso como problema meu”. (IRWIN, 2009, p. 186)

A seguir, o seu tio Ben é vítima fatal do bandido que o Homem-Aranha não quis prender. A partir daí, começa a trajetória heroica do ‘melhor amigo da vizinhança’. “Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades” - aí está o compromisso do super-herói - torna-se o lema, ou quem sabe o dilema de Peter, que, como outros heróis e super-heróis, está a serviço da humanidade, exercendo a função de zelar pela ordem e pela justiça. A afirmativa, que lhe chega aos ouvidos por seu tio Ben, antes de morrer, norteia seus conflitos posteriores e,

[...] seja como for, se concordarmos que “com grande poder vem grande responsabilidade”, então a pergunta “por que ser um super-herói?” parece uma versão mal disfarçada de uma das clássicas perguntas filosóficas de todos os tempos: “Por que ser moral”? O super-herói tradicional tem um compromisso de promover o bem e combater o mal. Ele é dedicado a ver a justiça prevalecer contra a injustiça, e esse é o principal interesse da moralidade, como um todo (IRWIN, 2009, p. 186).

Indubitavelmente, nos quadrinhos posteriores, quando se inicia a chamada *Era de Bronze*, em 1970, essas responsabilidades se acentuam. Os autores parecem se preocupar em humanizar ainda mais os super-heróis, tanto que, dentre as mais aceitas possibilidades para o

início da era sucessora à de Prata nos quadrinhos, está a morte de Gwen Stacy, então namorada do Homem-Aranha. Da *Era de Bronze*, que vai de 1970 a 1985, vamos destacar o trecho a seguir, em que, como argumenta Irwin (2009), os problemas pessoais ganham ênfase e os seres humanos são mostrados em dificuldade quanto à heroicidade, pois existe a mescla entre sentimentos e os desejos dos seres humanos por serem super-heróis. Leiamos:

**Figura 08** – Os Vingadores e a humanização heroica



Trecho da revista "Os vingadores", de 1970, edição de número 072. (MARVEL COMICS, 1970. HQ disponível em: <https://downloaddehq.blogspot.com/2019/12/os-vingadores-v1-1970-1971-marvel.html>)

No fragmento acima, temos uma passagem da HQ da Marvel “Os Vingadores”. É importante que consideremos criticamente o título Vingadores em oposição ao caráter que se forjava antes para os super-heróis. Se anteriormente era possível ler/ver o Superman e o Spiderman como figuras centrais de ações nobres e que, em inúmeros pontos, atuavam às escondidas pelo bem maior da humanidade, sempre com muita consciência de seus atos e planos, na Era de Bronze, com o avanço dos Vingadores, vemos outro discurso, que empreende a postura heroica em prol de justiça, mas não necessariamente pelo caminho de menor angústia.

Os Vingadores fazem história com super-heróis com conflitos pessoais ainda mais intensos e com situações que se abrem para o anti-herói aos olhos sociais. Do terceiro quadrinho em diante, o Capitão Marvel diz: “Pobre, Rick! Por toda a sua vida ele quis ser um super-herói! E agora, ele se sente menor até que um escudeiro!... Mas problemas pessoais podem esperar...”. Aqui percebemos que o narrador assume uma personalidade (Marvel), conversa com o leitor para se aproximar e situa Rick, dando conta do desejo do personagem por ser super-herói. Isso mostra uma fissura de subjetividade que se debate entre o que se é e o que se deseja ser. Temos aqui a assumida limitação do ser humano perante aos problemas reais do mundo, o que culmina na vontade de ser super-herói, de ter superpoderes para se livrar dos dramas interiores e exteriores com os quais vive.

Em contraposição, o adendo que o autor insere no último quadrinho constrói um paradoxo ao super-herói. É possível ler, no último quadrinho: “Adendo inevitável: provavelmente, Rick Jones não contou a história desta mesma maneira para os Vingadores! Nós apenas contamos para vocês, pois vocês gostariam de vê-la do jeito que ela é! – Stan e Roy”. Essa construção é paradoxal porque, até ali, o super-herói nunca havia sido mostrado com limitações tão simplórias e humanas, como poder ser enganado, poder ter ouvido uma narrativa até certo ponto por parte de alguém e ser enganado com tanta facilidade. Essa ambiguidade dialoga, também, com o título “Vingadores”. Essa dimensão é estranha porque, sendo super-herói, na percepção mais simbólica aludia à onisciência, à onipresença, à onipotência... Mas, à medida que se aproxima dos últimos anos, os Vingadores refletem um panorama diverso, já que agem sob limitações e demonstram-se também humanos por meio de atos falhos.

Após o fim da Era de Bronze, inicia-se o que muitos críticos vão chamar de Era Moderna dos Quadrinhos, com data comumente demarcada a partir de 1980. Entendemos que as histórias em quadrinhos têm refletido os discursos sociais conforme a ementa de heroicidade se configura dentro de cada espaço e de cada época. Isso não seria diferente na atualidade. Em seguida, os quadrinhos foram retratando mais e mais panoramas que os articularam à realidade de seu tempo.

Por fim, encontramos a nova geração de HQ: “Superman: Filho de Kal-EL”, de 2021, que apresenta o filho do Superman, isto é, de Clark Kent, pela imagem e semelhança de um ser terráqueo que vem para substituí-lo, enquanto “o idoso” se afasta. A leitura completa da HQ demonstra uma postura aparentemente lacaniana, de que o filho só amadurece a partir do afastamento do pai, mas também discute pontos estratégicos à humanidade. Esse jovem super-homem está humanizado a ponto de mostrar sentimentos e conflitos próprios dos humanos, como a sexualidade. Leiamos o trecho abaixo:

**Figura 09 – O beijo de Jon Kent e Jay**



HQ “Superman: Son of Kal-El”, página 22 do capítulo 05. (DC COMICS, 2021. HQ disponível em: [https://hqdragon.com/leitor/Superman:\\_Filho\\_de\\_Kal-El\\_\(2021\)/05](https://hqdragon.com/leitor/Superman:_Filho_de_Kal-El_(2021)/05)).

Na passagem, do capítulo 05 da HQ, o filho do Superman, Jon Kent, beija seu, até o momento, amigo, Jay. A cena é antecedida por uma reflexão ideológica sobre a importância do jovem super-herói para o mundo e perpassa pelo aviso de que ali não há mais um ser com quem ele deva se preocupar. Desse modo, nem todos os humanos vão precisar de sua proteção, mas o seu destino protetor vai continuar como um desígnio, um compromisso do qual não pode se furtar. Em síntese, parece ser uma nivelção de forças e posições, dando conta de que entre eles não haverá relação envolvida em necessidades, mas em desejos livres, sinceros, de estar ao lado um do outro. Nosso objetivo é mostrar ao aluno que, embora a estrutura narrativa venha se mantendo, novos heróis e super-heróis podem surgir com mil faces e cabe a ele, como autor, escolher como tratará sua personagem.

É por isso que o beijo entre os dois ocorre de modo livre, um tanto quanto que direto até demais. Essa situação é importante para a discussão da adolescência como uma fase de avaliações, de experiências, de autoconhecimento. E se a sexualidade é algo que está além do corpo, que intrinca o meio social de um modo ou de outro, é importante que, sendo cada vez mais humano, o super-herói também promova uma narrativa em que se pode discutir essa abordagem. A serenidade e tranquilidade com que se toca no assunto, a liberdade do beijo e a leveza da situação servem para naturalizar plenamente a discussão, ou quem sabe explorá-la por um ângulo até então praticamente inédito.

É, no mínimo, estranho que um produto como as HQ, com lançamento efetivo pelo ângulo do super-herói desde 1938, até o ano de 2021 ainda não tenha dado destaque a um âmbito temático tão íntimo da humanidade, como a sexualidade em parâmetro dissociado da heterodireção. Consideramos que haja aqui um novo marco e que teremos no devir uma nova dimensão para as problemáticas de autoconhecimento e de aceitação. Está nascendo uma Era da subjetividade para os Quadrinhos de Super-heróis. Os quadrinhos estiveram, desde sempre, envolvidos com polêmicas julgadas pelos conservadores como mantenedoras ou pelo menos influenciadoras da marginalidade infanto-juvenil, sendo assim contrárias à moral e aos ditos bons costumes. Isso significaria assimilar que as HQ poderiam fazer refletir sobre a moral humana e o que é plausível ou não de se discutir humanamente. Nessa compreensão:

[...] Todo super-herói tem uma interessante história de origem. Nós queremos saber de onde vêm os superpoderes e como a missão começou; o que estou sugerindo é que, se um Universo físico como o nosso tem uma ordem moral altamente complexa, então isso seria uma prova de que o Universo também tem uma história de origem muito interessante, envolvendo grande inteligência, poder e interesse moral (IRWIN, 2009, p. 195).

Não sabemos, portanto, se as HQ são as melhores para isso, mas é certo que elas nos possibilitam avaliações bastante pontuais de inteligência, poder e interesse moral em relação à sociedade. Esperamos que a HQ que conta a origem do novo filho do Superman também transforme positivamente o pensamento, abrindo espaço para que as gerações antigas e as posteriores convivam em um mundo com mais respeito.

### **CAPÍTULO 03**

#### **O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS: PCN, BNCC E MULTILETRAMENTOS**

Neste capítulo, discutimos a importância do gênero história em quadrinhos em articulação com específicos documentos oficiais de educação do Brasil. Em todas as suas frentes, as viabilidades de ensino-aprendizagem brasileiras têm reconhecido a importância da integração do gênero em questão ao cotidiano escolar, seja pelo seu amplo rol de possibilidades temáticas transversais, seja pelo seu riquíssimo arsenal imagético, que comporta em linguagem mista o verbal e o não-verbal.

Para nosso enquadramento, restringimos as abordagens mais detidamente nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação -PCN - (1998 e 2002) e na Base Nacional Comum Curricular (2017) para o Ensino Médio (BNCC-EM). Discutimos, então, se os propósitos dos dois documentos voltados ao Ensino têm relação precisa com a Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012, 2016). Essa parte está relacionada ao uso dos quadrinhos em âmbito escolar, por isso, partimos à sugestão de uma proposta de produção textual que represente os direcionamentos discutidos.

#### **3.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO E O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA ESCOLA**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a Educação figuram como tratativas que estabelecem os rumos ao ensino e à aprendizagem no Brasil, embora não sejam obrigatórios, mas parâmetros. Para isso, eles norteiam os rumos a serem adotados, no plano curricular, por docentes e demais entidades atuantes no ensino escolar. O documento foi trazido ao conhecimento público entre 1997 e 1999, situando as direções do ensino no Brasil a partir de quatro frentes de atuação, promulgadas, a princípio, pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB,1996) da Educação Brasileira: 1 - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – que envolvem as especificidades da Língua Portuguesa (Literatura, Gramática, Interpretação e Produção de Textos) -, Artes, Educação Física e as Tecnologias de Expressão e Comunicação; 2 - Ciências Humanas e suas Tecnologias – que preveem as abordagens de História, Geografia, Sociologia e Filosofia; 3 - Ciências da Natureza e suas Tecnologias – circundantes entre Química, Física e Biologia -; 4 - Matemática e suas Tecnologias.

O Ensino Médio, momento conclusivo da educação básica, é quando os estudantes são direcionados ao aprofundamento dos conteúdos vistos ao longo do Ensino Fundamental. Isso se formata por conta da projeção seriada do ensino, que prevê a progressão do aluno conforme o desenvolvimento de suas competências e habilidades de comunicação, escrita ou oral (LDB, 1996).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN+), em sua via dedicada ao estudo de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias, têm o objetivo de delimitar a área

[...] dentro da proposta para o Ensino Médio, cuja diretriz está registrada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e no Parecer do Conselho Nacional da Educação/ Câmara de Educação Básica nº 15/98. As diretrizes têm como referência a perspectiva de criar uma escola com identidade, que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo. O respeito à diversidade é o principal eixo da proposta e, para a área, não poderia ser diferente [...] O objetivo principal do texto é a escola, pois só lá o encontro entre o pensar e o fazer poderá delimitar o sucesso ou não deste trabalho. [...] o documento é de natureza indicativa e interpretativa, propondo a interatividade, o diálogo, a construção de significados na, pela e com a linguagem (BRASIL, 1998, p. 04).

O documento, portanto, comunga da noção de uma escola em que os pensamentos sejam colocados em embate e, assim, se formulem novas ideias, tanto por parte dos alunos quanto dos docentes, enfatizemos: busca interação. Essa premissa é enfaticamente validada conforme Bakhtin, que vê na força enunciativa um axioma central para a língua (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2013), posto que é o uso da palavra que gera o confronto dos sentidos, o que vai consolidando o âmbito dialógico do parâmetro linguístico. Essas ideias estão intimamente ligadas à proposta de ensino que fazemos.

Em prol da construção de uma natureza interativa, dialógica, nos estudantes, é válido compreender a importância da estruturação de um trabalho com o gênero história em quadrinhos, que tem grandioso leque de possibilidades enunciativas, discursivas, tornando o ambiente mais propício a um aprendizado virtuoso, de excelência (COELHO, 2012). Neves (2012), entende que

[...] segundo os PCN (1997), o conjunto de conteúdos está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar. A estrutura dos eixos de aprendizagem e sua articulação entre os tipos de conteúdo das disciplinas ofertadas e dos Temas Transversais configuram uma organização para que as escolas estruturem seus currículos com certa liberdade que permita considerar o seu contexto educacional. A história em quadrinhos poderá ser instrumento que contemple esses eixos de aprendizagem, pela facilidade que ela transmite informações de forma atrativa, divertida e facilita a memorização (NEVES, 2012, p. 19).

Com isso, nossa proposta dialoga com a postura de Neves (2012), pois consideramos que podemos obter a ação de apreciar, de contextualizar e de produzir criticamente a partir de nossa proposta de produção de texto em quadrinhos. Além disso, o trabalho com as HQ também está a serviço de uma quebra preconceituosa, que demarca a leitura dos quadrinhos por um panorama unicamente do infantil ou inadequadamente no adulto. Como tudo que é inovação, os preconceitos cercaram os quadrinhos no início de sua história, similarmente ao que ocorreu com diversos textos que conservadores, tradicionalistas, antiprogressistas enxergaram como passíveis às alterações de pensamento em âmbito literário. Bahia (2012), na defesa da desconstrução dessa percepção, reporta que

[...] as imensas possibilidades estéticas da utilização de palavras e imagens em histórias em quadrinhos (HQ) têm sido cada vez mais exploradas pela academia, que têm legitimado os quadrinhos como uma das grandes artes desenvolvidas pela indústria de entretenimento no século XX. Entretanto, seu reconhecimento como expressão artística de valor pelo grande público ainda se encontra em estágio incipiente. [...] o impacto que opinião pública e academia exerceram na percepção dos quadrinhos [...] ‘marcou’ a história das HQ nos Estados Unidos e América Latina nas décadas de 1940/1950 e 1970. Especialmente a partir da década de 1980, a avaliação negativa da HQ começa a mudar radicalmente por todo o mundo (BAHIA, 2012, p. 341).

Já no Brasil,

[...] as políticas públicas de incentivo à leitura têm exercido um papel decisivo no processo de reavaliação e valorização de narrativas gráficas. [...] o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) desponta a partir de 2006 como um dos mais fortes catalisadores de tal reavaliação, com impacto direto na produção, distribuição, acesso e recepção de histórias em quadrinhos (BAHIA, 2012, p. 341).

Como texto que venceu preconceitos e, assim, se marca como importante para a sociedade, as histórias em quadrinhos figuram, então, como possibilidades didáticas e, por isso, merecem tratamento dentro do campo escolar. Esse reconhecimento está nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação (1998), dando conta de que o uso dos quadrinhos atua como parceiro para análises textuais que fomentam a identificação de diversos contextos socioculturais. Os PCN (1998) apregoam que

[...] a análise de textos de diferentes gêneros (slogans, quadrinhos, poemas, notícias de jornal, anúncios publicitários, textos de manuais de instrução, entre outros) [...], permite a consolidação do conceito e o reconhecimento de que um texto só se configura como tal a partir da articulação de determinados elementos, de uma intencionalidade, explícita ou não, e de um contexto moldado por variáveis socioculturais. A análise textual é uma competência que se adquire com o domínio desse conceito e, ao mesmo tempo, é instrumento para a formação do próprio conceito (BRASIL, 1998, p. 96).

Sendo um texto de importante contribuição à compreensão de mundo, os quadrinhos devem ser estudados nas escolas por sua ampla gama de abertura às legitimações culturais. A leitura de histórias em quadrinhos, sobretudo a partir da apreensão dos atos exemplares ou não do herói permite aos estudantes perceberem os contextos diversos de mundo e seus discursos. A partir daí, os alunos podem reavaliar seus prognósticos, entendendo os mitos que circundam as sociedades, tanto os diagnosticados por Campbell (1990) quanto aos demais, construídos sob conjecturas sociológicas, filosóficas, históricas e, também, literárias. Isso é papel da escola, que também deve

[...] utilizar-se de materiais de estímulo à leitura, à produção escrita, ao trabalho áudio-oral e de incentivo à pesquisa e à busca do que se precisa aprender. Além dos recursos tecnológicos ligados à informática, dispomos de livros paradidáticos, jornais, revistas, manuais, catálogos publicitários, outdoors, embalagens de produtos, quadrinhos, textos variados e outros materiais escritos. É importante também fazer uso de outros meios e recursos: a televisão, o cinema, vídeos, as séries disponibilizadas pela TV Escola (“Como Fazer”, “Ensino Legal”), programas gravados (como os da National Geographic e dos canais Futura e Discovery), bem como letras de música, fitas de áudio, noticiários, entre tantos outros (BRASIL, 1998, p. 111).

Aqui, novamente, ventilados como material didático, os quadrinhos se reconfiguram como via de ensino e aprendizado porque se fomentam por enunciados significativos e pela relação com outros elementos recursivos. Nos quadrinhos, percebemos o imagético, que também se insere no cinema, percebemos o narrativo, de força literária, que pode também ser campo televisivo, além de outros gêneros e subgêneros que se imiscuem cada um em seu espectro dentro de cada trama.

Os gêneros também dialogam entre si. Nessa premissa, o trabalho com os quadrinhos tem muito a enriquecer o ensino de língua, porque é uma forma de promover a dialogia bakhtiniana (1997, 2006, 2010, 2013) e, assim, desenvolver competências e habilidades importantes para o futuro do estudante. Essa linha se dá porque

[...] o diagnóstico sensato do que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações, entretanto as finalidades devem visar a um saber linguístico amplo, tendo a comunicação como base das ações. Comunicação aqui entendida como um processo que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e “desconstrói” significados sociais. A língua situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está presente e mergulhado. Não a língua divorciada do contexto social vivido. Sendo ela dialógica por princípio, não há como separá-la de sua própria natureza, mesmo em situação escolar. Base de todos os saberes e dos pensamentos pessoais, seu estudo impõe um tratamento transdisciplinar no currículo (BRASIL, 1998, p. 17).

O tratamento do gênero quadrinhos pode figurar como transdisciplinar porque lê-los implica conhecimento linguístico que se solidifica por estar além das especificidades de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. Nesse entendimento, a leitura dos quadrinhos é

passível à compreensão porque, frente a ela, o leitor conclama seus conhecimentos basilares: (1) de Natureza, sobretudo quando tratam tematicamente de ficção científica; (2) de Matemática, principalmente pela concepção geométrica de cada figura, imagem, pelas percepções dos balões, pelas perspectivas quantitativas que circundam o enredo; (3) de Humanas, especificamente pelo parâmetro histórico, pois muitas HQ relacionam suas tramas diretamente aos acontecimentos marcantes para a humanidade, bem como (4) o panorama geográfico, já que deslocam espacialmente as personagens para localidades fictícias, inventadas e/ou até mesmo reais.

Portanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação (1998) reconhecem e validam a importância de que o gênero história em quadrinhos seja usado em sala de aula, e complementam que os diversos formatos de ensinamento devem contemplar objetivos construídos em perspectiva conjunta, dando conta de que “[...] esses objetivos, compatíveis com valores e atitudes que se pretende desenvolver [...]” (BRASIL, 1998, p. 11) são essenciais, uma vez que

[...], podem ser agrupados por competências e habilidades. Podem também ser reunidos tendo em vista as interfaces com as outras áreas do conhecimento [...]. Assim, juntam-se as competências e habilidades de caráter mais específico, na categoria investigação e compreensão científica e tecnológica; aquelas que, de certa forma, se direcionam no sentido da representação e comunicação em Ciência e Tecnologia estão associadas a Linguagem e Códigos; finalmente, aquelas relacionadas com a contextualização sociocultural e histórica da ciência e da tecnologia se associam a Ciências Humanas. (BRASIL, 1998, p. 11)

Em síntese, é esperado que os docentes abram seus olhares para o grande rol de possibilidades que o trabalho com as histórias em quadrinhos pode trazer à sala de aula. Essa premissa já foi acusada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação (1998), em vislumbres voltados ao Ensino Fundamental e Médio, e deve significar uma importante contemplação rumo à formação escolar que se espera para o futuro.

### 3.2 O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA ESCOLA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A dedução é uma possibilidade de raciocínio que principia de uma eventualidade concreta para a interpretação de circunstâncias do mundo, geralmente avaliando pontos que se iniciam na identificação da causa para os efeitos. Já a indução pode ser compreendida como um procedimento inverso, em que se inicia um estudo a partir de dados ou de fatos similares visando definir uma certeza em comum, o que se efetiva identificando os efeitos e estabelecendo os caminhos para as causas. E a escola é um espaço de indução e de dedução. Nela, os estudantes

devem ser orientados, pelos docentes e pelos demais integrantes do processo educativo, à promoção de reflexões estratégicas quanto ao mundo e à forma como ele se organiza. É uma instituição, isto é, tem carga estrutural de sustentação basilar ao corpo social, como o teatro ou a família. Em tempos de intensos “achismos” e de precários argumentos, a escola tem sido, mais do que nunca, vital à manutenção dos conhecimentos verificáveis, experimentais, perpassando o empirismo com uma ‘lança’ de sabedoria e capacidade analítica.

Essa instituição tem, a exemplo do que ocorre com as demais, sido alvo de concepções esperançosas quanto ao futuro. Muitos deduzem que a escolas não formam como deveriam, muitos dizem que a escola não atua sobre o que deveria atuar, mas poucos procuram compreender a orientação dos currículos e as escolhas dos conteúdos. A dissociação entre teoria e prática, bem como das dissidências entre o que se estuda na escola e as práticas da vida, também estão entre os principais panoramas de crítica à instituição.

Por isso, é preciso que a escola atenda a inúmeras expectativas, tanto de formação pessoal quanto profissional, e assim homogeneíze pensamentos e saberes em uma sociedade extremamente heterogênea. Isso pode soar paradoxal, mas é a realidade: lembremos que, se há democracia, há diversidade. Portanto, é importante que mais e mais questionamentos dessa natureza surjam, para que assim todos possam se envolver na direção de uma reavaliação quanto a uma escola efetivamente inclusiva, democrática, alinhada com as necessidades humanas. Tentativas, no Brasil, de alinhar a instituição escolar por esse viés, foram e são apresentadas nos documentos e nas legislações previstas para o ensino.

Nessa via, a Base Nacional Comum Curricular (2017), “[...] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 01). A BNCC é dividida em conformidade com a LDB 96, a regulamentação mantém a divisão por frentes de aprendizagem – Linguagens, Natureza, Matemática e Humanas – e se diz adequada para a direção efetiva da escola que contempla as necessidades relativas ao futuro.

Para tal, pretende principiar as abordagens no Ensino Fundamental – 1º ao 9º ano – e sequenciar o aprofundamento dos saberes no Ensino Médio – 1ª à 3ª série. Criticada negativamente por muitos (SUSSEKIND, 2019), ‘engolida’ por outros e aclamada e aguardada pela classe empresarial<sup>2</sup>, a BNCC institui-se na prospecção de lutas já desenhadas amplamente

---

<sup>2</sup> Quais são os interesses das fundações e institutos empresariais com a BNCC e o “novo” ensino médio? Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/opiniaio/2019/09/quais-sao-os-interesses-das-fundacoes-e-institutos-empresariais-com-a-bncc-e-o-novo-ensino-medio/>>. Acesso em 05 de jun. 2021.

quanto às expectativas da escolarização, como a reversão do cenário de desigualdade educacional. Nessa apreensão,

[...] a BNCC por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base. Temos um documento relevante, pautado em altas expectativas de aprendizagem, que deve ser acompanhado pela sociedade para que, em regime de colaboração, faça o país avançar. [...] Cabe ao MEC ser um grande parceiro neste processo, de modo que, em regime de colaboração, as mudanças esperadas alcancem cada sala de aula das escolas brasileiras. Somente aí teremos cumprido o compromisso da equidade que a sociedade brasileira espera daqueles que juntos atuam na educação (BRASIL, 2017, p. 05).

A proposta da pluralidade em prol dos avanços educacionais é, realmente, encantadora, mas pode se tornar vaga diante os recorrentes pormenores que circundam o projeto. Essa percepção ocorre porque, no geral, a visão apresentada pela BNCC segue parâmetros similares aos PCN, se considerados os discursos e necessidades de reorganização da aplicabilidade do ensino. Frente a isso, dentre as críticas negativas ao documento em questão, Sussekind (2019) é categórica e sugere um cenário apocalíptico para o ensejo da BNCC. A pesquisadora considera que suas conjecturas assertivas em relação às propostas e à reforma do Ensino Médio são indolentes, arrogantes e malévolas, dando vazão a “[...] um modo displicente e preguiçoso de pensar e praticar as políticas de conhecimento, e as políticas curriculares [...]” (SUSSEKIND, 2019, p. 93), e esclarece a caracterização enfatizando crer que seja

[...] Displicente e preguiçoso porque [...] o modo de produção de conhecimento é monocultor, sendo assim, baseia-se numa razão indolente, que tem preguiça de reconhecer outros modos e outras experiências de conhecimento, anulando a pluralidade do mundo e a diferença ontológica que nos torna humanidade. Assim, dominado pela preguiça de reconhecer o “outro”, o conhecimento que se configurou como ocidental, eurocêntrico, capitalista, colonial, branco e heteropatriarcal e se tornou hegemônico tem uma razão indolente. De modo displicente e arrogante arvora-se de tal superioridade que se reconhece único, melhor, total e, até mesmo, neutro. Torna-se não só hegemônico, mas único (SUSSEKIND, 2019, p. 93).

A estudiosa, portanto, é descrente de que a BNCC consiga resolver as dissidências que ela mesma aponta e segue em descrédito ao viés de reconhecimento às diferenças, explorando a noção de uma postura que comunga da monocultura, porque é centralizadora e, com isso, pouco ou precariamente advoga em causa das identidades locais e interpessoais.

Na esteira assimilativa do que a BNCC (2017) propõe, temos os estudos com os gêneros como conselhos (também já ventilados pelos PCN) importantíssimos à atuação docente. A BNCC preconiza a “[...] consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos que

regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana [...]” (BRASIL, 2017, p. 77), o que pode ser conseguido se colocarmos o aluno para

[...] refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multisssemiose e características da conectividade (uso de hipertextos e hiperlinks, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital). Analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo; ao leitor pretendido; ao veículo ou à mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico mais geral; ao gênero do discurso/campo de atividade em questão etc. Analisar aspectos socio discursivos, temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros propostos para a produção de textos, estabelecendo relações entre eles [...] (BRASIL, 2017, p. 77)

Como podemos perceber, as orientações relativas às produções de textos dentro da BNCC (2017) se servem enfaticamente da leitura bakhtiniana (1988, 1997, 2006, 2013). São pressuposições que instruem quanto aos elementos estilísticos e linguísticos e como essas perspectivas produzem sentido no mundo que se apresenta diante do estudante. Nessa missiva, o trabalho com os gêneros – em sua concepção relativamente estável de características – é uma necessidade e, também, uma ordem dentro da BNCC (2017). Cientes dessa interpretação, acreditamos que a criação de um herói em quadrinhos, em formato virtual, por parte dos alunos, pode servir como uma das possibilidades didáticas que contemplem o que propõe a BNCC. Rememoremos: uma das possibilidades... e talvez nem seja a melhor, mas, a exemplo do que o próprio documento diz, é um começo.

A BNCC (2017) expressa que as histórias em quadrinhos podem representar importantes dimensões de aprendizado ao aluno, integrando-as ao lado das competências e habilidades que se pretende que o estudante desenvolva. Assim, o termo história em quadrinhos aparece por 22 vezes no documento, trilhando uma trajetória que vai do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Na penúltima extração considerada cara aos nossos estudos, enfatiza a BNCC (2017) quanto à necessidade de fazer o aluno

[...] **criar narrativas ficcionais**, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, **histórias em quadrinhos**, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto. (BRASIL, 2017, p. 171, grifos nossos)

Podemos perceber, então, que o gênero história em quadrinhos está atrelado a todos os demais campos estéticos e éticos da possibilidade interpretativa e que não figuram em destaque, mas em equilíbrio quantitativo em relação aos demais. Por isso, seu trabalho passa por diferentes graus de dificuldade e complexidade, alcançando os mais avançados no Ensino Médio, com a viabilidade de capacitar o aluno para

Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc. (BRASIL, 2017, p. 511).

Portanto, o trabalho com os quadrinhos e, sobretudo, com os heróis em quadrinhos, é essencial para que os estudantes sejam conduzidos à escola que a BNCC propõe. Assim, entendemos que o panorama escolar, pautado como uma instituição basilar, não pode se furtar do trabalho com esse gênero, uma vez que ele representa grande parte do arsenal de conhecimentos que o estudante deverá ter em mente para conseguir a perspectiva crítica plena que o documento de ensino prevê.

### 3.3 A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS E A RELAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM HERÓI EM QUADRINHOS

Por força didática, acreditamos que o conhecimento acerca da Pedagogia dos Multiletramentos demanda que principiemos pelo esclarecimento do conceito-base de Letramento. Soares (2005) explica que o termo designa “[...] o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita [...]” (SOARES, 2005, p. 50).

A alfabetização condiciona uma possibilidade de comunicação dentre as várias possíveis, enquanto o letramento prediz sob nuances que partem desse eixo às necessidades de uma sociedade em constante mutabilidade, ou seja, uma sociedade dinâmica que passa por constantes alterações em virtude das novas necessidades que vão surgindo, sobretudo relativas à expressão e comunicação. Por isso, tendo em vista a exigência pela correspondência adequada ao que a sociedade atual predica, torna-se válido que os indivíduos se façam tanto alfabetizados quanto letrados. Precisamos admitir aqui a existência de alfabetizados que não se fazem letrados e até de analfabetos que consigam determinados níveis de letramento.

Nos PCN voltados ao Ensino Médio apresentados em 1998, o termo letramento sequer apareceu de forma direta. Há um crédito apontado nas referências que evidencia que termos

sinonímicos podem ter sido empregados nos PCN. A obra referenciada é *Os significados do Letramento* (1995), de Kleiman. Nos PCN+, de 2002, um complemento à empreitada inicial, o conceito de letramento está atrelado à perspectiva gramatical, que

[...] refere-se a um conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua. Na fala, fazemos uso de um conhecimento linguístico internalizado, que independe de aprendizagem escolarizada e que resulta na oralidade. Na escrita, também utilizamos esse conhecimento, mas necessitamos de outros subsídios linguísticos, fornecidos pelo letramento (conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito). O domínio desse conceito é importante em quase todas as situações em que se trabalha com a língua. Para focar em alguns exemplos: Na fala ou na escrita, é fundamental considerar a situação de produção dos discursos que, afinal, são possibilitados pelo conhecimento gramatical (morfológico, sintático, semântico) de cada pessoa; Compreender que o aceitável na linguagem coloquial pode ser considerado um desvio na linguagem padrão ou norma culta; Abordar os diversos graus de formalidade das situações de interação; Compreender as especificidades das modalidades oral e escrita da língua (BRASIL, 2002, p. 60).

Como podemos perceber, a delimitação de Letramento empreende a junção de situações praticadas pelos sujeitos, diante do uso de diversos materiais, com foco estrito na escrita, a serviço de uma manutenção de ensino-aprendizagem culminante nesse viés. E os PCN+ (2002) vão além, ao considerarem os contextos produtivos, os procedimentos semióticos dos discursos, perpassando a compreensão de equívocos em empregos de uso coloquial e culto. Sendo assim, tudo parece se perfazer sobre a escrita de forma insidiosa, sem considerar a externalidade ou exterioridade enunciativa do que se formula além dessa perspectiva. O mundo exige novas visões e a escola não poderia deixar de acenar para isso em suas abordagens. Por conta dessa percepção, é preciso que entendamos que o letramento, ou melhor, os letramentos, necessita (m) ser diverso (s), mais amplo (s), mais aberto (s) a outras estruturas enunciativas.

Desse modo, grande parte das perspectivas de letramento trazidas à tona pelas pedagogias escolares são resultados de vislumbres ocidentais da própria escolarização, de poder e de conhecimento, obviamente estabelecidos por posições sociais e que, por sua vez, também estabelecem posições. Logicamente, dentro dessa ótica, a tipologia e o nivelamento do letramento do estudante se restringem a essa posição, adquirida por ele pelo formato de letramento recebido.

Nesse contexto, é preciso fazer com que os estudantes tenham perspectivas próximas de confronto com os inúmeros letramentos de que necessitarão ao longo da vida. E daí temos inúmeros outros formatos de letramento que sempre convergem para uma composição honrosa, encantadora, maravilhosa e todos os mais adjetivos positivos de que se puder qualificar: a autonomia. A formação educacional autônoma é essencial e um discurso amplamente promulgado por pesquisadores do ensino, das línguas ou não. É um discurso importante e com

o qual temos íntima ligação, mas que talvez por isso mesmo tenha se colocado como vazio frente às aplicabilidades escolares.

Seria isso construir autonomia? Seria, então, condicionar ao ser humano que ele mesmo se perfaça frente às necessidades que tem para se comunicar ou interagir mais pontualmente? Entendamos, portanto, que a língua precisa ser estudada em suas flexões e ocorrências e considerando seus contextos de enunciação, que devem estar a serviço da compreensão do aluno. Não adianta o trabalho com a língua sem que essa situação alcance o interlocutor imediato para o aprendiz, que é o estudante. Assim, é preciso que o letramento se sequencie de metalinguagem, isto é, que os textos, os usos da língua, sejam plausíveis à tradução imediata do cotidiano, do saber, das explicações do mundo pelas próprias ocorrências que se vê em voga no universo.

Nos PCN (1998), a noção de autonomia também versa sobre os diversos dizeres correlativos à competência linguística e contextual. Nesse entendimento, intuem-se na percepção de uma postura autônoma, que entendemos estar próxima da composição de letramento social. Assim, os PCN (1998) asseguram que

[...] o desenvolvimento de um comportamento autônomo depende de suportes materiais, intelectuais e emocionais. Para a conquista da autonomia, é preciso considerar tanto o trabalho individual como o coletivo-cooperativo. O individual é potencializado pelas exigências feitas aos alunos no sentido de se responsabilizarem por suas tarefas, pela organização, pelo envolvimento com o tema de estudo. (BRASIL, 1998, p. 40)

Para além da ótica em equipe, os PCN+ (2002) discutem a perspectiva autônoma diretamente relacionada à consciência contínua da busca pelo aprendiz, o que deve extrapolar o parâmetro de formação escolar e se perfazer como uma conjectura habitual na vida do sujeito. Os PCN+ (2002) ladrilham sob os três ângulos basilares do Ensino Médio, que decorrem do entendimento de que o

[...] o currículo é concebido como um espaço aberto à multiplicidade de contextos escolares. Além da leitura horizontal do quadro, é preciso realizar também sua leitura vertical, ou seja, sua conexão com o ciclo fundamental. Depois de iniciada, a construção de uma competência continua até o final do período de escolarização e, posteriormente, por toda a vida. Por isso, deve-se garantir que o aluno adquira a autonomia necessária para aprender a aprender (BRASIL, 2002, p. 38).

Diante da premissa de construir autonomia para um processo fluido de aprendiz durante a vida, os PCN+ (2002) se aproximam das pressuposições da BNCC (2017). Nesse caminho, estrutura-se uma perspectiva mais íntima das diversidades exigidas pela e para a formação estudantil, com uma capacitação indutiva do protagonismo – também íntimo da

autonomia – do aluno. Nos PCN+ (2002), esse ideário da autonomia vinculada ao protagonismo do sujeito está inteiramente atrelado à cultura letrada, estabelecendo que

[...] não se pode tomar o aluno como um receptor passivo dos conhecimentos ministrados pelo professor. Na interação que estabelece com o assunto, o professor e os colegas, o aluno deve tornar-se sujeito da própria aprendizagem, revelando autonomia para lidar com a construção do conhecimento. Algumas situações que ativam o protagonismo: na produção de um texto opinativo que aborde uma situação-problema, é desejável que o aluno elabore propostas articuladas e pertinentes à sua visão da questão, bem como argumentos que sustentem seu ponto de vista (competência V do Enem); na produção de um texto narrativo – como um relato, por exemplo – o aluno deve ser incentivado a colocar-se na situação de quem reconta um fato ocorrido com ele. (BRASIL, 2002, p. 61)

Sendo assim, os PNC+ (2002) escoram sua percepção de autonomia sob a nuance interpretativa dos textos opinativos e narrativos, e em correlação com os vislumbres aplicáveis pelo Exame Nacional do Ensino Médio, sobretudo na quinta competência, que orienta os estudantes à construção de propostas interventivas quanto a problemas sociais. Essa construção do protagonismo juvenil, materializando nos formandos a interação com os meios em que vive e fazendo dele executor ativo do conhecimento que tem e que precisa ser transformado é também levantada pela BNCC (2017). O documento normativo regente orienta que é válido

[...] valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. [...] . Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 2017, p. 10)

Evidentemente, a BNCC (2017) não inova e tampouco renova os discursos já apresentados pelos PCN+ (2002). Mediante isso, o que se sequencia é, então, o questionamento sobre como construir um letramento que tenha como pauta a postura autônoma. Rojo (2012, 2016) entende que tornar isso possível é acenar para a concepção dos Multiletramentos, isto é, capacitar o estudante, o ser social, o sujeito, a lidar efetivamente com os desafios do mundo à luz das inúmeras fontes e vias de letramento que esse oferece.

O século XXI acoplou alterações profundas nas diversas circunstâncias, tanto em âmbito sociopolítico quanto econômico e nos demais eixos de categorização da dinâmica gregária, por isso é preciso conduzir os seres humanos a uma percepção das instabilidades gerais em relação a si e ao mundo. Desse modo, frente a um cenário de intensas exposições problemáticas e de reconfigurações constantes da forma de pensar e agir, é preciso que, em especial, os processos relativos ao ensino-aprendizagem também se direcionem a essas mudanças, que tentem discutir,

abordar, avaliar, analisar, compreender e, no mínimo, prever o que se espera com relação ao futuro.

Não nos esqueçamos que todas essas mudanças exigem os Multiletramentos escolares e que precisam, dentre inúmeros outros pormenores, também se efetivar em concordância com a postura ética, considerando os parâmetros democráticos e plurais que tanto marcam os seres humanos. Assim, esses desafios chegam à escola que, durante muitos anos, também efetivou letramentos arbitrariamente vinculados ao processo de escrita e precariamente se atentou às alternativas tecnológicas que surgiam fora de seus muros. Rojo (2012) pontua que

[...] na contemporaneidade, a intensa e complexa circulação de comunicação e informação implica uma diversidade de mídias (impressa, analógica, digital) e de diferentes modalidades ou semioses (linguística, visual, espacial, gestual, sonora), muitas vezes, entrelaçadas umas às outras, provocando transformações nas formas de funcionamento e na configuração dos discursos. Diante de mudanças tão repentinas e intensas, enquanto professores de língua materna, muitas vezes não tão familiarizados com tais modificações, afeitos à boa e “velha” mídia impressa e à tecnologia da escrita, perguntamo-nos: que enfoque adotar na formação para a linguagem? (ROJO, 2012, p. 212)

É preciso dar um enfoque que considere a autonomia e que promova os Multiletramentos por âmbitos que, pelo menos, estruturem ideias que estejam em conexão com a realidade cotidiana. É preciso atenção do docente quanto às novas maneiras que os indivíduos estruturam constantemente para interagir entre si, maneiras essas constantemente vinculadas aos veículos digitais. É preciso considerar toda essa diversidade no momento de ensinar língua materna, para que assim se tenha em mente os impactos relativos à mescla das linguagens, das semioses dimensionadas pela materialização dos textos, das mensagens, bem como vislumbrar criticamente junto aos estudantes a circulação e o recebimento dos enunciados, dos discursos, compreendendo a máxima de que a escola precisa se alinhar às novas formas de letramento.

[...] A necessidade de uma pedagogia dos Multiletramentos foi afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante, GNL), um grupo de pesquisadores dos letramentos que [...] publicou um manifesto intitulado [...]. Uma pedagogia dos Multiletramentos – desenhando futuros sociais. [...] o grupo afirmava a necessidade de a escola tomar a seu cargo (daí a proposta de uma “pedagogia”) os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte – mas não somente – devido às novas TICs, e de levar em conta incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizado pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade. (ROJO, 2012, p. 12)

A proposta do GNL parece ter ecoado na Base Nacional Comum Curricular (2017), que expressa claramente que

[...] no novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (BNCC, 2017, p. 14)

No entanto, o que poderia configurar os Multiletramentos? Para além disso, que ainda coadunaria com a cultura digital, mas não unicamente a ela, e, também, consolidaria uma postura autônoma quanto ao ‘aprender a aprender’? Rojo (2012) trata dessa questão, ponderando quanto ao fato de que

[...] diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de Multiletramentos [...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13)

Tendo em vista a multiplicidade cultural e a multiplicidade semiótica, é possível assimilar a pedagogia dos Multiletramentos junto aos alunos. Isso deve estar vinculado, por parte da escola, com a mobilização de novas maneiras de realização semiótica de aprendizagem, de veiculação e de recebimento dos textos de mundo, dos enunciados do mundo, dos discursos do mundo, o que inclui, por exemplo, a quebra de preconceitos que podem ser apresentados pelos próprios docentes e, por que não, por diretores e coordenadores. Lembremos que outrora enfatizamos o “aprender a aprender” (BNCC, 2017) e isso deve pautar também as ações dos professores, que precisam estar sempre dedicados ao (re)aprendizado de suas abordagens.

Com a pedagogia dos Multiletramentos, todos têm a ganhar, afinal

[...] essa consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de designer: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade. Parte do sentido de criatividade em circulação nos dias atuais (“economias criativas”, “cidades criativas” etc.) tem algum tipo de relação com esses fenômenos de reciclagem, mistura, apropriação e redistribuição. (BNCC, 2017, p. 70)

Se é, inevitavelmente, à escola que cabe o dever de construir proposições de ensino que tornem o ser humano crítico quanto ao mundo em que vive, é a ela, mais uma vez, inevitavelmente, que cabe o papel de repensar o quadro. Nessa via, faz-se obrigatório a

envergadura escolar quanto às práticas dos Multiletramentos. Em sequência, apresentamos uma sugestão de atividade que acreditamos tornar possível tudo que até aqui elencamos, desde o procedimento dialógico da língua (BAKHTIN, 1988, 1997, 2006, 2013), com suas premissas responsivas, até a consolidação discursiva (FOUCAULT, 2008) e enunciativa, perpassando os pressupostos dos documentos oficiais de educação (PCN, 1998; PCN+, 2002 e BNCC, 2017), em prol de uma atividade de produção textual com o gênero história em quadrinhos.

Nossa sugestão de trabalho toma os heróis em quadrinhos como representativos de uma estrutura dialógica (BAKHTIN, 1988, 1997, 2006, 2013) e histórica (FOUCAULT, 2008) que medeia as ações humanas, que precisam ser preenchidas de sentido no intervalo entre o nascer e o findar da vida (MOSE, 2018). Assim, ao propormos uma atividade de criação de um herói em quadrinhos dentro de um ambiente virtual, que consolide os esteios estruturais do monomito – jornada do herói, mito único e arquetípico de situações enfrentadas pelo herói dentro de uma narrativa – (CAMPBELL, 1990) e assim se formulem discussões temáticas a respeito das concepções enunciativas dessa personagem, acreditamos estar contribuindo para a propriedade basilar de um trabalho que finde no alcance de parte da aquisição dos Multiletramentos.

Em nossa sugestão de atividade, solicitaremos que os estudantes escrevam uma narrativa para materializar o enredo de um herói em quadrinhos em ambiente digital. Esse deverá apresentar uma trama que culmine na intervenção quanto aos conflitos mais emergenciais pelos quais passa o Brasil. Assim, pretendemos mesclar estratégias de letramentos com vistas à obtenção de um trabalho consciente dos Multiletramentos junto aos estudantes. A seguir, apresentamos a proposta!

## **CAPÍTULO 04**

### **A PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM HERÓI EM QUADRINHOS**

Neste capítulo, realizamos a proposta de um trabalho de produção textual com o gênero história em quadrinhos, possível a partir da concepção de língua como interação com fins comunicativos por meio de enunciados (BAKHTIN, 1988, 1997, 2006, 2013). Esse material didático é fruto de um planejamento de aulas de leitura, interpretação e produção de textos para alunos do Ensino Médio. O propósito é que esse conjunto de aulas possa contribuir para o trabalho de qualquer professor de Língua Portuguesa. No planejamento, demos destaque à progressão de competências e habilidades relativas à leitura e produção de textos, para que o gênero história em quadrinhos possa alcançar públicos que vão da criança ao adulto, tornando-se, então, ferramenta didática para o fomento da prática leitora por toda a vida do homem, proposta dos PCN+ (2002) e da BNCC (2017).

Esperamos que indicar uma produção textual dessa envergadura aos estudantes se torne importante instrumento de consciência social quanto aos problemas pelos quais o país passa, propósito também da escola (COÊLHO, 2012). Acreditamos que os super-heróis sejam a melhor representação de agente social a ser trabalhada nesse momento, junto aos discentes, e pretendemos que esse nosso trabalho, aplicado, empreenda em mais e mais progressões e que se materialize em ações futuras, quando os próprios alunos tiverem que lidar com os problemas sociais de seu tempo. Nesse primário alinhamento, o aluno poderá se expressar e demonstrar aos docentes como se moldou, até ali, sua consciência acerca dos problemas nacionais, a exemplo, o que ele mesmo enxerga como problemática vinculada às consequências da pandemia de COVID-19. Além disso, também estará diante de um importantíssimo leque divertido, que explorará seu potencial criativo e estará, por fim, direcionando seus aprendizados para o desenvolvimento das habilidades de escrita exigidas pelo Enem, que, em sua proposta de Redação, solicita ao candidato a discussão de um problema social e exige uma intervenção com agentes, ações, meios, finalidades e informações complementares.

Essa atividade de produção textual, proposta ao estudante, efetiva a conjuntura pedagógica dos Multiletramentos, ao trabalhar, dialogicamente, concepções de herói e super-herói, aspectos estilísticos e composicionais das HQ, habilidades digitais e produção de texto em língua portuguesa. Esses são pressupostos da BNCC (2017), uma vez que se atrai o aluno para o mundo virtual ou, pelo menos, torna seu contato pontualmente mais consciente (ROJO, 2012, 2016), estruturando-o sobre um letramento autônomo quanto aos usos éticos, plurais e democráticos dos meios digitais (ROJO, 2012, 2016). Essa proposição é essencial para formar

o estudante do amanhã, que deverá lidar com um contexto on-line com muito mais maestria do que as gerações anteriores, além de perfazer valores sociais e conhecimentos outros relativos à vida em rede, a partir de um processo de ensino-aprendizagem que não se limita única e exclusivamente aos estudos para o ENEM.

Para efetivação de nossa proposição, iniciamos com Bakhtin (1997, 1988, 2006, 2013), que nos auxilia na compreensão dos conceitos de língua e linguagem e estabelece as bases do dialogismo que culminam na formulação dos gêneros do discurso. Esses entendimentos nos foram essenciais para consolidar a composição do herói, através de toda a materialidade linguística. Também nos incidimos sobre Foucault (2000, 2008, 2009), que nos pontua consistentemente os conceitos de enunciado e enunciação, bem como de discurso, estabelecendo os efeitos de sentido construídos na ocorrência da interlocução. Amparamo-nos, ainda, em Brandão (2004), que nos direciona quanto aos efeitos alcançados pelo enunciado. Foucault (2000, 2008, 2009) e Brandão (2004) porque seus estudos nos possibilitaram entender quanto à formulação do herói em quadrinhos e os elementos que compõem os valores ditos e não ditos sobre eles.

Orlandi (2004) nos lega a noção de texto, como produtor de significados completos e incompletos, que estão à espera de uma interpretação. Nos quadrinhos, os textos, sob a égide de um gênero do discurso, apresentam mensagens, dimensões enunciativas estratégicas que moldam os comportamentos, isto é, que dizem tais discursos e não outros. Nesse campo, compreender a personalidade do herói, dentro do escopo do discurso, é o que move a narrativa em quadrinhos, construindo entre leitor e autor um modal contratual (SILVA, 2001), similarmente ao que se compreende por pacto (ECO, 1994), sob o qual ambos – autor e leitor – trilham seus discursos.

Aqui, nos embasamos em Fiorin (2008a), que nos condiciona a união estratégica dos elementos linguísticos, enunciativos, discursivos, para uma manifestação dos conteúdos que se manipula dentro de um texto – possibilidade de transmissão de uma mensagem por meio da língua. Nesse corpus, quando as ações, a trama, os personagens, os espaços e a temporalidade se coadunam em relação direta e objetiva, temos um texto que expressa um herói, que representa os valores sociais daquele tempo ou de outrora, a depender da via propositiva dos efeitos pretendidos pelo autor, conforme nos explica Campbell (1990). No caso dos heróis em quadrinhos, o discurso, a exemplo dos demais modais heroicos, também pode aparecer de forma explícita ou oculta aos sujeitos, tanto ao enunciador quanto ao interlocutor (MITTMANN, 1999).

Tomamos, então, a percepção de que o gênero história em quadrinhos possibilita um objeto de análise para o qual nos voltamos sob a pretensão de uma atividade para a primeira série do ensino médio. Assimilamos, aqui, as percepções de Faraco (2009), para quem o trabalho com os gêneros do discurso é importante para que os estudantes analisem as realidades diversas do mundo. Assim, o gênero história em quadrinhos se situa como importante instrumento para esse propósito, já que se trata de uma arte, uma possibilidade expressiva humana de múltiplas linguagens (verbal, não-verbal, mista) que elucida circunstâncias relevantes à humanidade (VARGAS, 2014).

Dentre as inúmeras circunstâncias relevantes para as quais nos voltamos, está o fato de que os quadrinhos apresentam autonomia na linguagem e se valem de ferramentas individuais, próprias, em suas representações. Isso os enquadra como inteligíveis e ancora as tramas na relação visual, metafórica, com a humanidade, conforme Xavier (2017) nos norteia. Essa composição de que tratamos está, por sua vez, escorada nos mitos, que são fundamentados essencialmente para agir e pensar sobre os ciclos da vida e as consequentes e inevitavelmente sôfregas fases de transição. Campbell (1990) afirma que esses mitos são explorados em uma espécie de jornada, que espelha as buscas inexoráveis da humanidade. Nessa compreensão, a ficção mítica esteve presente junto ao homem desde sua tomada de consciência, consoante Harari (2018). Esse mesmo homem tem necessidade de preencher sua vida, isto é, um processo intercalado entre o nascer e a consequente morte, de sentido, segundo Mosé (2019).

Carlyle (1956) nos dá a mão daqui em diante, pois nos volta o olhar para os valores sociais que o herói tem para cada época e dimensiona que o homem precisa dessa figura simbólica. A próxima mão estendida é a de Cândido (2011), em seu ensaio sobre o Direito à Literatura. Sendo, portanto, a HQ uma obra literária, o super-herói da história em quadrinhos, é, a exemplo dos demais, um importantíssimo fator literário que se situa ao ser humano como um direito, que está atrelado ao direito humano por literatura (CÂNDIDO, 2011) e explana, por sua ótica, a relevância da imagem heroica para a consolidação dos valores sociais. Seguimos, então, a Vogler (1998), que amplia os estudos de Campbell (1990) e constrói a jornada do herói, ou seja, uma trajetória em 12 passos, que a figura heroica precisa vencer para consolidar-se junto ao leitor. Sua jornada tem tanto brilhantismo social que obtém o status de arte (ANDRAUS, 2013).

E toda composição artística só pode existir porque está sustentada por uma conjuntura ideológica, isto é, por uma cultura (SÁNCHEZ, 2010). O trabalho com a cultura e arte é uma das principais proposições da BNCC (2017), que enxerga na união em questão experiências estéticas que devemos, como docentes, buscar promover nos estudantes. Igual percepção têm

os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) para a Educação, que veem na expressão artística uma ferramenta de construção da autonomia estudantil e social.

Para essa efetivação, ambos os documentos concordaram que é preciso construir formação escolar com letramento plausível à realidade do mundo. Aqui, Soares (2005) entende o letramento como um conjunto de conhecimentos, de atitudes e de capacidades que devem ser efetivados quando a língua está em prática. Problematizações quanto ao letramento surgem quando termos como grau de letramento, nível ou baixo letramento encerram as possibilidades de aprendizado do estudante e não lhe possibilitam enxergar a nobreza de sua própria forma de expressão ou de outros ao seu redor.

Quando isso ocorre, a escola não consegue tornar, por exemplo, a leitura de histórias em quadrinhos, um elemento respeitoso e, acima de tudo, importante para o aprendizado. Concordamos com Coêlho (2012, p. 01), que se indaga quanto ao destino futuro da escola e, quando a compara com seu propósito introdutório à humanidade - o termo escola vem da palavra grega “skholé”, que significava “tempo de lazer”, tempo dedicado ao prazer, ao ócio -, identifica dissociações que precisam ser rompidas e reorganizadas. Assim, cremos que o trabalho que propusemos aqui, de estabelecer a criação de um herói em quadrinhos, em ambiente virtual, possa tanto colaborar para os processamentos críticos quanto aos Multiletramentos quanto colocar a escola em uma esteira procedimental teórica e prática eficiente ao formando do amanhã.

Isso pode ser comprovado pela compreensão de que a imagem cultural do super-herói na sociedade atual tem sido vista por diversas possibilidades interpretativas, que se ligam à cultura. Isso é, de certo modo, saudável, mas é preciso que tenhamos uma compreensão mais consistente da importância do herói, do gênero história em quadrinhos, e do trabalho com a língua materna, que consiga ir além dos muros da escola e, mais do que ecoar no ensino médio, também ecoe na apropriação futurística profissional e pessoal. As HQ, portanto, servem bem a esse nosso propósito, afinal não são meras atividades de entretenimento, mas partícipes e disseminadores de comunicações relevantes variadas, reporta-nos Silvério (2012, p. 224).

Consolidar, então, a criação de um super-herói em quadrinhos, em ambiente virtual, é tentar unir todos os pontos de formação, desde o linguístico-enunciativo-discursivo básico (BAKTHIN, 1997, 1988, 2006, 2013, e FOUCAULT, 2000, 2008, 2009) até o proposto pelos documentos oficiais de educação do país (PCN, 1997 e BNCC, 2017), uma vez que o leitor de textos de caráter visual, sobretudo em rede, demanda de habilidades tipológicas, posto que exercita um caminho externo ao convencional de leitura. Lopes (2012, p. 02) explica que, como leitores ou docentes, não devemos avaliar o texto no ambiente digital pela mesma ótica que se

emprega ao avaliar ou ler o texto impresso. Isso significa a necessidade de repensar os procedimentos catárticos frente aos textos, o que reoxigena e reorganiza a compreensão aristotélica (2000) da forma como os textos despertam nossas sensibilidades.

Por isso, nosso último amparo bibliográfico é o próprio INEP (2021, p. 01), que finda como elemento condutor para onde nossas ações convergem. Situados sobre os cinco eixos de aprendizagem que o INEP (2021, p. 01) orienta quanto ao desenvolvimento das competências e habilidades do estudante, programamos nossa atividade. Assim, procuramos “I. Dominar linguagens (DL) (INEP, 2021, p. 01)” levando ao aluno leituras diversas de textos em quadrinhos, de notícias relativas a temas ou a assuntos diretamente encontrados nos meios gregários, além de fazê-lo capaz de dissociar as linguagens mais ou menos formais ou mais ou menos tipológicas, de acordo com os discursos das diversas áreas do conhecimento.

Procuramos, também, que os estudantes consigam desenvolver habilidades como:

- “II. Compreender fenômenos (CF) (INEP, 2021, p. 01)”, orientando que construam e apliquem conceitos apreendidos a partir dos estudos das várias áreas do saber, a fim de que entendam assertivamente a ocorrência de fenômenos naturais, de processos histórico geográficos, além dos relativos à produção tecnológica e dos discursos e enunciados colhidos dentro das manifestações artísticas;
- “III. Enfrentar situações-problema (SP) (INEP, 2021, p. 01)” nos deu base para a seleção, organização, relação, interpretação de dados e de informações diferentes, sob a pretensão de que isso sirva para que os estudantes antecipem a tomada de decisões para o enfrentamento futuro de situações-problema;
- “IV. Construir argumentação (CA) (INEP, 2021, p. 01)”, também um dos propósitos do INEP (2021, p. 01), foi ação materializada no reconhecimento às diversas informações, apresentadas sob diferentes maneiras, sobretudo com elementos coesivos que demarcassem ênfase, adversidade, conclusibilidade ou qualquer outra condição elementar para a fundamentação do argumento;
- “V. Elaborar propostas (EP) (INEP, 2021, p. 01)”, ou, como quer o INEP (2021, p. 01) “[...] recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural”, é nossa ação propositiva máxima quando solicitamos que os próprios alunos criem um herói em

quadrinhos que atue sobre os problemas considerados por eles mais emergenciais dos brasileiros hodiernamente.

Sequencialmente, lembramos que o estabelecimento de um parâmetro metodológico de pesquisa consiste no detalhamento minucioso das ações desenvolvidas ao longo da pesquisa levantada, seja ela de um artigo, uma dissertação ou tese. Nesse âmbito, precisamos esclarecer que, consoante reportam Aragão e Neta (2017), quando um pesquisador se abre a uma análise

[...] não há neutralidade. Em se tratando de ciência, pesquisa, produção intelectual portanto, afirmar que a Ciência é neutra pode resultar em concordar que o ser humano, um ser essencialmente político e construtor da realidade é desprovido de vivências que lhe interessam ou ingenuamente ignora. De qualquer maneira, o pesquisador tem pertencimento a um contexto mais ou menos crítico, mais ou menos politizado, mais ou menos orgânico. (p. 18)

Sendo assim, estamos imersos na ordem do discurso e promovemos uma dissertação que, dentre inúmeros prognósticos didáticos já previamente justificados, também assimilou projeções subjetivas, pessoais, de nossa parte. Desse modo, ao primeiro reconhecer na literatura da área pouca discussão temática para a complexidade a que nos voltamos, identificamos a necessidade de aprofundamento e/ ou da construção de problematizações vinculadas a essa perspectiva. Para iniciar, então, foi válido que nos colocássemos sob a égide da pesquisa bibliográfica, visto que esse tipo de levantamento

[...] é realizado junto às bibliotecas ou serviços de informações existentes. Uma pesquisa bibliográfica pode ser desenvolvida como um trabalho em si mesmo ou constituir-se numa etapa de elaboração [...]. Também chamada de revisão de literatura, consiste na localização e obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa. [...] (ASSIS, 2009, p. 25).

A partir daí, e tendo ciência de que a pesquisa de teor bibliográfico também propicia subsídios teóricos, práticos, discursivos para outros modais de investigação, elencamos nosso trabalho por uma estrutura sumária que partiu do conceitual linguístico acerca do herói à relação que a produção textual sugerida tem com a BNCC (2017) e com a Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012, 2016).

#### 4.1 A PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM SUPER-HERÓI EM QUADRINHOS

Uma produção textual é a materialização enunciativa sob a forma de um texto, que atende a determinado gênero. Retomemos Orlandi (2004), para quem o texto atua em relação direta com outros textos e com isso se fundamenta como resposta a dizeres anteriores, em um

ciclo dialogal (BAKHTIN, 2006). Para a produção textual que vamos sugerir, apresentamos o esquema abaixo:

- A atividade será realizada, preferencialmente, com os estudantes da primeira série do Ensino Médio, de qualquer escola, seja da rede pública ou privada. Esta instrução está intimamente ligada a uma recomendação dos PCN+ (2002, p. 113)<sup>3</sup>.
- A atividade se realizará, minimamente, em sete aulas, na maioria das escolas temporizadas em 50 minutos cada uma, e, também, ter prazo mínimo de 15 dias para entrega por parte do aluno.
- Nesse tempo – reforçemos, mínimo – o aluno deverá servir-se de pesquisas, orientações com o professor, leituras e outras ações que porventura lhe forem necessárias, para que assim possa redigir sua produção textual.
- As possibilidades de entrega da atividade deverão ser claramente delimitadas pelo docente diante dos alunos. A proposta aqui elucidada percorrerá a entrega por meios virtuais, já que as produções textuais também serão realizadas em sites e/ou aplicativos. Isso tem sido recorrente (em tempos de pandemia por conta da COVID-19) por programas como *Google Classroom*, *Microsoft Teams*, *Moodle*, *Edmodo* etc.

| <b>Tempo</b> | <b>Ação:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 50 min.      | <p><b>1ª aula –</b></p> <p>Em uma aula expositiva dialogada<sup>4</sup>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O professor apresenta aos alunos a História em Quadrinhos do Super-Homem, de 1938, a primeira HQ, que dá os passos iniciais à chamada <i>Era de Ouro</i> dos Quadrinhos. Indicamos, a seguir, as referências da HQ e também o link em que é possível encontra-la na internet: SUPERMAN. Burbank, CA, Estados Unidos: DC Comics. Nº 01, 1938. Disponível em: &lt; <a href="https://aminoapps.com/c/marvel-e-dc-amino/page/blog/primeira-hq-do-superman/lXGd_ngzCugQ1GvWdMBXD8rwGr_ggoZvonM">https://aminoapps.com/c/marvel-e-dc-amino/page/blog/primeira-hq-do-superman/lXGd_ngzCugQ1GvWdMBXD8rwGr_ggoZvonM</a> &gt;. Acesso em 26 de nov. 2021.</li> </ul> |

<sup>3</sup> O texto a seguir também será reproduzido mais adiante, mas adiantamos aqui em nota de rodapé para o caso de desejo de consulta por parte do leitor: “[...] na primeira série do ensino médio, é preferível que os textos tenham índices de suporte gráfico e semântico – desenhos, tabelas, mapas, gráficos, título, diálogos, subtítulos, itens – para auxiliar os alunos na sua compreensão. Também textos narrativos são uma boa escolha nessa fase, além de notícias curtas de jornais e revistas, charges e quadrinhos, instruções simples de manuais”. (PCN+, 2002, p. 113)

<sup>4</sup> Para a perspectiva de Aula expositiva dialogada, recomendamos a leitura do artigo “A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana”, de Camila Lima Coimbra. O texto está disponível no link: < [http://200.145.6.217/proceedings\\_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6495.pdf](http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6495.pdf) >.

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O professor deve avisar que as seis (6) próximas aulas servirão para que os alunos criem um super-herói em quadrinhos. Além disso, é preciso dizer que o seu super-herói terá a missão de combater problemas sociais (sugestão: relacionar à epidemia e à quarentena da COVID-19);</li> <li>• Solicitar aos estudantes que façam uma Leitura Silenciosa do texto;</li> <li>• Discussão sobre a interpretação do texto: enredo, perfil do super-herói e suas características, estratégia do design dos quadrinhos e dos valores éticos inscritos na narrativa;</li> <li>• Exposição dos passos da jornada do herói, de Campbell (1990), explicada mais pontualmente por Vogler (1998). Essa aula deve ser preenchida de um quadro estratégico com os 12 passos que o pensador estabelece como a jornada a ser cumprida pelo herói.</li> <li>• Exemplificar os passos a partir de filmes de grande sucesso do cinema, a exemplo do próprio Super-Homem, “O homem de aço” (2013, DC Comics &amp; Warner Bros Pictures) - já comentado aqui -, ou do último Vingadores (2019, Marvel), que fecha o ciclo da trajetória heroica de modo subversivo, através das ações de Thanos, o vilão.</li> <li>• Os alunos vão reconhecer a jornada do herói nas histórias que leram, sejam elas filmes, romances, gibis, quadrinhos etc. É válido que os estudantes tomem nota dos passos do herói.</li> <li>• Tarefa: após os debates, os estudantes são divididos em dois grupos. O primeiro será encarregado de apresentar, na próxima aula, revistas físicas em quadrinhos; O segundo grupo trará revistas virtuais, em PDF, que devem ser enviadas ao professor, para que ele as apresente no projetor no próximo encontro.</li> </ul> <p>RECURSOS: Conexão wi-fi, notebook, quadro negro ou projetor, com funcionalidade exequível para a projeção de slides.</p> |
| 50 min. | <p><b>2ª aula –</b></p> <p>Aula expositiva dialogada:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Esta aula conta com material trazido pelo próprio aluno, portanto, sugerimos que o professor também traga revistas em quadrinhos, em formato físico e/ou virtual, para o caso de alguns alunos que não cumpram com essa solicitação.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O docente, a partir da divisão realizada na aula anterior, solicita que os dois grupos das revistas em quadrinhos virtuais e/ou presenciais apresentem, alternadamente, pelo menos, 3 revistas e as análises da trajetória do herói, de forma que todos se envolvam.</li> <li>• A apresentação vai incluir, por meio da estimulação do professor, comentários críticos dos alunos acerca de: problemas sociais combatidos, aspectos composicionais do design gráfico dos quadrinhos, estilo da linguagem, qualidade do enredo e atitudes heroicas do personagem.</li> <li>• Iniciar os procedimentos para as Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem<sup>5</sup>, levando o aluno a raciocinar sobre pontos importantes de seu conhecimento para aprimorá-los futuramente. As discussões visam, sobretudo, o alinhamento temático de cada uma das obras e, enfaticamente, o cumprimento da jornada do herói em prol da solução ou da intervenção em um problema.</li> <li>• Tarefa: Propor aos alunos que leiam as duas HQ indicadas a seguir:<br/>01 - “Homem Aranha”, de 1962 (MARVEL COMICS, 1962. HQ disponível em: <a href="https://downloaddehqs.blogspot.com/2020/05/primeira-aparicao-do-homem-aranha-1962.html">https://downloaddehqs.blogspot.com/2020/05/primeira-aparicao-do-homem-aranha-1962.html</a>);<br/>02 - “Os vingadores”, de 1970, edição de número 72. (MARVEL COMICS, 1970. HQ disponível em: <a href="https://downloaddehqs.blogspot.com/2019/12/os-vingadores-v1-1970-1971-marvel.html">https://downloaddehqs.blogspot.com/2019/12/os-vingadores-v1-1970-1971-marvel.html</a>)</li> <li>• Recomendar que estabeleçam comparação em relação aos super-heróis com seu contexto e também quanto às técnicas de design utilizadas.</li> <li>• Indicamos, conforme a via histórica, uma HQ para a aula inicial pertencente à Era de Ouro, e agora propusemos uma narrativa da Era de Prata e outra da Era de Bronze. Isso é importante para que o aluno entenda a arqueologia produtiva, dialógica e sociocultural do gênero enquanto âmbito de enunciação.</li> </ul> |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

<sup>5</sup> Recomendamos a leitura do texto de José Moran “Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda”. Para esclarecimento mais direto e objetivo, separamos um trecho em que o pesquisador esclarece o que é Metodologia Ativa de Ensino Aprendizagem: “[...] As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. As metodologias ativas são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências socioemocionais e em novas práticas [...]” (Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/>).

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|         | <p>RECURSOS: Conexão wi-fi, notebook, quadro negro ou projetor, com funcionalidade exequível para a projeção de slides.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 50 min. | <p><b>3ª aula –</b></p> <p>Em uma aula expositiva dialogada:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O professor debate com os alunos os dois textos (“Homem Aranha”, de 1962 (MARVEL COMICS, 1962. HQ disponível em: <a href="https://downloaddehqs.blogspot.com/2020/05/primeira-aparicao-do-homem-aranha-1962.html">https://downloaddehqs.blogspot.com/2020/05/primeira-aparicao-do-homem-aranha-1962.html</a>) e “Os vingadores”, de 1970, edição de número 72. (MARVEL COMICS, 1970. HQ disponível em: <a href="https://downloaddehqs.blogspot.com/2019/12/os-vingadores-v1-1970-1971-marvel.html">https://downloaddehqs.blogspot.com/2019/12/os-vingadores-v1-1970-1971-marvel.html</a>) em um processo comparativo, mostrando os aspectos de dialogismo que se pode perceber nas duas obras.</li> <li>• O debate inclui perspectivas sobre: a constituição do heroísmo das personagens, o trajeto temático, o estilo e a composição do design, os discursos ideológicos inscritos.</li> <li>• Estimular o aluno a propor comparações com filmes e/ou séries, como The Flash (2014), Arrow (2012) e Supergirl (2015), disponíveis na plataforma de streaming Netflix.</li> <li>• Levar o discente a comparar as técnicas composicionais dos designs nos HQ e na mídia cinematográfica.</li> <li>• Tarefa: Propor ao aluno que elenque, pelo menos, três problemas sociais que poderiam ser enfrentados pelo super-herói que está criando e suponha possibilidades de ações narrativas nesse combate. Esta tarefa será no gênero relatório e deverá ser redigida em, no mínimo, três parágrafos, com previsão de entrega para o início da aula seguinte.</li> </ul> <p>RECURSOS: Conexão wi-fi, notebook, quadro negro ou projetor, com funcionalidade exequível para a projeção de slides.</p> |
| 50 min. | <p><b>4ª aula –</b></p> <p>Aula expositiva dialogada:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O professor recolhe os relatórios dos alunos, para correções. Para o docente, o trabalho deve percorrer a possibilidade de enxergar como os estudantes</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>percebem os problemas sociais com os quais convive, e como prevê as ações do super-herói que está criando. Caso isso não tenha sido feito a contento, o professor deve direcionar comentários para alinhar esses aspectos com os discentes. Isso deve ser feito porque todo e qualquer processo de atividade escolar precisa ter bem estabelecido seu ponto conclusivo e a avaliação é o caminho mais válido para tal<sup>6</sup>.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O professor pede aos alunos que, em duplas, reflitam sobre a pergunta: <i>“Por que a sociedade humana precisa de super-heróis?”</i>. O direcionamento de atividade em pares<sup>7</sup> é também uma Metodologia Ativa de Ensino-Aprendizagem que objetiva a interação a princípio entre dois estudantes e sequencialmente com o grupo. A resposta deverá ser dada em até 10 minutos.</li> <li>• Cada dupla apresentará a resposta e o professor coordenará o debate, realçando os aspectos positivos e estimulando novas ideias. A discussão deve começar por uma dupla e ser sequenciada por outra, até que gire pela sala como um todo. Os rumos da discussão certamente passarão pela identificação de que o super-herói existe porque também existem problemas sociais diversos, que devem ser combatidos por eles.</li> <li>• Abrir espaço para a natureza dos problemas que devem ser “enfrentados” pelos super-heróis. Em geral, os alunos falarão de problema social sem explicar o que vem a ser um problema social de fato ou darão sentido vago às dissidências em suas respostas. O professor, atento a isso, deve ir ponderando quanto à direção das discussões.</li> </ul> |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

<sup>6</sup> Segundo Castellar (2016, p. 105): [...] A avaliação na proposta das metodologias ativas é compreendida também como parte essencial do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação não está dissociada da proposta didática e curricular do professor, e, portanto, deverá ser levada em consideração para diagnosticar o que ocorre pedagogicamente com os alunos. Nessa perspectiva, também é importante considerar as cinco questões básicas para uma avaliação com base diagnóstica: O quê? Quem? Por quê? Como? Para quê? [...].

<sup>7</sup> A aprendizagem entre pares (ou times), também conhecida como peer instruction ou team based learning, é uma metodologia ativa que incentiva o debate e a reflexão em conjunto. Para isso, a turma de alunos é dividida entre pares ou grupos com o objetivo de gerar a troca de ideias sobre o conteúdo estudado. Desse modo, o aprendizado é formado conjuntamente, o que incentiva o desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de argumentação dos alunos. A aprendizagem entre pares surgiu em 1990, na Universidade de Harvard, situada nos Estados Unidos. A metodologia foi desenvolvida por Eric Mazur, professor de Física da instituição, que notou a necessidade de rever o modelo de aula baseado em palestras e incentivar a participação dos estudantes. Segundo Paulo Freire, notável educador brasileiro com grande relevância para a pedagogia, “o importante é que a fala seja tomada como um desafio a ser desvendado, e nunca como um canal de transferência de conhecimento”. Assim, temos que é necessário repensar o tradicional modelo expositivo de aulas, em que somente o professor fala. A participação dos alunos de forma ativa é fundamental para que o aprendizado se consolide. (Disponível em: <https://blog.saraivaeducacao.com.br/aprendizagem-entre-pares/>)

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• A título de exemplificação, apresentamos a seguir alguns tipos clássicos de problemas que podem ser enfrentados pelos super-heróis:             <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Problemas ambientais, que colocam o destino do planeta e da espécie humana em risco, casos do Super-Homem, da Mulher-Maravilha, dos Vingadores, etc.</li> <li>b) Problemas socioeconômicos estruturais, como corrupção e desvios econômicos em larga escala;</li> <li>c) Assaltos ou violência doméstica, casos de Batman e Venom, por exemplo.</li> <li>d) Crises e convulsões sociais decorrentes de fatores políticos e geopolíticos, como fome e imigração.</li> <li>d) Catástrofes e desastres naturais que colocam pessoas em risco, como terremotos, tufões, enchentes, etc.</li> <li>e) Acidentes e desastres causados por fatores humanos, como batida de carro, queda de ponte, incêndio etc.</li> </ul> </li> <li>• Tarefa: Cada aluno vai delinear seu personagem super-herói. Nome de herói e nome de disfarce, descrição física, capacidades extraordinárias ou não, que problema vai enfrentar e trajetória desse herói, para expor oralmente em trabalho com pares.</li> </ul> <p>RECURSOS: Conexão wi-fi, notebook, quadro negro ou projetor, com funcionalidade exequível para a projeção de slides + Folhas do Caderno ou Folha com pauta, para a produção dos relatórios.</p> |
| 50 min. | <p><b>5ª aula –</b></p> <p>Aula expositiva dialogada:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 minutos iniciais: O professor devolve os relatórios dos alunos com as correções e tece comentários gerais sobre o que ficou bom e o que pode melhorar nos trabalhos.</li> <li>• O professor divide a turma em, no mínimo, 5 grupos. Cada aluno mostra, em seu grupo, os planos acerca do super-herói criado e as possibilidades de conflitos a se enfrentar, além de mostrar como será a trajetória da personagem.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• 40 minutos: A atividade ocorre pela metodologia ativa de Aprendizagem Baseada em Problemas<sup>8</sup>. As etapas dessa aula ocorrem conforme se descreve a seguir:</li> </ul> <p><b>1ª fase</b> (recomenda-se 20 minutos): Apresentação do aluno no grupo, formulação de hipóteses para problemas, solicitação de dados adicionais, identificação de temas. Estudos são independentes em cada grupo, o que significa que não deve haver interferência ou auxílio do professor, que deve apenas supervisionar.</p> <p><b>2ª fase</b> (recomenda-se 10 minutos): O professor coordena a apresentação que deverá conter a retomada dos problemas sociais suscitados, visando aplicabilidade na vida real, crítica e aplicação das novas informações. Avaliação do professor.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tarefa: Pedir que escrevam um <b>roteiro prévio</b> das ações que o seu super-herói faria para enfrentar as desavenças sociais. Lembremos que os estudantes têm um arcabouço teórico-prático de problemas levantado nas aulas anteriores. É importante lembrar, ainda, que esse roteiro deve ser pensado de modo que depois tudo seja representado em imagens, em formato exigido pelo gênero história em quadrinhos.</li> </ul> <p>RECURSOS: Conexão wi-fi, notebook, quadro negro ou projetor, com funcionalidade exequível para a projeção de slides.</p> |
| 50 min. | <p><b>6ª aula –</b></p> <p>Aula expositiva dialogada</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O professor apresentar a proposta de criação de um super-herói em quadrinhos que tenha a missão de combater problemas (sugestão: relacionar à epidemia e à quarentena da COVID-19). Reflitamos que essa é uma proposta política bastante delicada, o que exige que o professor tenha bastante cuidado na avaliação da opinião dos alunos.</li> <li>• Explicar ao aluno que</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

<sup>8</sup> A PBL tem como base de inspiração os princípios da escola ativa, do método científico, de um ensino integrado e integrador dos conteúdos, dos ciclos de estudo e das diferentes áreas envolvidas, em que os alunos aprendem a aprender e se preparam para resolver problemas relativos às suas futuras profissões. A Aprendizagem Baseada em Problemas PBL mais ampla propõe uma matriz não disciplinar ou transdisciplinar, organizada por temas, competências e problemas diferentes, em níveis de complexidade crescentes, que os estudantes deverão compreender e equacionar com atividades em grupo e individuais. Cada um dos temas de estudo é transformado em um problema a ser discutido em um grupo tutorial que funciona como apoio para os estudos. (Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias\\_moran1.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf))

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Cada um de nós tem seus valores e discursos e que os valores ideológicos devem apoiar-se nos Direitos Humanos. Essa proposta de atividade não deve reforçar um imaginário despolitizado, tampouco fundamentar individualismo. Nesse ponto, é preciso dar liberdade ao estudante, para que ele mesmo selecione os problemas, afinal o que um enxerga como problema pode não ser visto como dissidência por outro;</li> <li>○ Como docentes, avaliamos a consciência dos alunos acerca do que eles percebem como problemas sociais, ponderando se suas visões problemáticas se voltam para o mais próximo deles ou se eles conseguem uma postura holística e expansiva quanto à nação como um todo;</li> <li>○ Os heróis podem lutar contra problemas sociais e políticos crônicos, mas sua atuação não opera milagres, sobretudo com resoluções mágicas, fantásticas.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Apresentação de slides:</i> Expor aos estudantes as estratégias mais interessantes de design de quadrinhos e os inúmeros aplicativos on-line para construção das histórias. Dentre eles, é possível citarmos: <i>Canva</i> (<a href="https://www.canva.com/pt_br/">https://www.canva.com/pt_br/</a>), <i>Toondoo</i> (<a href="https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/toondoo.html">https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/toondoo.html</a>), <i>Pixton</i> (<a href="https://www.pixton.com/">https://www.pixton.com/</a>), <i>Marvel Kids</i> (<a href="https://www.marvelhq.com/">https://www.marvelhq.com/</a>) e <i>Strip Creator</i> (<a href="http://www.stripcreator.com/">http://www.stripcreator.com/</a>). Todos os aplicativos têm versões gratuitas e os recursos são, em maioria, bastante similares. Diante disso, o professor não deve explicar muito em relação ao uso das ferramentas dos aplicativos, para que o próprio aluno exerça a procura e consiga, com sua bagagem leitora e interpretativa, isto é, a partir de seus letramentos pessoais, digitais e escolares, encontrar os instrumentos que precisa para contar sua história.</li> <li>• Apresentar aos estudantes os <i>critérios de correção</i> da história em quadrinhos, que será avaliada com nota máxima em até 10 pontos: <ul style="list-style-type: none"> <li>01 – Desenvolvimento temático, progressão, linha narrativa e criatividade (2,0 pontos);</li> </ul> </li> </ul> |
|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|         | <p>02 – Gênero narrativo: Apresentação do super-herói, progressão das cenas, qualidade dos diálogos, desenvolvimento da trajetória da personagem (3,0 pontos);</p> <p>03- Discussão Crítica dos Problemas do Brasil, modalidades de combate e soluções propostas (2,0 pontos);</p> <p>04- Elaboração Técnica do design da história em quadrinhos: arte e acabamento, cortes, planos gerais e closes, ganchos de suspense (3,0 pontos).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tarefa: Produção da narrativa em quadrinhos e entregar em 15 dias, em forma PDF ou WORD, por aplicativo virtual.</li> </ul> <p>RECURSOS: Conexão wi-fi, notebook, quadro negro ou projetor, com funcionalidade exequível para a projeção de slides.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 50 min. | <p><b>7ª aula –</b></p> <p>Apresentação dos textos em sala ou on-line:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em aula presencial, com trabalhos impressos (não precisa ser a cores): O professor organiza a sala em 5 pontos estratégicos. Em cada um, disponibiliza uma quantidade de mais ou menos 3 ou 4 das histórias em quadrinhos produzidas, preferencialmente separadas pelo problema social retratado. Isso significa que seria interessante que, em certa mesa, ficassem problemas como a violência, em outra os desastres naturais e assim se segue conforme as produções possibilitem. A ideia é fazer a leitura por meio da metodologia de ensino-aprendizagem Rotação por Estações<sup>9</sup>, que aqui deve preencher a aula com a leitura dos alunos. Os alunos vão livremente passando, lendo e comentando as histórias.</li> <li>• Em aula não-presencial online: Os alunos postam suas narrativas em um Fórum digital. As histórias em quadrinhos são lidas pelos demais estudantes, que devem deixar comentários escritos.</li> </ul> |

<sup>9</sup> A Rotação por Estações de Aprendizagem consiste em criar uma espécie de circuito dentro da sala de aula. Cada uma das estações deve propor uma atividade diferente sobre o mesmo tema central - ao menos uma das paradas deve incluir tecnologia digital. A ideia é que os estudantes, divididos em pequenos grupos de 4 ou 5 pessoas, façam um rodízio pelos diversos pontos. É importante ressaltar que o trabalho em cada estação deve ser independente das outras. Ou seja, precisa ter começo, meio e fim, sem exigir um exercício prévio para sua compreensão. Por quê? Como cada grupo vai começar em uma estação diferente e circular a partir dela, é preciso que os grupos sejam capazes de resolver cada desafio isoladamente. (Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3352/blog-aula-diferente-rotacao-estacoes-de-aprendizagem>)

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao final, tanto em aula presencial quanto em formato on-line, os próprios alunos votam e elegem as quatro melhores histórias, seguindo os critérios de correção apresentados a eles na aula 06.</li> <li>• O professor parabeniza e estimula os alunos.</li> </ul> <p>RECURSOS: Conexão wi-fi, notebook, quadro negro ou projetor, com funcionalidade exequível para a projeção de slides + Mesas ou carteiras para as divisões dos pontos de distribuição das HQ por estações.</p> |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Abaixo, discutimos pontos estratégicos das aulas 01 e 06, pois nelas o professor necessita valer-se da aula expositiva-dialogada para fundamentar conteúdos essenciais ao andamento da proposta didático-metodológica sugerida. Consideramos que esses dois momentos são muito importantes, e por isso resolvemos discuti-los de modo mais pontual que os demais, cujos passos indicados na tabela acima já expressam nossas intenções.

Após a explanação dos passos básicos da produção textual, devemos nos desdobrar sobre os detalhamentos relativos aos objetivos, à metodologia e às implicações dessa sugestão com o parâmetro formativo que se tem compreendido como adequado para o ENEM.

#### 4.1.1 Discutindo os passos da aplicação da proposta na 1ª aula

A respeito do passo 01 - **1ª aula** - Em uma aula expositiva dialogada, o professor atuante deve apresentar o texto em HQ do Super Homem – o primeiro, de 1938 - aos estudantes e introduzir o conceito do Monomito. É plausível que isso seja feito por meio de slides, por conteúdo impresso ou por esquemas no quadro. Essa definição deve estar de acordo com as possibilidades da instituição, que pode ou não oferecer estrutura para a exposição. Em qualquer uma das condições, é válido que o professor explique a constituição do herói, dos designs e dos doze passos da jornada do herói, conforme descreve Vogler (1998), a partir dos estudos ampliados de Campbell (1990).

A primeira fala deve ser bastante pontual quanto à jornada do herói, relacionando a abordagem a situações compreendidas pelos alunos nos quadrinhos. Para que isso se efetive, o docente precisa explicar a trajetória heroica seguida ou conjuntamente à aplicação desse entendimento à trama em quadrinhos apresentada ou à narrativa cinematográfica. Os alunos precisam perceber a aliança entre a dimensão teórica – o Monomito – e a prática – a aplicabilidade do Monomito, da jornada do herói, em uma trama. É importante que os estudantes tenham espaço de fala, para que assim possam viabilizar interações entre eles e reconhecer a jornada do herói nos textos que leram ao longo de sua vida. Isso serve como

subsídio para que o professor já avalie seus conhecimentos filosóficos e literários a respeito da importância das narrativas para a humanidade, além de traçar também um panorama quanto ao que o aluno já tem conhecimento e que traz para a sala de aula.

Para que o professor empregue as relações entre a jornada do herói e os acontecimentos de uma narrativa, sugerimos o trabalho com as HQ do Superman<sup>10</sup>. Segundo Vogler (1998), os passos do herói são doze (12), conforme indicaremos e analisaremos a seguir. Tomamos como exemplo a versão cinematográfica do Super Homem de 2013, distribuída pela Warner Bros Pictures. Vejamos:

- 01 – O início da narrativa é marcado pela introdução do leitor/ espectador no **mundo comum** do herói – no filme do Superman de 2013, vemos isso quando ele está inserido na rotina do jornal em que trabalha, lá é onde estabelece as relações de amizade e onde também encontra seu grande amor, Louis Lane.
- 02 - Ocorre o **chamado para a aventura**, quando o herói é direcionado efetivamente ao objetivo – no filme do Superman (2013), isso acontece quando ele toma conhecimento, seja por notícia impressa, por rádio, tv ou internet, dos acontecimentos negativos à sociedade, sob o comando direto ou indireto de seus principais inimigos, Lex Luthor, por exemplo.
- 03 - **Recusa ao Chamado**, momento em que o personagem heroico se incomoda com a operação que lhe foi proposta e se considera receoso, amedrontado, incapaz de alcançar os efeitos positivos que dele se espera – no filme do Superman que estamos avaliando, isso ocorre nas ocasiões em que sente medo pela sua família, por seus pais adotivos, ou por Louis Lane, e ainda, pelas demais pessoas com quem convive, o que o faz repensar e amadurecer psicologicamente quanto ao seu papel em sociedade.
- 04 - O **encontro com uma figura mentora**, situação em que o herói é aconselhado sobre os acontecimentos vindouros, instruído à paciência na execução de seus atos e à compreensão da grandiosidade de suas próximas ações – no filme do Superman supramencionado, isso ocorre quando o pai adotivo de Clark Kent, nome terreno do super-herói, o instrui sobre como lidar com a perseguição das pessoas na escola, no trabalho, na vida. “Vai ter que decidir que tipo de homem você quer ser, Clark, porque o que quer que você decida, isso vai mudar o mundo”, diz seu pai na maioria dos quadrinhos. O Superman também é constantemente direcionado a uma nave batidora

---

<sup>10</sup> Também sugerimos que o professor leia os trechos mais importantes do livro “Apocalípticos e Integrados”, de Umberto Eco. Disponível em PDF em: <https://meupdf.com/Apocalipticos-e-Integrados-Umberto-Eco-rtf-l2/>

enviada à Terra por seu pai biológico, onde encontra um holograma com a consciência de Jor-El, que se comunica com ele e avisa sobre os prováveis perigos que enfrentará.

- 05 - A **travessia do primeiro limite**, quando o herói se externaliza ao mundo comum e se encontra em direção ao mundo divino, espiritual, ou ainda, extraordinário, onde enfrentará perigos e precisará desdobrar-se em ações honrosas e grandiosas – no filme do Superman supracitado, esse instante circunda o rumo que ele toma em direção à busca pelo entendimento das ações dos vilões, capitaneados por Lex Luthor ou por indivíduos outros vindos também de Crípton, que misteriosamente conseguiram escapar antes da explosão do planeta. Naturalmente, esses encontros são marcados por diálogos que externalizam, da parte daqueles de má índole, os seus objetivos nocivos à humanidade.
- 06 - Na sexta etapa da jornada, o herói passa por **provações**, seguidas de encontros com **aliados e inimigos**. Diante das provas que precisa enfrentar, o herói situa-se em tensão, que é direcionada também ao leitor/ expectador. Aqui, ele ainda identifica com quem poderá contar ao longo de sua trajetória, além de ponderar com mais clareza sobre quem são os seus inimigos, se eles agem por conta própria, se estão a serviço de outro ser e o que suas ações demonstram. No filme do Superman de 2013, a identificação e agremiação dos aliados são marcadas por um acontecimento bastante pontual, a Liga da Justiça, quando o líder, o maior dos heróis, une todos os demais super-heróis, em prol de um projeto de salvação e proteção à humanidade. Assim, cada um a seu modo, reúne forças e estratégias profícuas contra seus vilões e expressam valores como a “união faz a força” e a importância do planejamento em prol do bem maior da humanidade: a vida.
- 07 - Na sétima fase, o herói se **aproxima** da consolidação **do** seu **projeto**. Aqui, ele questiona sua jornada e constantemente tende a buscar retorno ao mundo comum, indagando-se sobre ter ou não realizado a escolha adequada quanto ao lançamento dessa trajetória. Na versão cinematográfica do Superman de 2013, isso ocorre nas passagens em que, da fazenda de seus pais, ou de seu apartamento ladeado de outros prédios, ele pensa e repensa sobre a vida que tem e sobre os planos de continuidade em relação àquilo que se viu apresentado.
- 08 - Renovado de suas perspectivas e imbuído de uma conduta esperançosa, o herói segue em direção à **provação**, a oitava etapa, quando aprofunda seus questionamentos porque se vê diante de acontecimentos extremamente negativos, momento em que a maioria das ações fracassa e o herói se vislumbra incapaz da provação a que se viu

submetido. O oitavo passo é muito importante para a compreensão de que nem tudo flui como gostaríamos, na vida, mas se tivermos um objetivo maior, claro e concreto, certamente alcançaremos algo maior e melhor até do que havíamos previsto. Na adaptação fílmica do Superman de 2013, isso ocorre quando Zord lança no super-herói a criptonita, objeto que lhe retira as forças, ou frente aos impedimentos da concretização de seus planos por ações traiçoeiras, torpes, que lhe condicionam ao fracasso, como o ataque de Lex Luthor.

- 09 - No nono passo, o herói, seja por sua habilidade extraordinária, seja por sua conduta honrosa, vence o vilão, é a fase da **Recompensa**, quando a figura protagônica consegue sucesso em seus planos de intervenção aos atos vilanescos e agora, amadurecido psicológica e até fisicamente, está mais seguro e convicto de sua transformação e de seu papel social. Na maioria das narrativas, esse ‘vencimento’ ao vilão não é definitivo, mas temporário. Na narrativa cinematográfica do Superman de 2013, o nono acontecimento está vinculado à derrota a Lex Luthor e à expulsão dos demais criptonianos da Terra, para e pelo bem maior da humanidade.
- 10 - O décimo passo é o **retorno**, quando o herói, já distante da marginalidade social, passa a ser reconhecido por suas ações que tanto o enobreceram. Nesse momento, ele está iniciando o fechamento do ciclo narrativo de sua jornada, saindo do mundo extraordinário e retornando ao comum. Com o Superman de 2013, isso se atrela a entrevistas para o jornal diário ou a aparições e encontros com os populares.
- 11 - No décimo primeiro momento, ocorre a **ressurreição** do herói, uma vez que, como ventilado na nona etapa, o vilão pode não ter sido derrotado totalmente e, logicamente, arquitetou um plano de retorno e ataque ainda mais retumbante e cruel. No entanto, o herói, já amadurecido por conta da provação anterior, age ainda com mais destreza e sabedoria e o derrota, em sua batalha mais fulcral, de vez. É importante lembrar aqui que o herói não mata, pois ele precisa vencer pelo exemplo. Quando um herói comete assassinato, o faz diante dessa realidade como única saída. No Superman de 2013, por exemplo, o super-herói envia Lex Luthor a prisões de segurança máxima, não o mata. Ainda no Superman – quadrinhos e cinema -, houve a necessidade de morte do vilão Zord por parte do super-herói, porque ele ameaçava os humanos, dentro de uma galeria de arte. Sendo assim, reverberemos: o herói só mataria em condição muito específica, porque essa ação o deslocaria da condição de herói para a de anti-herói ou vilão.

- 12 - No décimo segundo momento, o último da jornada do Monomito, o herói retorna **transformado psicológica e fisicamente** ao seu lar, ao seu mundo comum, onde reencontra os seus familiares e amigos. Essa transformação é constantemente reconhecida como um **elixir**, isto é, um aprendizado ou produto que mudará por completo o mundo dali em diante. No filme do Superman de 2013, o super-herói destrói um satélite colocado pelo governo para vigia-lo diante de policiais, e exige que não seja perseguido, pois estará preocupado em proteger a Terra ao máximo dos perigos possíveis.

A explicação dos doze passos do herói deve ser dada aos alunos, seja por meio de imagens nos slides, seja por quadrinhos, levados à sala de aula para essa explanação. É importante que os alunos reconheçam que algumas etapas de suas vidas e das pessoas que conhecem também podem ser representadas pela jornada do herói. O professor vai enfatizar a relação entre vida e literatura e conceber a visão de Campbell (1990), de que o herói é colhido no cotidiano, em ações que lhe viabilizam brilho social. Além disso, o professor também precisa estimular a leitura dos quadrinhos entre os alunos, para valorizar aqueles que já tenham esse hábito e também possibilitar que mais estudantes se lancem a essa empreitada. O incentivo à leitura deve ocorrer frequentemente.

#### 4.1.2 Discutindo os passos da aplicação da proposta na 6ª aula

Na **6ª aula**, os estudantes devem ser oportunizados à compreensão da relevância das histórias em quadrinhos para a humanidade. O docente deve reforçar os valores filosóficos e literários das obras e ponderar quanto aos planos de ação social positivos que elas podem promover. É importante, ainda, discutir com os estudantes sobre as histórias em quadrinhos mais recorrentes mundo afora e avaliar como elas impactam ou refletem pensamentos das sociedades. Mais importante, ainda, é organizar com os estudantes que tragam revistas em quadrinhos mais recentes que eles mesmos tenham lido ou que pretendam ler. Esse material, quando não de parte do aluno, pode ser colhido nas bibliotecas setoriais, da escola, ou da comunidade, além dos ambientes virtuais. Os estudantes serão orientados a reconhecer os passos da jornada do Monomito nos quadrinhos e anotá-los, estruturando um esquema de reconhecimento às compreensões de Campbell (1990) e Vogler (1998).

O docente reforçará os alunos de que modo os conceitos de herói, quando vislumbrados nos enredos das tramas em quadrinhos, conseguem produzir efeitos e relações com a vida real. Além disso, também avaliará se isso vai despertar mais ou menos o envolvimento do estudante

na produção textual escolar. Reforcemos nossa problematização: o conhecimento literário e filosófico dos conceitos de herói contribui para o conhecimento mais aprofundado do aluno sobre narrativas. Além disso, é relevante que o professor julgue o trabalho com as histórias de heróis em quadrinhos em comparação entre texto físico e digital. Os estudantes buscam diagnosticar as principais viabilidades técnicas quanto ao design, ao formato dos balões, dos cortes cinematográficos, da linguagem, das cores, da maneira como cada elemento ou personagem foi colocado em cena. É preciso que os discentes entendam o hibridismo das circularidades linguísticas e que, acima de tudo, identifiquem nuances temáticas eficientes e devidamente relacionadas com acontecimentos reais.

Em sequência, faz-se extremamente relevante que os estudantes listem os problemas que o super-herói resolveu durante o trilhar de sua caminhada. Aqui, o aluno vai compreender que o super-herói busca a solução ou, pelo menos, a intervenção imediata possível para a dissolução de uma dissidência gregária, ou seja, social.

No segundo momento dessa sexta aula, dentro do que prevemos, os últimos 20 minutos, é válido que o professor apresente aos estudantes o seguinte enunciado: “Você, estudante da primeira série do ensino médio, vai criar um herói em quadrinhos e desenvolver uma narrativa sobre ele. No enredo, seu objetivo máximo será fazer com que o herói enfrente os problemas mais emergentes pelos quais passa a sociedade brasileira, pode ser, inclusive, com relação às dificuldades enfrentadas pela COVID-19. Os problemas sociais serão levantados dentro do que o autor-aluno julgue mais importante quanto à intervenção. O herói e sua narrativa serão desenvolvidos em plataforma virtual, aplicativos on-line e entregues em XX/XX/XXXX (o professor deve inserir dia, mês e ano), por meio da plataforma de recebimento de atividades XXXX (o professor deve inserir o aplicativo que a escola trabalha)”.

A atividade do herói (super-herói) não será apresentada como via política salvadora unívoca e tampouco vai responsabilizar um único agente pela dissolução do quadro problemático. Como já mencionamos outrora, esse tipo de representação da atividade política está na base do imaginário brasileiro. Infelizmente, essa percepção fortalece a crença/confiança na ação de heróis e super-heróis políticos, em detrimento da participação social e do desenvolvimento da sociedade civil. Isso significa que, como professores, ao estruturarmos atividades dessa conjuntura, vamos cuidar para que a percepção de nossos estudantes não sejam a de agravamento ainda maior da situação problemática em que a sociedade brasileira se encontra.

Lembremos que o herói, em nossa atividade estrategicamente o super-herói, atuará e um espaço possivelmente não ocupado pelas instituições sociais. Basta lembrar os exemplos

clássicos, como Batman, Super-Homem e Homem-Aranha, que são super-heróis convocados à ação sobretudo em circunstâncias em que uma sociedade esteja em crise ou desajuste social, quando o espaço em que deles se necessita esteja imerso em problemas graves de desigualdade e violência. Por isso, julgamos interessante pensar nossa proposta de intervenção objetivamente promovendo a participação social e o fortalecimento da sociedade civil.

Rememoremos, ainda, que a sociedade brasileira ainda tem, em sua base, uma formação autoritária considerável. Tal dimensão se manifesta constantemente em práticas abusivas e violentas por parte da polícia, bem como também em práticas políticas autoritárias (golpistas) encampadas pelas elites financeiras, elites industriais, elites do agronegócio e forças armadas. Isso torna nosso terreno de produção perigoso e deve fazer com que, como professores, procuremos romper com esses parâmetros problemáticos.

Por conseguinte, vamos conversar com os estudantes sobre os aplicativos digitais que eles poderão utilizar para construir a narrativa. O primeiro que sugerimos é o Canva<sup>11</sup>, uma plataforma em que o aluno pode testar seus conhecimentos de design gráfico. De forma muito intuitiva, o Canva condiciona a chance de criação de gráficos midiáticos de diversas esferas, além de apresentações, de infográficos, de pôsteres etc. A plataforma permite que o usuário faça textos de linhagem autoral direta ou ainda que se valha de outros já produzidos pelos demais partícipes da comunidade. Sua arte introdutória designa no centro superior, “crie designs para tudo”. Uma outra sugestão é o trabalho com o Toondoo<sup>12</sup>, uma ferramenta, também virtual, especificamente voltada à produção de histórias em quadrinhos. É ainda mais recheada de recursos que o Canva, porque essa é estrategicamente direcionada a essa produção. No Toondoo, os estudantes têm mais possibilidades quanto à criação de personagens efetivamente personalizados, com escolhas possíveis de nariz, de boca, de expressões faciais, de roupas, bem como formatos de cabeça, tons de pele etc. Uma outra questão positiva é que o armazenamento da produção é direcionado a uma galeria especial, do próprio aluno, além dos recursos de *download*, que são muito práticos. No Toondoo, a linguagem dos quadrinhos é ainda mais técnica, permitindo ao produtor do texto mais opções de balões, de personagens, de cenários, de fundos e de objetos outros do mundo.

A próxima plataforma é a Pixton<sup>13</sup>, que também permite o trabalho com língua estrangeira, além da especificação para a qual a procuramos – criação de histórias em quadrinhos. Na Pixton, os estudantes podem fazer leituras em inglês, francês e espanhol. O

---

11 Aplicativo virtual disponível em: <<https://www.canva.com/>>.

12 Aplicativo virtual disponível em: <<https://www.baixaki.com.br/download/toondoo.htm>>.

13 Aplicativo virtual disponível em: <<https://www.pixton.com/>>.

aplicativo conta com uma versão paga, com mais recursos, e outra gratuita. Nele, as histórias em quadrinhos podem ser geradas de maneira muito intuitiva e também a partir de recursos que em nada se veem inferiores em relação às plataformas anteriores. Os quadrinhos gerados são de dimensão uniforme e há permissão de emprego de texto dentro dos quadrinhos e fora deles. Também, pela opção Storyboard, é possível produzir quadrinhos com títulos e descrições.

A Marvel Kids<sup>14</sup> oferece, similarmente, a criação de heróis em quadrinhos. A plataforma, em inglês, vai além, e disponibiliza também jogos, vídeos, leituras biográficas das personagens e histórias em quadrinhos, virtualmente, para os leitores. Seus recursos de criação de super-heróis são bastante próximos das projeções notadas em personagens da produtora, o que se percebe pela íntima relação com as cores, os formatos dos rostos e das caracterizações. Isso significa que o aluno terá poucas condições de criação efetivamente autoral dos desenhos, mas ainda poderá demonstrar toda a sua versatilidade enunciativa por meio da condução de seu enredo.

O Strip Creator<sup>15</sup> é uma plataforma que permite, além da criação de quadrinhos, também o compartilhamento direto e gratuito de suas histórias, sob uma espécie de fórum, de comunidade, em que os participantes podem interagir sobre os textos. De dimensão ainda mais intuitiva que as anteriores, tem a opção de ‘Fazer um quadrinho’ alocada no canto superior direito, que direciona o leitor digital a uma aba com três quadrinhos aleatórios. Logo abaixo deles, para cada um, há diversas opções de manuseio, que partem de categorias a personagens, que os alunos escolhem dentro de um campo já prévio, além dos modelos de balões, ‘pensei’ e ‘diálogo’, o primeiro com bolinhas e o segundo com uma seta indicativa de fala. O produtor da história em quadrinhos poderá, ainda, escolher os lados onde colocará suas personagens, além de moldar as características dos cenários de fundo e da narração. Ao fim, poderá salvar sua narrativa livremente em seu computador.

A apresentação dos aplicativos será feita de forma mínima, pois, como professores, compreendemos que os estudantes já têm um bom letramento digital para lidar com as plataformas e eles dialogam muito bem sobre esse assunto. Isso integra os nossos objetivos específicos, que percorrem a apresentação das características do gênero história em quadrinhos por meio de estratégias digitais, além da problematização acerca da forma como devemos atuar no trabalho com histórias em quadrinhos nos ambientes virtuais. Os estudantes reconhecerão as dimensões técnicas, valendo-se destes ou outros personagens, além da percepção própria de

---

14 Aplicativo virtual disponível em: <<https://www.marvelhq.com/create-your-own-super-hero>>.

15 Aplicativo virtual disponível em: <<http://www.stripcreator.com/make.php>>.

como se devem empregar os balões, como compor o cenário e, acima de tudo, como organizar o enredo de forma sequencial, lógica e inteligível.

No momento derradeiro dessa explanação do sexto dia, devemos explicar aos estudantes sobre a grade de elementos com os quais praticaremos a correção das histórias em quadrinhos que eles desenvolverão. No **primeiro critério**, empreenderemos nossa análise do texto pelo **Desenvolvimento temático**, que percorre a **Linha Narrativa** que se fundamenta para fazer a **progressão** do enredo. É preciso considerar aqui os elementos básicos da narratividade, que são o enredo, dimensionando personagens, tempo, espaço e, por vezes, narrador. Devemos avaliar se o estudante conseguiu apresentar sua narrativa de forma eficiente, organizando a trama de modo que o assunto buscado para trabalho temático – a intervenção quanto aos problemas sociais brasileiros – seja abordado.

No **primeiro** aspecto avaliativo, ainda, temos a **Criatividade**, o que significa que devemos considerar o texto a partir do que o estudante traz de novo em relação aos demais. O projeto criativo está constantemente atrelado ao novo, mas pode também ser a transformação de uma realidade já dada por um olhar cabalístico e original por parte do aluno. Nesse entendimento, definimos que os heróis servem para condicionar aos seres humanos as percepções filosóficas e literárias para as quais a vida deve convergir positivamente, então cobremos ângulo criativo a partir daí, do literário e do filosófico, afinal foi isso que demonstramos como subsídio discursivo aos estudantes desde a primeira aula expositiva-dialogada.

Todos esses critérios de análise circundam as abordagens relativas ao tratamento da **Temática** e corroboram para a **construção do gênero narrativo em HQ**. Nesse segundo momento da avaliação, incidiremos sobre a criticidade do aluno a respeito da intervenção apresentada e da forma como ele conduziu sua percepção acerca do que foi problematizado. Na **Apresentação do Herói**, é preciso avaliar o conhecimento prévio do estudante acerca dessa personagem e identificar se, no corpo de seu texto, existe a preocupação de inserção do leitor no mundo criado para aquela possibilidade enunciativa. É preciso notar se o leitor pôde compreender a perspectiva adotada pelo enunciador, se essa apresentação foi direta, indireta, se circulou aos poucos conforme o enredo progredia, por exemplo.

Em síntese, é importante que tentemos estabelecer de forma concisa a **trajetória** usada pela narrativa **para apresentar o super-herói**, a partir da **progressão** sequencial coesa **das cenas**. Isso, logicamente, está diretamente atrelado à **qualidade dos diálogos**, que precisam despertar interesse, reflexão, prospecção catártica. Lembremos que os estudantes não são ainda tão praticantes desse modal textual, então não nos esqueçamos que esse critério não pode ser

estabelecido sobre nuances subjetivas de nossa parte, afinal, enquanto docentes, certamente temos uma experiência leitora mais diversificada.

No **terceiro aspecto - Discussão Crítica dos Problemas do Brasil-**, avaliamos se os estudantes conseguiram ou não sintetizar problemáticas mais ou menos holísticas em relação à nação. Atentemos aqui ao fato de que muitos podem tentar situar-se sobre problemas que podem não ser aqueles que, como docentes, demos importância. Além disso, entre os próprios alunos, as dissidências devem variar muito. Lembremos que os acontecimentos mais próximos da ocasião de produção podem gerar mais ou menos interesse por certo tema, uma vez que os alunos poderão ser impactados por uma tragédia ocasional, por um assassinato, por uma injustiça de sua comunidade ou que envolva o país, de forma geral. Esse é um elemento importantíssimo de nossa proposta.

De fato, devem ser priorizados os problemas sociais identificados pelos próprios estudantes. Contudo, não nos esqueçamos de que é amplamente relevante avaliar se a percepção dos estudantes tem pertinência social e política. Estamos lidando com pessoas em formação estudantil, na primeira série do Ensino Médio, e obviamente existe a possibilidade de que os problemas identificados pelos estudantes resultem de um problema de formação social e política. Nesse caso, é preciso fazer uma abordagem sociológica e política mais aprofundada da situação brasileira, com vistas a fortalecer as instituições democráticas e republicanas.

No **quarto plano - Elaboração Técnica da história em quadrinhos -**, analisaremos se os alunos conseguiram extrair e trabalhar os recursos virtuais de forma eficiente, conduzindo os balões de diálogo, de pensamento, as expressões dos personagens, de forma objetiva e clara. Esse plano dará base para os demais critérios avaliativos, portanto, quanto à **Arte e ao Acabamento**, devemos incidir acerca da maneira como os recursos foram empregados, se com mais ou menos adereços, se vinculados mais às ferramentas mais básicas ou não. É preciso considerar também a forma como os quadrinhos transitam de uma ideia à outra, progredindo assertivamente ou não com vistas aos ganchos narrativos, isto é, com vistas à **composição das cenas**.

Nessa via avaliativa, devemos ter em mente o eixo que envolve a **Diagramação**, que é uma organização lógica das páginas e das folhas em que essas páginas serão programadas para impressão. Como nosso texto pode projetar impressão – o professor pode pretender exposição física ou virtual, em saraus, por exemplo -, nossa preocupação deve atuar sobre a **sequência da narrativa**, de forma que as páginas, no formato em que foram dispostas, nos auxiliem na compreensão da trama. Cabe ao docente avaliar os **cortes** realizados de quadrinho para quadrinho, além de analisar os **planos gerais e os closes**, sobretudo quanto à sua contribuição

para o enredo. As fontes empregadas e, logicamente, o texto como um todo, precisam complementar-se, sendo colocados em espaços estratégicos, para que isso tenha uma dimensão visual atrativa e eficiente. Por fim, avaliamos os **ganchos**, tanto como elementos construtores das aberturas a novas linhas dialogais quanto das intervenções sondadas pelos heróis, para que saibamos se as ações têm exequibilidade ou não dentro do universo que o aluno apresentou ao leitor.

## 4.2 OS OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS DA PRODUÇÃO DE UM HERÓI EM QUADRINHOS

O objetivo de um projeto é, logicamente, o estabelecimento de seu propósito. No caso do trabalho que sugerimos, pretendemos desenvolver competências e habilidades que aprimorem a escrita e a compreensão de mundo dos estudantes. Nessa senda, concordamos com Assis (2009), para quem

[...] os objetivos [...] indicam o que o autor pretende alcançar e as metas a serem atingidas [...]. Constituem-se em declarações claras e explícitas do que se pretende alcançar e devem ser formuladas relacionando-se com as questões de pesquisa, quase que uma formulação afirmativa daquilo que foi colocado em forma de pergunta. (ASSIS, 2009, p. 23)

Mediante a lógica dos objetivos, nosso projeto atua incisivamente sobre o ensino de língua portuguesa, porque tem, dentre outros propósitos específicos, o alinhamento do estudante com as demandas de comunicação que o mundo exige. Assim, o objetivo geral dessa atividade é: Envolver os estudantes da primeira série do Ensino Médio, de escolas da rede particular ou pública, na criação de um herói, de uma história em quadrinhos, em ambiente virtual, que procure solucionar os problemas mais urgentes que o aluno percebe em sua sociedade.

### 4.2.1 – Discutindo o Objetivo Geral

Quanto a nosso objetivo geral (Envolver os estudantes da primeira série do Ensino Médio, de escolas da rede particular ou pública, na criação de um herói, de uma História em Quadrinhos, em ambiente virtual, que procure intervir quanto aos problemas mais urgentes que o aluno percebe em sua sociedade, acreditamos que essa ação possa complementar os estudos de língua visados em anos anteriores, assim acenando para o que a BNCC (2017) exige com relação ao ensino-aprendizagem de Linguagens. Como se pode ler na própria BNCC (2017),

[...] tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2017, p. 69)

Especificamente no Ensino Médio, o trabalho com várias mídias e semioses também se projeta no texto – a materialidade significativa –, dando panorama que, novamente, torna reconhecível o nosso objetivo geral, uma vez que prevê que

[...] para formar [...] jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo. (BRASIL, 2017, p. 463)

Nesse aporte, sugerir que os estudantes criem um herói de uma história em quadrinhos em campo virtual é uma maneira de despertar neles o fomento de uma leitura crítica divertida, a das HQ, bem como o contato com o mundo e seus problemas. Essa perspectiva é uma das possibilidades didáticas para que o aluno se veja diante da seleção das vicissitudes problemáticas e parta para a tomada de decisões, estruturando seus pensamentos frente ao eixo político-social e culminando em um processo reflexivo criativo.

#### **4.2.2 Discutindo os Objetivos Específicos:**

Consoante Assis (2009), os objetivos “[...] específicos apresentam um caráter mais concreto e têm uma função intermediária e instrumental. São elaborados com verbos que exprimam ação, no infinitivo: verificar, analisar, descobrir, determinar, entre outros” (ASSIS, 2009, p. 23). Assim, levantamos abaixo os objetivos particulares à nossa sugestão de proposta textual, que delimitam os pontos estratégicos de aprendizado, desde o primeiro momento, a primeira aula expositiva dialogada, até o ensejo final, em que os estudantes devem entregar suas produções textuais por meios virtuais.

A saber, então, os objetivos específicos da produção textual de criar um herói de história em quadrinhos que solucione os problemas emergenciais da nação brasileira, devem levar os estudantes a:

- Identificar as viabilidades mais simbólicas que estruturam culturalmente a imagem de um herói na sociedade atual;
- Verificar como a cultura foi influenciada pela narrativa dada pela jornada heroica tematizada por Campbell (1990);
- Assimilar os conceitos de Dialogismo (BAKHTIN, 1997, 2006, 2010), e de Multiletramentos/ Novos Letramentos (ROJO, 2012, 2016) à luz de perspectivas centrais dos PCN+ (2002) e da Base Nacional Comum Curricular de Linguagens para o Ensino Médio (2017), bem como o patrimônio ideológico das narrativas;
- Entender a língua, a linguagem e os discursos que compõem a jornada do herói e suas relações simbólicas com o mundo real.
- Analisar os entendimentos virtuais dos estudantes diante do processo de criação do herói e de sua história em quadrinhos em sites e/ou aplicativos on-line;
- Comparar o campo semântico relativo ao enredo que apresenta os super-heróis criados pelos estudantes e a exequibilidade das ações propostas, a serviço de uma base dissertativa para a redação ENEM.
- Oferecer condições de reflexão quanto ao procedimento interventivo de âmbito interpessoal e profissional no que se refere aos problemas que o aluno enxerga no mundo.
- Dissociar a cultura material/ compressível da imaterial/ incompressível e entender os fundamentos dessas relações na condição humana.
- Comparar diferenças e proximidades discursivas das produções textuais entre os próprios estudantes, tendo em vista o teor semântico-imagético, cultural e a produção de sentido.

Voltemo-nos à explanação argumentativa de cada um desses propósitos e expliquemos a correlação desses com a atividade de produção textual sugerida. Para o primeiro objetivo - Identificar as viabilidades mais simbólicas que estruturam culturalmente a imagem de um herói na sociedade hodierna – devemos, como docentes, condicionar aos estudantes os esclarecimentos acerca da jornada do herói, ou Monomito (CAMPBELL, 1990 e VOGLER, 1998). É importante que eles entendam que essa é uma maneira tradicional de contar histórias que acompanha o procedimento social humano quanto à formação de valores, de ideologias. A prerrogativa de que uma figura heroica pode aparecer e livrar a humanidade dos males que a assolam é uma das mais míticas construções gregárias e tem perpassado a História, com

sobreposições como o Sebastianismo, por exemplo, além do vislumbre político, do cotidiano em geral<sup>16</sup>.

Nesse entendimento, o herói é responsável pela manutenção de um sistema de ideias, o que culminará em dada organização cultural (SÁNCHEZ, 2010). Assim, a imagem cultural do herói na sociedade atual é digna de avaliações e reavaliações constantes, considerando que

[...] nas HQ, assim como nos desenhos das cavernas, as imagens não são aleatórias, nem tampouco com finalidade exclusiva de entretenimento. Elas comunicam mensagens de grande importância, possibilitando leituras repletas de informações, juntamente com narrativas de variados assuntos, acompanhando a evolução histórica que acontece continuamente (SILVÉRIO, 2012, p. 224).

O entendimento das HQ pelo tratamento temático ilustrado pelo herói é essencial para a formação global do estudante. Por conseguinte, em se tratando do segundo objetivo específico - Verificar como a cultura nacional foi influenciada pela narrativa dada pela jornada heroica tematizada por Campbell (1990) -, é possível construí-lo por meio de discussões que relacionem os acontecimentos das narrativas em quadrinhos com circunstâncias reais da sociedade. A exemplo, no trágico episódio da morte do jornalista Ricardo Boechat, após uma queda de helicóptero, um grupo de pessoas se aproxima do local do acidente. Eis que muitos, preocupados em registrar o momento com suas câmeras de celulares, não se interessam pela assistência às vítimas. Midiaticamente, esse acontecimento foi marcado pela ação honrosa de uma mulher, que sobe ao caminhão com o qual o helicóptero se chocou e tenta retirar os escombros de cima dos corpos das vítimas, com o propósito de encontrar alguém com vida. Dali em diante, as comparações com a Mulher Maravilha, heroína da DC Comics, tomaram conta das redes sociais.<sup>17</sup>

Diante da circunstância midiaticizada, é interessante questionar os alunos sobre os motivos que fazem com que esses discursos, da relação da Mulher Maravilha com um acontecimento da realidade, ocorram. Por que será que tantos olharam e não fizeram nada? O que a vida em rede consegue fazer com as mentes dos indivíduos que tornam mais importante o registro do que o salvamento a vidas? Como a população brasileira recebeu os acontecimentos e os contou? Ela entende que os seres sociais vivenciam uma missão? Isso tem raízes históricas,

---

<sup>16</sup> Para compreender melhor de que tratamos aqui, sobre a lógica dos impactos de uma busca, aparentemente, eterna, quanto ao salvador dos males de uma nação, recomendamos a leitura do texto “Nas entrelinhas: Bolsonaro e o novo Sebastianismo”. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/nas-entrelinhas-bolsonaro-e-novo-sebastianismo/>

<sup>17</sup> Quem é a “Mulher Maravilha” do acidente que matou jornalista Ricardo Boechat. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/ilustrador-desenha-super-heroína-que-ajudou-em-acidente-de-helicoptero/> >.

em nossa colonização, em nossos presidentes? Enfim, são inúmeras as direções que as discussões podem tomar para que os alunos reflitam sobre a Jornada do Herói e como isso tem relação com a forma como nos organizamos socialmente.

Adiante, sobre o terceiro objetivo - Assimilar os conceitos de Dialogismo (BAKHTIN, 1997, 2006, 2010), e de Multiletramentos/ Novos Letramentos (ROJO, 2012, 2016) à luz de perspectivas centrais dos PCN+ (2002) e da Base Nacional Comum Curricular de Linguagens para o Ensino Médio (2017), bem como o patrimônio ideológico das narrativas -, é válido lembrar que a opção que adotamos em nossa sugestão de produção textual, de atuar diretamente com a primeira série do Ensino Médio, se apoia nos PCN+ (2002) de Linguagens, que explicitam que

[...] na primeira série do ensino médio, é preferível que os textos tenham índices de suporte gráfico e semântico – desenhos, tabelas, mapas, gráficos, título, diálogos, subtítulos, itens – para auxiliar os alunos na sua compreensão. Também textos narrativos são uma boa escolha nessa fase, além de notícias curtas de jornais e revistas, charges e quadrinhos, instruções simples de manuais. (BRASIL, 2002, p. 113)

Nos PCN+ (2002), está imbuído um ideário de que, nessa etapa escolar, o estudante terá assimilação plausível ao trabalho crítico e aprofundado possível já pelo acúmulo, ao longo de sua trajetória escolar, da leitura de histórias em quadrinhos. Além disso, também acrescentamos que o aluno deverá receber, nessa fase, percepção pontual quanto aos Multiletramentos, pois, enquanto adolescente, o contato com o mundo em rede deve ser apoiado de consciência, afinal a visão que o indivíduo adquirir nesse estágio será levada, possivelmente, por toda a sua vida. Sendo assim, também a BNCC (2017) reconhece a importância desse modal de ensino-aprendizagem, dando conta de que é válido condicionar o estudante a

[...] refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hiperídia e do surgimento da Web 2.0: novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, transmutação ou reelaboração dos gêneros em função das transformações pelas quais passam o texto (de formatação e em função da convergência de mídias e do funcionamento hipertextual), novas formas de interação e de compartilhamento de textos/ conteúdos/informações, reconfiguração do papel de leitor, que passa a ser também produtor, dentre outros, como forma de ampliar as possibilidades de participação na cultura digital e contemplar os novos e os Multiletramentos. (BRASIL, 2017, p. 72)

Criar uma história em quadrinhos em ambiente virtual é propiciar o contato direto com o mundo em rede. Ao consolidarmos no aluno o objetivo dessa criação em correlação com a jornada do herói – Monomito – (CAMPBELL, 1990), o estudante poderá recorrer a essa dimensão para a remixação de suas formas de contar, sendo construtor ativo de uma nova

realidade e também sendo partícipe de uma estratégia integrativa da cultura digital, estando, assim, em contemplação com os Multiletramentos. Reflitamos, portanto, sobre quantas maneiras de criação existem, além da diversidade dos aplicativos que os estudantes poderão usar. Todos esses elementos gerarão novas e únicas formas de enunciação, de que eles se valerão para estruturar, sob um processo criativo, um herói, uma figura simbólica que trará intervenção a problemas que consideram importantes quanto a um novo rumo.

A BNCC (2017, p. 87) declara a importância de “[...] reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias [...]”, dando-nos a principal pressuposição quanto ao patrimônio ideológico das narrativas. Nessa proposição,

[...] estudar o funcionamento ideológico [...] para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não é revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo; não é retornar aos fundamentos que [...] tornaram possível e que [...] legitimam: é ‘colocar’ novamente em questão como formação discursiva; é estudar não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. É ‘retomar’ como prática entre outras práticas. (FOUCAULT, 2008, p. 208)

Assim, é importante a reavaliação das formações discursivas a respeito dos super-heróis em quadrinhos, e mais ainda o fato de que isso servirá de subsídio para a reflexão crítica, pela via literária, das mazelas sociais pelas quais a nação brasileira tem passado. Muitos poderão se questionar: em que medida colocar um herói como responsável por combater mazelas sociais ajuda no processo de formação política e formação para a cidadania. E aqui lembramos que construímos todo um processo, de sete aulas, em que os alunos perceberam que os problemas sociais são maiores que a sua comunidade, maiores até que a própria sociedade, o que significa que compreenderão a importância da exequibilidade e da necessidade de um herói à humanidade. Então, o docente se atenta ao fomento inadequado de práticas ou de desajustes sociais relativos à responsabilização unívoca de solução a uma única figura.

Na sequência de nossas proposições específicas, o quarto objetivo - Entender a língua, a linguagem e os discursos que compõem a jornada do herói e suas relações simbólicas com o mundo real – incide em estreita correlação e aplicabilidade com o anterior. Levar ao estudante a consciência das formas das quais ele pode se valer para efetivar sua narrativa é também levá-lo às consequências de um processo de comunicação que esbarra em infinitos interlocutores e que, por isso, precisa ser estruturado sob uma ótica plausível, exequível e, acima de tudo, democrática e respeitosa, seja quanto aos efeitos sociais que um enunciado pode alcançar, seja pela dimensão de reconhecimento dos problemas sociais mais próximos de sua vida.

Para Bakhtin (2013, p. 42), “[...] é preciso tirar os alunos do beco sem saída da linguagem livresca, para coloca-los no caminho daquela utilizada na vida: uma linguagem tanto gramatical e culturalmente correta, quanto audaciosa, criativa e viva [...]”. Diante dessa recomendação, o trabalho com o gênero história em quadrinhos é uma possibilidade, pois o aluno estará lidando com a linguagem que percorre o mundo em que vive, sendo necessário que se atente a inúmeros outros gêneros para estruturar sua remixagem narrativa. Essa atuação fará com que, após o contato com inúmeros outros gêneros e textos, ele consiga processar uma via linguística original, concebida a partir da maneira como organizou a jornada do herói e como percebeu seu mundo e o mundo que criou, aqui alcançando as dissociações entre o real e o simbólico.

O nosso quinto objetivo específico - Analisar os entendimentos virtuais dos estudantes diante do processo de criação do herói e de sua história em quadrinhos em sites e/ou aplicativos on-line – está atrelado mais aos professores que aos próprios estudantes. Nesse construto, o aluno deverá procurar o professor se sentir necessidade de ajuda para alguma interpretação ou instrução a respeito dos aplicativos on-line. Além disso, também é possível que muitos se seduzam mais pelo celular ou pelo computador, o que exigirá mais engajamento do docente. No entanto, mesmo diante dessas prováveis buscas, o quinto objetivo será efetivamente avaliado como cumprido ou não no momento final, quando todos entregarem as atividades e o professor tiver condições de executar um olhar holístico sobre todas as produções.

Nesse momento, será possível se valer da comparação entre os trabalhos e identificar aquele que mais desenvolveu com competência a trama, os assuntos, o herói, tudo conforme os critérios de correção. Desse ponto em diante, a sugestão é que os trabalhos com menor desempenho passem por um escrutínio entre professor e aluno, uma vez que é importante que o estudante entenda por qual motivo sua produção textual recebeu ou não determinada nota. É importante que, futuramente, sejam organizadas maneiras de os alunos lerem os textos uns dos outros, o que pode ser executado por uma estratégica interrupção em sala de aula, ou, em projeção mais ampla, em um sarau em que esses textos poderão ser expostos a toda a escola.

Em ênfase à efetivação do quinto objetivo, é preciso que a avaliação dos Multiletramentos, nos textos dos alunos, situe-se sobre o que eles sabem e o que não sabem (PCN, 1998), ou sobre o que fizeram e o que não fizeram em relação a esse ou outro ponto (PCN+, 2002), ou ainda por sua nuance autônoma e crítica a respeito das vivências sociais e leitura reflexiva do mundo (BNCC, 2017). Após essas identificações,

[...] compete à escola, pela ampliação da produção e circulação de variados textos/gêneros, a responsabilidade de criar condições para que o aluno envolva-se em

múltiplas práticas de letramentos que possibilitem sua inserção e participação em inúmeras esferas da atividade humana presentes em sociedade. (ROJO, 2012, p. 214)

Nosso sexto propósito específico - Comparar o campo semântico relativo ao enredo que apresenta os heróis criados pelos estudantes e a exequibilidade das ações propostas, a serviço de uma base dissertativa para a redação ENEM - pode ser executado diretamente com a professora de Redação, se a escola tiver divisão por frentes de atuação. É interessante que esse seja um trabalho que gere notas para todas as disciplinas, uma vez que mobiliza conhecimentos de todas as áreas do conhecimento por parte do estudante. Além disso, é possível produzir uma subatividade a partir da primária – criar um herói em quadrinhos que solucione os problemas do Brasil -, uma dissertação-argumentativa em que os alunos solucionem, no formato exigido pelo ENEM, as situações que consideram problemáticas e que encarregaram a seus heróis.

Outrossim, é preciso considerar que muitos estudantes poderão construir intervenções fantásticas para o herói, o que em nada os impedirá de se amparar na exequibilidade para solucionar os problemas que levantou dentro da realidade, no texto dissertativo-argumentativo. É importante que o aluno também empregue os heróis como recurso intertextual de seus argumentos, de seus pontos de vista, na dissertação-argumentativa, uma via prevista e plausível, diretamente atrelada à segunda competência da grade de correção, que solicita ao candidato que “Compreenda a proposta de redação e aplique conceitos de várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo” (INEP, 2021, p. 01). Nossa égide aqui está na segunda competência da BNCC (2017) de Linguagens, que nos incita a

[...] exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2017, p. 09).

Oferecer condições de reflexão quanto ao procedimento interventivo de âmbito interpessoal e profissional no que se refere aos problemas que o aluno enxerga no mundo é a nossa sétima meta específica. Também atrelada a tudo o que discutimos antes, entendemos que essa ação ocorrerá da primeira à última fase dessa proposta, pois existe um caminho assertivo que parte da primeira aula ao momento ápice, a entrega do trabalho, em que o estudante precisará tomar decisões, promover análises do mundo e dos problemas dele e pensar, sequencialmente, na forma como o herói que ele criar mobilizará possíveis outros agentes,

ações, maneiras ou meios, avaliando os efeitos dessas intervenções e as situações possíveis e adicionais que com sua manipulação advirão.

Acreditamos que essa seja uma das maneiras de conduzir um trabalho com a língua viva, afinal “[...] resta ao professor ajudar nesse processo de nascimento da individualidade linguística do aluno por meio de uma orientação flexível e cuidadosa [...]” (BAKHTIN, 2013, p. 43). No âmbito individual, é possível que ações cotidianas, se remodeladas, consigam sanar muitos dos problemas sociais, e o estudante deve concluir isso pelas suas procuras próprias enquanto está se lançando à realização dessa atividade.

Já em âmbito profissional, o discente decidirá as intervenções após contato com leituras especializadas na área, algo a que indiretamente ele foi direcionado. Assim, tomará outros saberes, diferentes dos que tenha assimilado até ali, que também lhe serão fornecidos pelo contato com outros gêneros, em prol de uma junção de suas assimilações com seu projeto enunciativo. Isso é muito relevante, visto que

[...] um dos mais importantes elementos do gênero, quando se pensa em sua escolarização, é o projeto enunciativo. Ele contribui para que o aluno desperte para o conhecimento do lugar social assumido enquanto leitor e produtor de discursos devidamente orientado. Um encaminhamento didático que considere tal elemento permite ao aluno analisar, discutir, refletir criticamente sobre os discursos instaurados nas suas teias de relações sociais (ROJO, 2012, p. 218)

Dissociar a cultura material/ compressível da imaterial/ incompressível e entender os fundamentos dessas relações na condição humana, nosso oitavo propósito, enquadra-se no entendimento, por parte dos alunos, quanto à valoração subjetiva que os constitui, bem como concebe também os seres com quem eles convivem. Pretendemos, então, que os estudantes percebam que, do material ao imaterial, ou vice-versa, também existe uma perspectiva que precisa ser valorizada, porque formula ideias, enunciações e estabelece os rumos de validação a uma sociedade melhor para todos.

Para essa meta, nos apoiamos em Cândido (2011), para quem a Literatura é um Direito Humano – como já apontado aqui. O contato de Cândido com o pesquisador Louis-Joseph Lebret resultou em sua compreensão a respeito dos “bens compressíveis e incompressíveis”, diretamente vinculada à perspectiva dos Direitos Humanos. Em síntese, a instrumentalidade conceitual acerca dos Direitos Humanos sugere o reconhecimento daquilo que pode ser considerado como indispensável para nós, enquanto sujeitos, e que, logicamente, fundamenta-se como igualmente válido e necessário para outrem.

Para Cândido (2011),

[...] certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. [...] cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra. [...] Do ponto de vista individual, é importante a consciência de cada um a respeito, sendo indispensável fazer sentir desde a infância que os pobres e desvalidos têm direito aos bens materiais (e que, portanto, não se trata de exercer caridade), assim como as minorias têm direito à igualdade de tratamento. Do ponto de vista social é preciso haver leis específicas garantindo este modo de ver. (CÂNDIDO, 2011, p. 175)

Assim, solicitar aos alunos que avaliem problemáticas sociais e procurem formas de combate para elas por meio das atitudes de um super-herói, em quadrinhos, é uma possibilidade de construir a consciência quanto ao outro. Sabemos que colocar o herói como o agente responsável pela vida política é um caminho perigoso, que talvez nem seja o melhor caminho para a formação política e cidadã. Essa é, também, uma maneira de tornar o estudante consciente de que as mazelas que afligem os demais podem estar mais próximas do que ele imagina, consolidando um pensamento respeitoso ao Direito Humano, quebrando logísticas estereotípicas como as de ‘Direitos Humanos para Humanos Direitos’.<sup>18</sup>

Diante dessa concepção, os estudantes serão leitores da compressibilidade e da incompressibilidade em suas vidas e nas vidas alheias, entendendo que os problemas só existem porque a própria humanidade sustenta práticas nocivas entre si. Nesse caminho, compreenderão, então, como é importante pensar a solução das mazelas levantadas por intermédio da construção de meios que permitam o progresso gregário, isto é, praticando Direitos Humanos. Os questionamentos centrais dos alunos aqui se darão na linha indagatória quanto ao que estará sendo negado aos cidadãos se esse problema social se mantiver. Afinal,

[...] a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema [...] são incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis, certamente, a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão, etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CÂNDIDO, 2011, p. 176).

A modalidade de atividade que sugerimos aqui não é uma intercorrência letiva sem propósitos, é um direito do estudante. Ele tem direito à leitura crítica de seu mundo, sobretudo tendo condições decentes de execução desse plano. Essa prerrogativa tem sido negada a muitos

---

<sup>18</sup> Para condensar com mais criticidade as abordagens relativas a essa percepção, ler o texto “Direitos Humanos para Humanos Direitos?”, disponível em: <<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/486346808/direitos-humanos-para-humanos-direitos>>

dos jovens brasileiros (COELHO, 2012), que se perdem entre a materialidade e a imaterialidade das conexões sociais e por isso não reconhecem ou não entendem a literatura, a arte, e até mesmo a escola, como um direito social pelo qual ele deve cobrar quanto à contribuição positiva e equânime. Colocar os estudantes para entender a Literatura em Quadrinhos e, sequencialmente, relacionar as percepções do Monomito (CAMPBELL, 1990) em uma nova trama, em que ele reflita sobre os problemas do país, é direcioná-lo ao cumprimento de seus direitos estudantis, já que a sétima competência geral da BNCC (2017) solicita que o estudante seja levado a

[...] argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p. 9)

Ademais da construção argumentativa sólida, há também a delineação em torno dos efeitos da escrita por parte do aluno. Nesse contexto, uma das preocupações da pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012, 2016) é com a fundamentação de uma consciência respeitosa no ambiente virtual. Essa prerrogativa está diretamente atrelada às novas delimitações de autoria, já que o espaço em rede possibilita remixagens infinitas que podem obnubilar a origem produtora.

Com efeito, hoje, mais uma vez o lugar da escrita [...] está novamente confuso, agora não pela invenção de livros impressos, mas pelo aparecimento da literatura eletrônica”, entendida aqui como a que é nascida no meio digital, ou seja, criada através do computador e lida na tela dele. O rompimento dos limites materiais, com a passagem do texto impresso para o virtual, reclama reflexões cuidadosas e necessárias, sobretudo porque a natureza dessa literatura muda estruturas de produção e leitura, resignificando o espaço, antes tão bem delimitado, autor/leitor. De igual modo, o leitor de um texto virtual requer habilidades específicas, já que não percorre caminhos convencionais de leitura. Não se deve olhar o texto no espaço digital com o mesmo olhar dirigido ao que está impresso. (LOPES, 2012, p. 02)

Estamos, desde o início, conduzindo nossas abordagens em torno dos desafios para a construção de uma consciência eficiente quanto ao trato com a literatura em rede. Ao conduzirmos nossos estudantes a esse projeto on-line, estamos fazendo com que eles mesmos estabeleçam critérios e assim podemos, posteriormente, refletir, juntos, alunos e professor, sobre as circunstâncias em questão. Vejamos aqui, portanto, o amplo arsenal de situações a que submeteremos nosso estudante, para torná-lo crítico quanto à convivência e à construção de textos em ambiente virtual.

Irromper sobre esse cenário, certamente, não é uma tarefa fácil, mas

[...] a mudança de paradigmas sempre causa tensão, previsões ora otimistas, ora pessimistas, muitas vezes precipitadas ou movidas pelo medo do novo, do desconhecido. Diversas questões são trazidas para discussão, inclusive quanto à qualidade literária das produções midiáticas. São preocupações pertinentes, mas que não anulam a força das produções de escrita eletrônica, já que o computador surge como um meio expressivo fascinante, por conta de sua grande capacidade de representação e de participação do leitor no texto. (LOPES, 2012, p. 02)

Portanto, este trabalho oferece reflexões sobre o panorama virtual, em um vislumbre aprofundado do entendimento humano do estudante, procurando ampliar suas percepções quanto ao futuro. Desse eixo, vamos à nossa última meta, que nos impele a Comparar diferenças e proximidades discursivas das produções textuais entre os próprios estudantes, tendo em vista o teor semântico-imagético, cultural e a produção de sentido. Já enunciamos aqui que é válido que os alunos leiam seus textos. É interessante que isso se faça tanto entre alunos da mesma turma quanto com alunos de outras turmas e séries.

Em um esforço ainda mais pontual e interessante, está a estratégia de, caso a escola se veja com atuação entre Ensino Fundamental e Médio, os estudantes das séries inferiores leiam os textos dos alunos das séries à frente. Isso fará com que os discentes já tenham contato com a forma como a geração de seu tempo, mas com uma faixa etária mais avançada, enxerga os problemas sociais com que todos vivem. Essa ocasião pode ser materializada em um sarau literário, em uma ação leitora conjunta de todos os estudantes, ou até mesmo pela própria plataforma da escola. Alguns dos programas virtuais de Ensino viabilizam a leitura de diversos textos a partir da redistribuição de links com os arquivos. Esses links podem ser criados e enviados aos estudantes, que poderão acessá-los pelos celulares ou computadores, caso a escola não disponha de espaço físico ou de estrutura de impressão das histórias em quadrinhos.

Isso está em concordância com o que a BNCC (2017) evoca. O documento propõe que

[...] a prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo (BRASIL, 2017, p. 193).

Findadas as discussões sobre os objetivos, lembremos que as intercorrências negativas também precisam ser previstas. Cada professor tem consciência da realidade de seus estudantes e atua, junto à comunidade, quanto à reversão dos cenários de impedimento à igualdade de escolarização. Isso significa, por exemplo, compreender que nem todos os estudantes têm aparelhos celulares, sobretudo com conexão, ou computadores. Nessa circunstância, a escola

precisa auxiliar o desenvolvimento de estratégias para fazer com que o aluno seja integrado ao meio virtual, seja por meio de laboratórios de informática ou por qualquer outra possibilidade, desde que pensada em conjunto.

Além disso, alguns alunos tentam evitar o meio digital, alegando que podem ou desejam realizar suas produções textuais de forma manuscrita. Essa é uma situação que certamente ocorrerá. Seria essa também uma forma do estudante de revelar sua percepção e a maneira como se projeta com mais competência para essa ou aquela habilidade. Sendo assim, como docentes, atentamo-nos às práticas discentes e à forma como cada indivíduo materializa suas atividades.

Não consideramos válido que o estudante que deseje realizar a produção textual de modo manuscrito não tenha contato com o ambiente virtual, afinal a indumentária básica aqui prevê o encontro e sequencial confronto com o discurso on-line, mas é possível pensar em outras estratégias para reconhecer no aluno a capacidade de letramento virtual. Ele ainda, por exemplo, pode manusear os programas de recebimento das atividades... Vai assimilar direções, caminhos dos programas virtuais e, logicamente, apresentar, em sua narrativa, na jornada que construir para o seu herói e/ou até mesmo na solução dada aos problemas que levantou, algum panorama de leitura crítica, de letramento autônomo acerca da forma como enxerga e se integra no mundo.

#### 4.3 A RELAÇÃO DA PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL EM QUADRINHOS COM O ENEM

Nos últimos anos, os estudos escolares no Brasil têm sido direcionados para uma etapa finalística avaliativa singular em relação ao caminho percorrido pelos estudantes. Essa ‘etapa finalística’, materializada no Exame Nacional do Ensino Médio, trata-se de uma avaliação que, além de monitorar os índices da Educação Básica, também insere os estudantes no Ensino Superior, direcionando suas aprovações a universidades públicas e privadas. A prova foi implantada em 1998 e, de lá para cá, passou por mudanças e adaptações que foram se adequando às estratégias governamentais e afunilando o acesso às faculdades, extinguindo vestibulares e readequando as práticas docentes e discentes.

Uma das estratégias do Exame Nacional do Ensino Médio é o trabalho por eixos cognitivos, previsto tanto pela LDB (1996), quanto pelos PCN (1998), PCN+ (2002) e pela BNCC (2017). Os eixos cognitivos do ENEM são plausíveis e exequíveis a todas as áreas do saber e, posteriormente, se quebram na divisão por área – Linguagens, Matemática, Natureza e Humanas – que, por sua vez, se suplantam de competências e habilidades respectivas a cada linha do conhecimento. A saber, os eixos centrais às frentes no geral são:

I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa. II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas. III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema. IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente. V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural (INEP, 2021, p. 01).

Relembremos: solicitaremos aos alunos que redijam uma produção textual em que se valham das ações de um herói em quadrinhos, criado por eles, para resolver os problemas mais emergenciais da sociedade brasileira. Na perspectiva das competências em questão, o domínio das linguagens estará sendo assimilado, pelos estudantes envolvidos nesse trabalho, quando precisarem ler textos diversos, com linguagem culta ou não, para filtrar as circunstâncias relativas à construção do enredo da narrativa.

Nesse momento, o estudante se integrará a discussões que se efetivem para além das óticas de mundo que tiveram até aquela ocasião e assim acrescentem-se quanto aos saberes, manuseios, tratos com o eixo linguístico. Eles perceberão os níveis discursivos que trarão mais ou menos credibilidade à solução das problemáticas, além de tomar partido acerca das diversas linguagens artísticas, científicas etc., pois muitos problemas envolvem soluções que vão para além das Humanidades, que também precisam ser compreendidos a partir da percepção leitora de outras ciências.

Em se tratando do segundo eixo, a compreensão dos fenômenos estará mais do que validada na busca que ventilamos acima. Percebamos como é impossível estudar língua sem o contato com o que se vê no mundo. Isso é estudar a língua viva (BAKHTIN, 2013). Os estudantes vão encontrar pontos de abordagem para construir suas imagens, suas falas, seus enredos, o que se verifica conclusivamente na aplicação de conceitos que foram cotejados pelas leituras e interpretações que obtiveram quanto às áreas do saber. Os problemas sociais estão diretamente atrelados à compreensão dos acontecimentos surgidos a partir dos impactos humanos ao longo da história, além de se demarcarem mais enfaticamente em determinados espaços com mais ou menos densidade. Todas essas mazelas de que os estudantes tomarão contato e, conseqüentemente, vão também tomar partido, circundarão as produções tecnológicas e como essas circunstâncias impactam positiva ou negativamente as manifestações artísticas.

Vejamos, por exemplo, que uma proposta dessa envergadura não faria sentido se solicitada à primeira série do Ensino Médio de uma escola em 1980, porque isso não fazia parte das prerrogativas de Letramento, não estava intrincado a uma compreensão docente comum como prática que precisasse ser construída. É a partir da disseminação mais ampla dos fenômenos de interação tecnológicos e, com isso, das produções históricas, que sugestões como essas são levadas ao escopo escolar. Portanto, o estudante também terá essa compreensão, quando comparar suas estratégias de leitura e como a escola cobra as suas interpretações com as que tiveram os seus antecessores.

O enfrentamento a situações-problema segue como terceira proposição da matriz de referência ENEM. É aqui que o aluno exercerá sua capacidade de seleção, de organização, de relação e de interpretação quanto a dados, fatos, informações, todos possíveis a partir de diversos meios, a fim de propor condições decisivas para solucionar os problemas ventilados. Percebamos a quantos textos e a quanta habilidade leitora o estudante do mundo digital está submetido. O cérebro no mundo digital estabelece conexões jamais efetivadas antes e isso demandará maior capacidade de cotejamento, organização e interpretação (WOLF, 2019). É muito importante enfrentar as situações-problema a partir de um panorama de leitura sólido, já que a leitura reflete tanto a qualidade de nosso pensamento quanto a condição de abertura para novas estratégias acerca dos problemas do homem.

Enfim,

[...] a qualidade da atenção mudou à medida que ‘se’ lê mais e mais em telas e recursos digitais. [...] O motivo é que a passagem de uma cultura baseada no letramento ‘escrito’ para uma cultura digital difere radicalmente de outras passagens anteriores de uma forma de comunicação para outra [...]. A construção desse conhecimento pode oferecer a base teórica necessária para alterar a tecnologia de modo a corrigir suas próprias fraquezas, seja por meio de modalidades mais refinadas de leitura, seja pela criação de abordagens de desenvolvimento híbrido de adquiri-la. (WOLF, 2019, p. 11)

Desse viés, a matriz ENEM também nos ampara em sua quarta proposição, uma vez que o domínio das linguagens, sequenciado da assimilação eficiente dos fenômenos, dos problemas sociais, lateralmente colocado em proximidade à seleção, organização, relação e interpretação de todos esses elementos, ajuda, indubitavelmente, na construção eficiente da argumentação. O argumento será elaborado à medida que o estudante pensar no que pode e deve ser executado. Assim, suas afirmações serão acompanhadas de fatos, de assertivas, que conduzam seus enunciados a um afunilamento desmerecedor de refutações.

Nesse caminho, o discente aprenderá a importância de pensar sobre os prós e contras de suas proposições, organizando os enunciados de modo que procure o convencimento ao

interlocutor. Essa lógica controlará suas diferentes representações em prol do projeto do herói, que resvalará em sua compreensão pessoal e até profissional, calcada em situações concretas, possíveis no mundo.

Como último esteio, temos a elaboração de propostas, o que envolve a recorrência aos conhecimentos desenvolvidos em sala de aula e até nos espaços mais amplos da escola, com vistas à fundamentação propositiva de intervenção concisa, objetiva e plausível na realidade problemática que o estudante levantou. Isso está nitidamente efetivado quando tornamos nosso estudante um pesquisador de sua realidade, quando ele incorpora o patrimônio ideológico das narrativas, quando entende a compressibilidade e incompressibilidade da sua produção textual. Por fim, o aluno também considerará o respeito aos valores humanos, bem como a diversidade sociocultural.

#### 4.4 A RELEVÂNCIA DAS ABORDAGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS ESCOLAS

A Escola é o espaço de interação social desenvolvido pelo homem para que os seus convivas tomem conhecimento de importantes saberes que o tornem apto à sociedade. Nesse entendimento, a instituição escola é o local onde a língua, a linguagem, os enunciados e, sobretudo, os discursos, tomam centralidade em prol de estudos progressivos, dado o formato seriado, que estruturam o indivíduo para o pleno convívio harmônico. É ela a responsável por centralizar ou dissuadir os conhecimentos científicos, humanos, sociais, culturais etc., captando-os de acordo com as necessidades do mundo.

Frente a esse cenário, o espaço escolar tem sido alvo de muitas implicações por parte de todas as alas sociais, do plano familiar ao político, porque todos têm ciência da importância desse ambiente para a construção do pensamento e para a formatação de futuro. Coêlho (2012), quando “[...] trabalha a relação intrínseca entre educação, escola e formação [...]” (COÊLHO, 2012, p. 01), questiona os rumos da escola e a compara com seu propósito inicial à humanidade, identificando nuances extremamente dissociadas de sua primária proposição:

[...] Na Grécia do período clássico os gregos buscam o sentido original da formação do homem para a vida pública, visando à existência da pólis e do homem excelente e justo, o que exige permanente cuidado e vigilância sobre os interesses e a vontade dos indivíduos. Daí o sentido e a importância fundamental conferida à paideia, à educação como formação cívica e cultural para a efetiva participação na vida coletiva. Ao caminhar no sentido oposto, a educação e a escola hoje têm se perdido na esfera da prática, do utilitário, da qualificação, da profissionalização do indivíduo, da preparação para o mercado de trabalho, e esquecido o sentido primeiro de sua existência: contribuir para que o homem, a sociedade e a humanidade busquem a excelência, a vida virtuosa. Uma educação, uma escola diferente, não só é possível,

mas necessária, e trabalhar para instituí-la é defender a causa da autonomia, da liberdade, da política, da primazia da vida pública e da ética. (COELHO, 2012, p. 01)

Se hoje muitas escolas encontram-se com rumos diversos do inicial – o vinculado ao prazer –, isso está explicado justamente pelas práticas e pela organização curricular, o que empreende que o trabalho com o gênero história em quadrinhos possa suscitar como uma das possibilidades de consolidação autônoma e libertadora, pois é raro que os indivíduos em fase escolar não se interessem por essa via de leitura. Afinal, trata-se de um gênero prazeroso, que consegue, desde que apresentado e norteado adequadamente, despertar a virtuosidade no estudante. Sobre a virtuosidade discente em questão, segundo Eco (2008):

[...] só quando adquirirmos consciência do fato de que o consumidor de histórias em quadrinhos é o cidadão no momento em que deseja distrair-se através da experiência estilística própria da HQ, e que histórias em quadrinhos são um produto cultural fluido e julgado por um consumidor que, naquela ocasião, está especificando a própria demanda naquela direção, mas leva para aquela experiência de fruição a sua experiência inteira de homem educado, também, na fruição de outros níveis, só então a produção de histórias em quadrinhos aparecerá como sendo determinada por um tipo de procura culturalmente avisada. (ECO, 2008, p. 68)

Espera-se que a cultura dos quadrinhos seja incentivada, por seu arcabouço temático amplo e também pela multimodalidade de leitura de mundo que possibilita. Nesse viés, mesmo que recomendado pelos documentos oficiais de Educação, como PCN (1998) e BNCC (2017), o trabalho com as histórias em quadrinhos pouco tem sido realizado de forma enriquecedora. Isso se comprova quando a literatura da área expressa abordagens singulares, mas geralmente vinculadas a um objetivo local ou delimitado, que pouco se consolida para além dos muros da escola.

Xavier (2017) também defende o emprego das histórias em quadrinhos nas escolas, além de reconhecer que

[...] com o avanço da tecnologia, a sociedade torna-se cada vez mais visual e, com isso, a compreensão da relação palavra-imagem adquire cada vez mais importância. Como os quadrinhos integram linguagem verbal e não verbal, seu estudo é uma ótima forma de encontrar meios de explorar as características dessa linguagem “mista” e, assim, instrumentalizam-se os educandos para conhecer e aplicar diferentes estratégias de leitura em seu dia a dia (XAVIER, 2017, p. 17).

O espaço escolar é o lugar para onde espera-se que o gênero história em quadrinhos seja levado, com sabedoria, logicamente. Esse trabalho vai conscientizar o indivíduo acerca da importância desse modal textual para a humanidade, pois infelizmente ainda se vê as histórias em quadrinhos com muito preconceito, seja pelo seu viés temático, seja pela sua leitura voltada ao lazer, o que, em um mundo capitalista, que cobra cada vez mais produção, é visto como

inadequado por muitos (ANDRAUS, 2013). É preciso reconhecer que já avançamos bastante nessa questão, pois

[...] nesta esteira de mudanças, a arte dos quadrinhos, com suas variadas facetas de gêneros, afinal, está sendo redirecionada de forma distinta na atualidade e ofertada, em muitos países, para o público adulto [...], no formato de álbuns, em contrapartida a um arrefecimento de revistas para o leitor infantil. Este quadro pode estar contribuindo para uma mudança decisiva na aceitação deste tipo de leitura adulta panvisual, principalmente por parte de teóricos que anteriormente jamais viram nas histórias em quadrinhos qualquer valor informacional, e por artistas que sequer lembravam-se da arte dos quadrinhos; ou quando o faziam, ignoravam-nos quase que totalmente, como um subproduto minimamente indigno de reflexão (ANDRAUS, 2013, p. 65).

Além da perspectiva de importância dos quadrinhos pelo seu valor discursivo – discursivo pela ótica empreendida por FOUCAULT (2008), de que os discursos expressam ditos específicos e não outros - dentro do ambiente escolar, esse gênero também pode reforçar boas memórias afetivas junto aos alunos, pois essa é uma leitura comumente feita em seus momentos de diversão, quando não se veem mais obrigados ao cumprimento de deveres (MENDES et al., 2017). Portanto,

[...] tal literatura imagética, longe de ser apenas um adendo ou anexo da literatura escrita, é, ao contrário, a base e essência dessa última, e uma arte autoral própria, com estrutura e linguagem específicas, que auxilia na melhora performática do cérebro neuroplástico, no que concerne ao hemisfério direito, atinente às imagens e artes em geral, num salutar equilíbrio ao esquerdo (racional), operacionalizado pela porção central (pragmática), contribuindo largamente à formação artística cultural e educacional humana, de forma íntegra e sistêmica, conforme se necessita na atualidade. (ANDRAUS, 2013, p. 65)

Faz-se necessário que os indivíduos da atualidade se vejam por um panorama crítico de suas dissidências, e o trabalho com o herói das histórias em quadrinhos é uma possibilidade riquíssima para que esse escopo se materialize. Ao tomar o super-herói como referência, a criança, ou o estudante, seja ele infante ou não, está tomando para si elementos de luta, de superação de seus conflitos pessoais e sociais, e viabilizando-se em um caminho ideológico reflexivo de sua condição. Com isso, é possível avaliar também em que contexto social e político a ação do super-herói se faz necessária. Afinal, é preciso também que a criança compreenda como a sociedade constrói confiança nesse agente e como sua expectativa é depositada nele. Está estabelecida, então, uma das motivações que externalizam a importância da dimensão cultural dos super-heróis das histórias em quadrinhos, diante do argumento de que o herói explora um tema social, que pode auxiliar na compreensão de dramas gregários, isto é, de dramas do coletivo de vivência social, pois

[...] tema, palavra derivada do grego, tem um significado próximo ao de premissa, que vem do latim. Ambas significam "algo posto antes", uma coisa colocada anteriormente e que ajuda a determinar um curso futuro. O tema de uma história é uma afirmativa subjacente, ou uma certeza sobre um aspecto da vida. Geralmente, aparece em algum ponto do primeiro ato, no Mundo Comum. Pode ser uma observação distraída de um dos personagens, expressando uma crença que, depois, será rigorosamente testada, no decorrer da história. O tema real pode nem emergir ou ser enunciado até que se tenha feito a história funcionar por algum tempo. Mas, cedo ou tarde, ele precisa ser trazido à tona. Saber qual é o tema é essencial, para que se possam fazer as escolhas corretas, em termos de diálogos, ação e cenário, quais opções farão com que a história, como um todo, tenha um aspecto coerente. Numa boa história, tudo se relaciona de alguma forma com o tema [...]. (VOGLER, 1998, p. 80)

A escolha do tema, através da ótica representada pelo super-herói, é uma necessidade didática de sumária importância, pois possibilita que os estudantes pensem e repensem sobre problemas sociais de seus mundos. No campo das forças enunciativas (BAKHTIN, 1988, 1997, 2006, 2013) e discursivas (FOUCAULT, 2008), os temas estão sob um alinhamento de proximidade ou distanciamento da vida do estudante, mas jamais deixam de ensinar-lhe algo. E a perspectiva do ensino objetivo, com consciência e construção de momentos positivos, também deve se formular como uma premissa da escola, afinal

[...] a escola tem a responsabilidade de passar o conteúdo atraente para que leve o educando ao aprendizado. Para isso, incentiva o uso de recursos didáticos que favoreçam o intercâmbio entre o cotidiano do aluno e a aplicação destas experiências no conhecimento em sala de aula. Objetiva-se, assim, derrubar o paradigma de conteúdos sem atratividade. A história em quadrinhos (HQ) configura-se como um destes recursos didáticos, constitui-se em uma alternativa capaz de atender às diferenças do aluno criando um ambiente de trabalho amistoso e atraente. Seu uso envolve o intercâmbio de disciplinas, tais como artes visuais (desenho, animação, uso da linguagem não verbal), português (história, sequência de ações, inserção de onomatopeias, diálogos), além da disciplina do tema transversal abordado (NEVES, 2012, p. 08).

Motivações para a abordagem do gênero história em quadrinhos não faltam. Sendo assim, direcionamos a nossa proposta de produção textual tendo em vista a riqueza pedagógica que, mais do que a mera trama em quadrinhos, também se encontra na personalidade e nas ações enunciadas pelo super-herói, o provedor do tema, sob o qual se centraliza a espera futura pela resolução dos problemas sociais discutidos pelo enredo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação. Esse princípio é da máxima importância. De modo geral, os pais educam seus filhos para o mundo presente, ainda que seja corrupto. Ao contrário, deveriam dar-lhes uma educação melhor, para que possa acontecer um estado melhor no futuro. (KANT, 2004, p. 22)

Kant propõe que construamos uma educação que traduza as maiores qualidades do ser humano, que condicione ao sujeito a noção de que ele deve estar em constante atenção quanto ao futuro. É para o futuro que devemos educar, é para o futuro que dissertamos aqui, é para o futuro que nos propusemos a refletir...

Com vistas a assimilar nossa contribuição ao panorama da educação do e para o futuro, essa dissertação se propôs a identificar nas produções literárias relativas aos heróis as principais figuratividades que moldam, expressam e refletem o comportamento social. Para isso, entendemos que os seres humanos, assim que se passaram a compreender a sazonalidade de suas vidas, passaram a construir elementos simbólicos para preencher de sentido o seu espaço de vivência entre o nascer e o morrer (MOSÉ, 2018). Nesse caminho, o herói entra na humanidade como uma forma de figurar os seus mitos, ideários comportamentais éticos, morais, posturais, que coadunem para a plena convivência harmônica (HARARI, 2018).

Para consolidar, então, uma proposta que será executada dentro da sala de aula, especialmente para as primeiras séries do Ensino Médio, discutimos a composição representativa das heroicidades que têm acompanhado a humanidade. Para isso, nos apoiamos em Campbell (1990) e Vogler (1998), importantes estudiosos que verificaram, nas grandes narrativas, uma perspectiva enunciativa singular. Tratamos, então, de como o Monomito ou Jornada do Herói foi e é importante para as sociedades humanas. Além disso, entendemos que essas premissas têm sido recorrentemente repetidas, a serviço de estágios compreensivos diretamente vinculados aos valores que os corpos sociais cultuam.

Nessa premissa, compreendemos que a trajetória pela qual o herói se efetiva como tal também pode ser enxergada nas histórias em quadrinhos, contribuindo positivamente para a consolidação eficiente e vantajosa de valores sociais, sobretudo na população em formação, nos estudantes. Daí, fundamentamos nossa abordagem pelas vias linguísticas, que compreendemos e analisamos no entendimento do que é um herói (BAKHTIN, 1997, 2006, 2010), versando quanto ao entendimento de que é a língua que dá sustentação à existência dessa figura no eixo

literário, sustentando ainda que as maneiras de abordagem estão diretamente atreladas à linguagem que se quer desenvolver pelo autor das narrativas.

Ainda nessa premissa teórica, foi nos importante a compreensão do conceito de Discurso para Foucault (2008), que estrutura os dizeres no campo socio-histórico e possibilita que uma abertura discursiva seja dada à qualificação por um ou outro viés. Em sequência, nos voltamos novamente a Bakhtin (1997, 2006, 2010), que partilhou conosco a visão dialógica da língua, isto é, em premissa de que os dizeres de hoje são sempre respostas a outros, que com eles vieram e lhes atravessaram, na construção da imagem do herói. Tendo em vista que a condição dialógica da língua a torna viva e, logicamente, mais eficiente para o ensino, foi nos viável a distinção entre Enunciação – o ato de fala – e Enunciado – o produto da enunciação – para situar as abordagens relativas ao herói em quadrinhos.

E se temos, então, um herói, que existe por conta da sustentação linguística, perpassado por discursos (FOUCAULT, 2008) e atravessado pelo dialogismo (BAKHTIN, 1997, 2006, 2010), então esse condiciona uma linhagem conteudística temática, atrelada a um estilo e a uma construção composicional (BAKHTIN, 1997, 2006, 2010). Sendo assim, frente à sua explanação relativamente estável para a promoção enunciativa, consolidamos que a história em quadrinhos é um gênero, porque, além disso, enquadra possibilidades de enunciação que se materializam no emprego interativo da língua.

Desse ponto em diante, nos abrimos ao vislumbre das histórias em quadrinhos e sobretudo da composição figurativa em torno do herói dentro dos ambientes escolares. Nesse ângulo a que nos dedicamos, foi nos necessário entender as recomendações de trabalho com esse gênero nos documentos oficiais de Educação do Brasil. Para essa formulação, analisamos passagens marcantes dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação (1998), bem como dos sequencias PCN+ (2002), de linhagem complementar, e da Base Nacional Comum Curricular (2017). Nosso último foco dessa discussão envolveu a relação dos dizeres dos documentos, em especial os da BNCC (2017) com a pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012, 2016), preocupação do GNL.

Por fim, nos propusemos à elucidação sugestiva de uma produção textual que envolva as nossas discussões em torno de língua, linguagem, discurso, enunciado, enunciação e dialogismo no gênero história em quadrinhos, com foco estrito na postura interventiva de um herói, criado pelos estudantes da primeira série do Ensino Médio, seja da rede pública ou privada, em ambiente virtual. Nossos objetivos aqui percorreram a projetiva do contato dos estudantes com os Multiletramentos, bem como a relação da atividade sugerida com os eixos cognitivos da Matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio.

Temos aqui a humildade de assumir que essa é apenas uma das possibilidades que acreditamos nos encaminhar quanto à formação que se espera para o futuro. Por isso, admitimos que as discussões aqui demarcadas jamais se construíram sem vislumbre dialógico, no sentido basilar, e poderão ser, novamente, postas em debate em face a mais e mais diálogos que as melhorem. Também reconhecemos que nossas abordagens não se esgotam. Pelo contrário, tudo que aqui foi levantado pode contribuir para mais e mais trabalhos nessa envergadura, é isso o que pretendemos!

Essa dissertação conseguiu fazer com que eu, Rafael, precisasse refletir ainda mais sobre a heroicidade em minha vida, tanto pessoal quanto profissional. Já ouvi dizer que, quando alguém escreve, está em busca por dialogar consigo, e é bem isso que os heróis desse texto fizeram comigo quando escrevi sobre eles, para eles, por eles... Possibilitaram-me que eu dialogasse comigo e que visse que é no diálogo que tudo funciona, porque de mim fui aos outros. Embora nada se resolva por completo, é o herói de cada um que torna cada detalhe de nossas vidas importante e especial.

Os caminhos que até aqui trilhei me fizeram entender que a maior heroicidade que alguém pode ter está na capacidade de driblar ético, moral, digno às inúmeras adversidades que sempre nos incorrem ao longo do viver. Com esse trabalho, espero ter construído, pelo menos, uma singela capa para os super-heróis do futuro. E meu desejo é que essa capa seja usada, gasta e que sirva de base para que mais e mais grandes heróis das salas de aula – os professores – consigam levar aos seus pequenos heróis – os estudantes – a nobreza do conhecimento e do reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**/ Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

ANDRAUS, Gazy. **A autoria artística das histórias em quadrinhos (HQ) e seu potencial imagético informacional**. Visualidades - Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual – FAV - UFG, 2013, vol. 7, n° 1, p.42-67.

ARAGÃO, José Wellington Marinho de & NETA, Maria Adelina Hayne Mendes. **Metodologia Científica**. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017. 51 p.: il. Disponível em: <[https://d1z6iibqlq5xbrx.cloudfront.net/producao/769645209d1749c4d2903b7283ffb7afcd74eb5333cda45f1deea28018c078ac\\_2019092615474515695236659043.pdf](https://d1z6iibqlq5xbrx.cloudfront.net/producao/769645209d1749c4d2903b7283ffb7afcd74eb5333cda45f1deea28018c078ac_2019092615474515695236659043.pdf)>. Acesso em 10 dez. 2020.

ARISTÓTELES. **Poética** (tradução de Baby Abrão). In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, 2009. Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/metodologia\\_do\\_trabalho\\_cientifico\\_1360073105.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/metodologia_do_trabalho_cientifico_1360073105.pdf). Acesso em 10 dez. 2020.

BAHIA, M. **A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada**. Educação, v. 35, n. 3, 5 nov. 2012.

BAKHTIN, M./ VOLOCHÍNOV. 1895-1975. **O discurso no romance**. In: BAKHTIN, M. M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1988, p.71-210.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin/ tradução por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª Ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior)

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. 12ª ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas**. In: Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1959-61/2010. p. 307-335.

\_\_\_\_\_. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34. 2013. (p.23-43)

BATMAN E ROBIN. “**O mistério da máscara ameaçadora**”. Califórnia: DC Comics, n° 327, 2000, reimp. [2014].

BRANDÃO, Helena Hatshue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BÍBLIA. **Gênesis**. In BÍBLIA. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. p. 01 - 89.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+): Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em 10 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM**. Brasília: INEP/MEC. Disponível em: < [https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz\\_referencia.pdf](https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf). Acesso em 09 de jun. 2021.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: Vários Escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. - São Paulo: Palas Athena, 1990. Disponível em: <[http://gepai.yolasite.com/resources/joseph\\_campbell\\_%20o\\_poder\\_do\\_mito.pdf](http://gepai.yolasite.com/resources/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf)>. Acesso em 10 dez. 2020.

CARLYLE, Thomas. **Os Heróis**. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1956.

CARVALHO, Janete Magalhães; LOURENCO, Suzany Goulart. **O silenciamento de professores da Educação Básica pela estratégia de fazê-los falar**. Pro-Posições, Campinas, v. 29, nº 2, p. 235-258, Agosto. 2018. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010373072018000200235&lng=e&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072018000200235&lng=e&nrm=iso) >. Acesso em 10 Dez. 2020.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella. **Metodologias ativas: introdução**/ organizadora. 1ª. ed. São Paulo: FTD, 2016.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008. 392 p.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 14ª ed. 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008a. 126 p.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin.** – São Paulo: Ática, 2008b. 144 p.

FOUCAULT, Michel. **Sobre as maneiras de escrever história: entrevista a R Bellour**, in MOTTA, M. da (org.). **Ditos e Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense. 2000. p. 66 a 77.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, - 7ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos: III; Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Org.: Manoel Barros da Motta/ Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 442 p.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve História da Humanidade.** Tradução de Janaína Marcoantônio. – 36ª edição. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018 (464 p.)

HOMERO. **Odisseia.** Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 25ª edição. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015 (424 p.)

\_\_\_\_\_. **Ilíada.** Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 25ª edição. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015 (536 p.)

INEP. **Matriz de Referência do Enem 2020.** Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz\\_referencia.pdf](https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf)>. Acesso em 10 dez. 2020.

IRWIN, Willian (org.). **Super-Heróis e a Filosofia: Verdade, justiça e o caminho socrático.** Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2009.

JONES, Gerar. **Homens do Amanhã: geek, gângsteres e o nascimento dos gibis** (Men of Tomorrow). Tradução de Guilherme da Silva Braga e Beth Vieira. - São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontanella. - 4. ed. rev. Piracicaba: Ed. Unimep, 2004.

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia.** Rio de Janeiro: LEYA, 2017.

LAFETÁ, João Luís. **A Dimensão da Noite e outros ensaios.** Org. Antonio Arnoni Prado. São Paulo, Duas Cidades / Ed. 34, 2004.

LDB – **Lei de Diretrizes e Bases.** Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em 03 de jun. 2021.

LISBOA, Adébio de Jesus Ribeiro & OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de. **A linguagem dos quadrinhos no Ensino Médio – Um caminho para estudar literatura brasileira.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 07, Vol. 03, pp. 63-80. Julho

de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/linguagem-dos-quadrinhos>>. Acesso em 10 dez. 2020.

LOPES, Scheila Mara Batista Pereira. **Literatura e outras mídias: diálogos possíveis**. III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil - II Fórum Latino-Americano de Pesquisadores de Leitura. Porto Alegre - EdPucRS, 2012. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S1/scheilalopes.pdf>>. Acesso em 08 de jun. 2021.

MAINGUENEAU, D. **Pragmática e discurso literário: leitura e crítica**. In: MAINGUENEAU – A leitura como enunciação. 2ª ed. São Paulo: Martins 1996. P. 31-59.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Lucas; CUSTÓDIO, Marcela; EGGERT-STEINDEL, Gisela. **Livro didático: o despertar da memória afetiva**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 13, p. 932-943, dez. 2017. ISSN 1980-6949. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1043/855>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MELO, R. **O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas**. In: PAULA, L. de.; STAFUZZA, G. (Orgs.) *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010. p. 235-264

MIGUEL, E. A. e outros. **As múltiplas faces do Brasil em curta metragem: a construção do protagonismo juvenil**. In: ROJO E MOURA. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p.211- 231.

MITTMANN, Solange. **Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MOSÉ, Viviane. **A espécie que sabe: do Homo Sapiens à crise da Razão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

NEVES, Sílvia da Conceição. Trabalho de Conclusão de Curso. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. Disponível em: < [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5588/1/2012\\_S%C3%ADlviadaConcei%C3%A7%C3%A3oNeves.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5588/1/2012_S%C3%ADlviadaConcei%C3%A7%C3%A3oNeves.pdf) >. Acesso em 04 de jun. 2021.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PAIVA, Fábio da Silva. Tese de Doutorado: **Histórias em quadrinhos na educação: memórias resultados e dados**. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18047>>. Acesso em 10 dez. 2020.

ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola.** In: ROJO, R; MOURA, E. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

\_\_\_\_\_. **Novos letramentos, tecnologias, gêneros de discurso.** In: SOUZA, S. & SOBRAL, A. (orgs.). Gêneros entre o texto e o discurso: questões conceituais e metodológicas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p.127-149.

SÁNCHEZ, Juan Escámez. **Ortega y Gasset.** Tradução: José Gabriel Perissé. Madureira – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 150 p.

SANTOS, Jefferson Fernando Voss dos. **A respeito de Bakhtin e Foucault: aproximações e disparidades entre os conceitos de enunciado.** Revista Linguasagem, São Carlos, v.12, n.1, mar/abril. 2010. ISSN: 1983-6988. Disponível em: < <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/viewFile/596/359#:~:text=J%C3%A1%20o%20enunciado%20propriamente%20dito,enunciado%20produto%20da%20intera%C3%A7%C3%A3o%20verbal> >. Acesso em 17 de jul. 2021.

SEVERO, C. G. **Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo.** In: PAULA, L. de.; STAFUZZA, G. (Orgs.) **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2013. p. 143-166.

SHIMAZAKI, Elsa Midori et al. **O Trabalho com o Gênero Textual História em Quadrinhos com Alunos que Possuem Deficiência Intelectual.** Rev. bras. educ. espec., Bauru, v. 24, n. 1, p. 121-142, mar. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141365382018000100121&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382018000100121&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 dez. 2020.

SILVA, Adriana Pucci Penteado de Faria e. Capítulo 2: Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 45 a 69.

SILVA, Nadilson M. da. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos.** INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145679190592438538598866043670438455063.pdf>>. Acesso em 06 de jun. 2021.

SILVA, Rafael Laytunher. **A Contribuição das Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis para a Formação de Leitores Críticos.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 - Edição 1 – Setembro - Novembro de 2011. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2017/filosofia\\_artigo/silvalaytynher\\_hqleituracritica.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2017/filosofia_artigo/silvalaytynher_hqleituracritica.pdf)>. Acesso em 17 de jun. 2021.

SILVÉRIO, Luciana Begatini Ramos. **O valor pedagógico das Histórias em Quadrinhos no percurso do docente de Língua Portuguesa.** I Jornada de Didática - O Ensino como Foco; I Fórum de Professores de Didática do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/O%20VALOR%20PEDAGOGICO%20DAS%20HISTORIAS%20EM%20QUADRINHOS.pdf>>. Acesso em 02 de jun. 2021.

SILVESTRE, Jota. **Quem é o leitor brasileiro de quadrinhos?** Disponível em: <<https://revistaogrito.com/papodequadrinho/2015/01/30/quem-e-o-leitor-brasileiro-de-quadrinhos/>>. Acesso em 10 dez. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p.

SOBRAL, A. A concepção de sujeito do Círculo. In: SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p. 47-60.

SUPERMAN: **Son of Kal-El**, Brasil: Brasília. Nº 01, 2021. (DC COMICS). Disponível em: <[https://hqdragon.com/leitor/Superman:\\_Filho\\_de\\_Kal-El\\_\(2021\)/01](https://hqdragon.com/leitor/Superman:_Filho_de_Kal-El_(2021)/01)>. Acesso em 26 de nov. 2021.

SUPERMAN. Burbank, CA, Estados Unidos: DC Comics. Nº 01, 1938. Disponível em: <[https://aminoapps.com/c/marvel-e-dc-amino/page/blog/primeira-hq-do-superman/lXGd\\_ngzCQugQ1GvWdMBXD8rwGrggoZvonM](https://aminoapps.com/c/marvel-e-dc-amino/page/blog/primeira-hq-do-superman/lXGd_ngzCQugQ1GvWdMBXD8rwGrggoZvonM)>. Acesso em 26 de nov. 2021.

SPIDERMAN. Amazing fantasy apresenta: **Homem Aranha**. New York, EUA: Marvel Comics. Nº 15, Vol. 01, 1962.

SÜSSEKIND, Maria Luísa. **A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas**. In: Revista Retratos da Escola. v. 13, n. 25 (2019) Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/issue/view/35>>. Acesso em 10 de dez. 2020.

VARGAS, Alexandre Linck. Tese de Doutorado. **A invenção dos quadrinhos: Teoria e crítica da sarjeta**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135497>>. Acesso em 04 de jun. 2021.

VINGADORES. **Scorpio: o Signo da Morte**. New York, EUA: Marvel Comics. Nº 72, 1970.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: Estruturas míticas para Escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1998. 226 p.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. **Histórias Em Quadrinhos: Panorama Histórico, Características e Verbo-Visualidade**. Darandina - revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF. Vol. 10; nº 2. 2017. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/darandina/files/2018/01/Artigo-Glayci-Xavier.pdf>>. Acesso em 06 jun. 2020.

WELDON, Glen. **A biografia não autorizada do Superman**. Tradução de Débora Guimarães Isidoro. - 1ª ed. - São Paulo: Leya, 2016. 384 p.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei & FRADKIN, Chris & YUNES, Maria Ângela Mattar. **Super-heróis como Recursos para Promoção de Resiliência em Crianças e Adolescentes**. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 33, pp. 1-8. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v33/0102-3772-ptp-33-e33425.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2020.

WOLF, Maryanne. **Carta número 01: A leitura, o canário na mente.** In: O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. – São Paulo: Contexto, 2019. p. 9-24.